

UNICENP
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**CAPITALISMO, EDUCAÇÃO E ESPORTES:
(DES) APONTAMENTOS SOCIOLÓGICOS.**

CURITIBA

2007

CARINE FERREIRA COSTA

**CAPITALISMO, EDUCAÇÃO E ESPORTES:
(DES) APONTAMENTOS SOCIOLOGICOS.**

Monografia apresentada à graduação de Educação Física do Centro Universitário Positivo como requisito parcial à obtenção dos títulos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física

Orientador: Ms. Alexandre França Salomão

CURITIBA

2007

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos os companheiros que lutam pela transformação radical da sociedade.

“Por isso meu companheiro, que trabalha o dia inteiro pra enriquecer o patrão, Te aponto um novo caminho para tua salvação, a salvação de teu filho e o filho do teu irmão: Te aponto o caminho novo da nossa Revolução.” Ferreira Gullar

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de destacar que desejo escrever meus agradecimentos em uma ordem “histórica” dos acontecimentos, pelo menos dentro dos meus pensamentos. Os primeiros que preciso agradecer são os meus pais, pois foi à força de trabalho deles que me proporcionou a vida que tenho e me transformou no ser humano que sou hoje.

Foram eles que dedicaram a vida para dar a mim e a minha irmã a melhor educação possível, para que pudéssemos nos encontrar no cenário de estamos de poder escolher o que queremos fazer com as nossas vidas.

Os meus pais que foram os dois pilares centrais que me proporcionaram poder realizar com segurança o meu primeiro obstáculo no mundo acadêmico. Pai e Mãe: amo vocês!

Eles que investiram na minha formação, por isso os primeiros e principais agradecimentos vão para vocês. Agradeço também a minha irmã Caroline Ferreira Costa que apesar dos nossos desentendimentos sempre esteve ao meu lado nesse período, saiba que eu também amo você.

Não posso cometer o equívoco de esquecer as pessoas que me ensinaram o verdadeiro significado da amizade e me acompanham desde a época que caminhávamos juntos para os treinos do colégio. São os meus amigos de infância Thiago Monteiro Leal, Lucas Rodrigues, Guilherme Araújo, Tatiane Dudeque, Thaís Bandeira, Ana Paula Arruda e César Henrique Farias.

Os amigos que me acompanharam durante esses anos dentro da graduação vivendo comigo os melhores e piores momentos dela, Daniele Veríssimo, Maickel Padilha, Rafael Rodrigues, Ana Carolina Rodrigues e Gilmar Ravazoli, vocês foram

meus companheiros em todas as horas, não preciso nem ressaltar aqui o quanto a participação de vocês foi importante, afinal vocês sabem disso melhor que ninguém.

Agradeço aos companheiros de movimento e de lutas, que não imaginam o quanto a determinação de vocês me ajuda a renovar as energias para continuar nessa caminhada sem volta que estamos percorrendo juntos: Luis Gustavo, Milena Nichel, Gabriel Conte, Pedro “O Tocha” e Laércio. Força na Luta!

Agradeço ao meu orientador e hoje amigo Alexandre França Salomão, foram muitas risadas por conseqüências das “joselitices” e broncas derivadas das minhas 'esquizofrenias' acadêmicas durante a construção do trabalho, mas mesmo assim o estudo saiu, não é mesmo.

Agradeço a você pela paciência que teve comigo ao longo desses dois anos. Foi você quem me incentivou a iniciar o trabalho, foi você quem o construiu comigo e me orientou todo esse tempo para que eu pudesse sempre superar os limites. Nesse momento nenhuma palavra conseguirá representar o quanto sou grata, mas acredito que continuaremos amigos ao término da graduação, por isso acredito que a melhor forma de agradecer será a cada dia lhe mostrar o valor que a sua amizade tem para mim.

Agradeço a dois dos principais mestres que tive o prazer de ter durante a graduação, os quais aprendi a admirar e ter como referência dentro da Educação Física e que foi presenteada com a presença deles na minha banca de defesa da monografia, são eles Professor Gonçalo Cassis Moreira do Carmo e o Professor Cláudio Hiroyoshi Miyagima.

Termino agradecendo a Thiago Ludovico Peplinski que nesse último ano me ensinou que é possível pensar coletivamente, também na vida pessoal e não somente na vida política. Um futuro até então desconhecido, mas com certeza um

passado e um presente que foram essenciais para eu conseguir realizar os últimos passos nessa etapa. Obrigada.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

RESUMO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1 CONCEITOS SOCIOLÓGICOS.....	14
2.1.1 Economia.....	14
2.1.2 Política	17
2.1.3 Ideologia	20
2.1.4 Poder	24
2.2 O MÉTODO MARXISTA.....	30
2.2.1 O Materialismo	30
2.2.2 O Materialismo Histórico.....	33
2.2.3 A Dialética.....	36
2.2.4 O Materialismo Histórico Dialético.....	38
2.3 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	40
2.3.1 A Educação Espontânea.....	40
2.3.2 A Educação do Homem Antigo.....	44
2.3.3 A Educação Feudal à Educação Burguesa.....	51
2.3.4 A Nova Educação.....	61
2. 4 A HISTÓRIA DO ESPORTE OLIMPICO.....	65
2.4.1 O Presidente do COI: Juan Antonio Samaranch.....	66

2.4.2 A História da Adidas.....	68
2.4.3 O Herdeiro da Adidas: Horst Dassler.....	77
2.4.4 O Presidente da Fifa: João Havelange.....	80
2.4.5 A Relação da Adidas e do COI.....	83
2.4.6 Um Exemplo: A Federação Internacional de Atletismo.....	86
2.4.7 O Processo de Escolha das Sedes dos Jogos Olímpicos: Os relatos de Seul e Barcelona.....	92
2.4.8 A Relação do Movimento Olímpico com o Bloco de Países Comunistas do Século XX.....	97
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS.....	103
3.5 Relações Econômicas	103
3.6 Relações Políticas.....	112
3.7 Relações Ideológicas	119
3.8 Relações de Poder	128
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	146
REFERENCIAL.....	155

RESUMO

Este estudo teve como objetivo principal estabelecer algumas relações entre a Educação e os Esportes, valendo-se das conceituações de Economia, Política, Ideologia e Poder. Metodologicamente foi realizada uma revisão analítica de literatura, no qual se buscou traçar comparações entre as transformações históricas na Educação - com base nos estudos de Aníbal Ponce - e as transformações históricas do Esporte - através dos trabalhos de Barbara Smit e Simson e Jennings. Para realizar as análises buscou-se uma perspectiva filosófica materialista-histórico-dialética para estabelecer os possíveis nexos entre a Educação e os Esportes na sociedade capitalista. Como resultado pode-se apresentar algumas das maneiras de como estas duas instâncias corroboraram na estruturação da sociedade capitalista e especialmente como a Educação Física e os Esportes cumprem papel fundamental na construção dessa mesma sociedade na atualidade.

Palavras – chave: Capitalismo, Esporte, Educação, Poder, Economia, Política e Ideologia.

ABSTRACT

This study it had as objective main to establish some relations between the Education and the Sports, using itself the conceptualizations of Economy, Politics, Ideology and Power. Methodologically was carried through an analytical revision of literature, in which if it searched to trace comparisons between the historical transformations in the Education - on the basis of the studies of Aníbal Ponce - and the historical transformations of the Sport - through the works of Barbara Smit and Simson and Jennings. To become fulfilled the analyses a perspective searched philosophical materialist-historic-dialectic to establish the possible nexus between the Education and the Sports in the capitalist society. As results can be presented some in the ways of as these two instances had corroborated in the structuring of the capitalist society and especially as the Physical Education and the sports they fulfill to basic paper in the construction of this same society in the present time.

Words - key: Capitalism, Sport, Education, Power, Economy, Politics and Ideology.

1 INTRODUÇÃO

“(...) filosofar é ver o relâmpago como fenômeno natural e não como vingança ou ameaça divina (...)”.

Com o desenvolvimento do capitalismo a sociedade contemporânea presencia as transformações que a indústria esportiva sofreu nas últimas décadas. O contexto esportivo deixou de lado o seu caráter amador e assumiu o profissionalismo como ponto máximo da carreira do atleta e de todo o sistema participativo envolvido no evento/espetáculo esportivo.

Sobre o contexto esportivo SIMSOM e JENNINGS (1992, p.48) relatam que cada esporte olímpico é controlado por sua federação internacional respectiva. No decorrer da década de 1960 para a de 1970, a maioria das organizações ainda eram amadoras. Elas se valiam de voluntários que diziam amar o esporte em questão, normalmente eram pessoas que haviam competido na juventude e por isso eles entravam no campo administrativo das federações.

Essa passagem do amadorismo para o profissionalismo ocorreu pelo menos num primeiro momento devido à junção do esporte com a publicidade. Teria sido o patrocínio esportivo, que teria dado impulso a esse profissionalismo.

Atualmente as competições esportivas são alvos de interesses de diversas empresas e algumas não possuem vínculo com o cenário esportivo, como por exemplo, a indústria de cigarros e bebidas.

Esse produto a que nos referimos é o Esporte. O interesse em torno dele chama a atenção pelo fato de que a competição saiu das limitações dos espaços físicos e atléticos e parece ter chegado aos escritórios de seus dirigentes.

Quando se assiste os atletas representando seu país em um campeonato internacional ou nas olimpíadas, é possível estabelecer a hipótese de que existam

relações para além do técnico e tático do movimento esportivo. Fala-se aqui de elementos de caráter político e econômico.

O esporte de alto rendimento não é somente uma forma de entretenimento, nos dias de hoje, ele se tornou um espetáculo envolvido por elementos de disputa de poder e dinheiro.

No processo de “comercialização” do esporte é possível observar a série de modificações que o mesmo sofreu para torná-lo mais atrativo.

Algumas frases famosas como, por exemplo, “Esporte é saúde” são conhecidas e compreendidas por muitos com essa idéia de esporte ser sinônimo de qualidade de vida. Ele também teria outra dimensão que seria uma abordagem de cunho ideológico.

Relacionando esporte à saúde, o atleta ao esporte e conseqüentemente o atleta à saúde estamos vendendo uma idéia, em que a teoria é uma, mas na prática ela pode se contradizer ou constituir-se em uma flagrante falácia.

A busca por melhores resultados é tão grande e necessária para o atleta, que o seu corpo pode não tornar-se tão saudável assim. Melhores resultados significam melhores patrocínios, por isso, essa caminhada até o primeiro lugar no pódio é exaustiva e muitas vezes o atleta não mede esforços e nem se intimida diante das conseqüências para chegar a ele.

O doping é um exemplo, pois muitas vezes pode estar presente na carreira de qualquer atleta de elite, e assim contrapõe totalmente o discurso de esporte é saúde.

Os telespectadores e/ou consumidores do esporte não assistem esse recurso dos atletas de buscarem meios ilícitos para obterem melhores resultados. Esse fato entre tantos, são exemplos do que na maioria dos casos não são divulgados pelos meios de comunicação.

Alguns acontecimentos marcaram o cenário esportivo, entre eles estão casos envolvendo o uso de substâncias ilícitas, como por exemplo, o caso do atleta Ben Johnson que chegou a ser proibido de competir.

Ainda no Atletismo, durante o primeiro Campeonato de Atletismo *indoor* em Indianápolis, em que nas competições do salto a distância, o árbitro Tomaso Aiello colocou antecipadamente o prisma ótico na areia para o equipamento registrar um salto de 8,38 metros e dar a vitória para o atleta italiano Evangelisti.

Mas a imagem visível à maioria ainda é a do ideal olímpico do amadorismo criado por Pierre Coubertin.

Esse discurso abrange o ideal olímpico, o *flair play*, defender a camisa da sua pátria e competir por amor ao esporte, entretanto esse discurso muitas vezes não é utilizado em significativos exemplos. Deixa de ser interessante um atleta, uma equipe que não traga resultados expressivos para seus organizadores e patrocinadores.

A indústria esportiva abrange diversos interesses, mas em nenhum deles esse antigo discurso se enquadra.

Essas organizações acumulam objetivos que estão além de uma medalha de olímpica. Elas acumulam objetivos maiores no ponto de vista econômico e político, através de uma ideologia criada e comercializada que culturalmente está impregnada pela sociedade capitalista ou pelo capitalismo propriamente dito nas características específicas de seu modo de produção.

Esses objetivos estão atrás de uma violenta disputa pelos mais poderosos cargos esportivos. Os dirigentes esportivos não alimentam mais em suas ações o amadorismo como palavra chave, quem direciona os organizadores atualmente é à busca do lucro e as recompensas auferidas pelas correlações de poder interpostas.

É através do poder que os objetivos econômicos e políticos são alcançados, e quem mascara todo esse conflito de discursos é a ideologia materializada e divulgada, via canais de mídia e oficiais por esses dirigentes.

Por conta disso, este estudo procurou refletir e discutir sobre a como se apresentam as contradições que existem entre os discursos e as práticas esportivas a partir das relações entre poder, política, economia e ideologia?

Buscou-se analisar essa relação devido ao fato desses 'mascaramentos', ou pelo menos a constatação de que eles existem e de que ocorre algum tipo de omissão (por parte dos poucos que detém o poder no esporte) e o desconhecimento (pelos muitos que de algum modo se envolvem com o fenômeno esportivo).

Para conseguirmos elaborar esta análise utilizamos os elementos sociológicos já mencionados para pesquisar a resposta deste estudo, são eles: ECONOMIA, POLÍTICA, IDEOLOGIA E PODER. Pois tentamos relacionar o desenvolvimento esportivo de acordo com as suas relações de Poder.

A disputa por esse Poder no meio administrativo do esporte é que nos chama a atenção. O Poder tal qual como força de uma sociedade, ¹ nesse caso a sociedade esportiva, assim como em um corpo político tradicional, o Poder vem sendo usado em benefício de uma classe que corresponde à menor parte dos sujeitos envolvidos e que formam por assim dizer o corpo político esportivo em questão.

Tendo em vista, a maneira que o Poder é englobado e manuseado dentro do cenário esportivo e partindo deste pressuposto que procuramos demonstrar, nos remetemos ao fato central de como as pessoas que administram esse cenário

¹ Não é dogmaticamente que eu proponho esta definição (outras são possíveis), mas simplesmente para ressaltar que, sem o uso da noção de força, a definição seria visivelmente defeituosa. Se, numa democracia, um partido tem peso político, é porque tem força para mobilizar certo número de eleitores. Se um sindicato tem peso político, é porque tem força para deflagar uma greve. Assim, força não significa necessariamente a posse de meios violentos de coerção, mas de meios que me permitam influir no comportamento de outra pessoa. "A força não é sempre (ou melhor; é rarissimamente) um revólver apontado para alguém; pode ser o charme de um ser amado, quando me extorque alguma decisão." Lebrun: O que é poder. p.30

utilizam esse Poder para fins pessoais e assim alteram o desenvolvimento das competições e os demais aspectos que compõem o mundo esportivo.

Assim sendo, analisamos o conceito de Poder e sua aplicação no cenário esportivo, em que os conceitos Economia, Política e Ideologia foram relacionados com a realidade olímpica, no período entre 1950 a 1992, por ser o período que os autores utilizados destinaram uma maior atenção e dentro das literaturas existe uma riqueza de detalhes sobre os acontecimentos.

A educação física tem como um dos seus conteúdos de ensino o esporte. A escola é muitas vezes o canal entre o amadorismo e o profissionalismo. O discurso sempre é o mesmo, a prática é outra e as crianças se tornam cada vez mais os principais alvos por serem um público mais fácil de atingir.

Levando-se em conta que o mundo esportivo esta cada vez mais restringindo o seu acesso. Consumimos e colaboramos nesse universo que se movimenta através do lucro, e estamos sendo lançados agressivamente para fora dele.

Estamos presenciando uma violenta guerra entre o idealismo comercializado e a realidade na qual vivemos e é nessa disputa que as regras do universo esportivo são determinadas. Investigar os nexos contidos na aparência do fenômeno é uma tarefa que também parece ser alvo de preocupações para aqueles que trabalham com a Educação Física e em especial aqueles voltados para o mundo do esporte.

O cenário esportivo está incluso dentro do corpo social em que vivemos por isso o processo de desenvolvimento do esporte que analisamos é consequência de uma série de acontecimentos históricos que desviaram o caminho do esporte atual do discurso do amadorismo que ele carrega consigo no decorrer da história.

Desta forma estruturamos para o desenvolvimento desta pesquisa o objetivo geral de verificar como se apresentam as alterações que existem entre os discursos

e as práticas esportivas valendo-se para análise dos conceitos de poder, política, economia e ideologia.

A idéia geral foi de analisar o fenômeno esportivo a partir de alguns elementos da conceituação sociológica (Poder, Economia, Política e Ideologia), traçando um paralelo comparativo entre as transformações históricas ocorridas no campo da Educação e dos esportes olímpicos, inclusive no panorama do futebol.

Assim no primeiro Capítulo apresentamos uma conceituação dos elementos sociológicos: Poder, Economia, Política e Ideologia seguidas de um parecer a partir dos estudos de Georges Politzer sobre a filosofia do Materialismo Histórico Dialético para uma melhor compreensão. No segundo Capítulo foi relatado o desenvolvimento da Educação a partir da divisão de classes sócias de acordo com o livro “Educação e Luta de Classes” do escritor Aníbal Ponce.

O terceiro Capítulo teve como tema o desenvolvimento do Esporte Olímpico de acordo com o livro “Os senhores dos Anéis”, elaborado por Vyv Simson e Andrew Jennings e para uma melhor fundamentação utilizamos também o livro “Invasão de Campo” escrito por Barbara Smit.

Na seqüência elaboramos a Análise e Discussão dos dados apresentado mostrando as histórias do desenvolvimento da Educação e do Esporte, e com o objetivo de constatar se a divisão de classes sociais influenciou no desenvolvimento do Esporte como ocorreu na Educação e tentamos criar supostas hipóteses sobre a possibilidade de existirem algumas analogias entre os fenômenos. E por fim, nas Considerações Finais apresentamos um parecer do que julgamos pertinentes de acordo com o estudo realizado.

Tendo em vista o objetivo de termos realizado uma comparação a partir do desenvolvimento da Educação e do Esporte e o estudo serem referente às Ciências Sociais, estaremos utilizando neste estudo uma abordagem da pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa que estaremos utilizando o cenário esportivo para tentarmos entender a relação entre causa e efeito do fenômeno e assim chegar a uma suposta verdade ou razão, pois este método de pesquisa tem como natureza de seu problema situações complexas ou estritamente particulares. (OLIVEIRA, 1999, p.117)

Os estudos que se utiliza de uma abordagem qualitativa, possuem a possibilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança de criação ou formações de opiniões de determinado grupo e permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos, como afirma OLIVEIRA (1999, p.117).

Esse tipo de abordagem leva o pesquisador a uma série de leituras sobre o assunto, para descrever ou relatar minuciosamente o que os diferentes autores ou especialistas escrevem sobre o assunto e assim estabelecem uma série de correlações para ao final, darmos o nosso ponto de vista conclusivo. (OLIVEIRA, 1999, p. 117)

Nesta abordagem qualitativa utilizaremos técnicas de pesquisa bibliográfica que implica em procurar explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos em que busca conhecer e analisar as contribuições

culturais e científicas do passado existente sobre um determinado assunto, tema ou problema. (CERVO e BERVIAN, 1996, p. 48).

Por isso, o estudo terá ênfase em análise documental a partir da utilização de um método comparativo que consiste em investigar coisas ou fatos e explicá-los segundo suas semelhanças e suas diferenças.

Geralmente esse método comparativo aborda duas séries de natureza análoga tomadas de meios sociais ou de outra área do saber, a fim de detectar o que é comum a todos. (FACHIN, 2002, p. 37)

A coleta de dados foi realizada a partir de referências bibliográficas consideradas pertinentes ao tema, que versassem sobre os nexos entre a conceituação sociológica sobre a filosofia marxista, a educação, o esporte e olimpismo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CONCEITOS SOCIOLÓGICOS

2.1.1 Economia

“À medida que a esfera do trabalho se alarga, a do riso diminui.” OCTAVIO PAZ.

Como constatamos a partir do estudo feito sobre o elemento sociológico Poder, a economia faz parte das dimensões sugeridas por Marx de como a sociedade se estruturou historicamente, segundo LEBRUN (2001, p.30).

Por conta disso, o estudo desse elemento sociológico se torna de total relevância para nosso estudo. Assim, para tentarmos entender melhor a sua importância e o seu significado dentro da estrutura social a que pertencemos, fizemos menção as pesquisas realizadas por Paul Singer em seu livro “O Que é Economia?”.

O autor defende que a economia junto com a política forma os dois pilares de uma sociedade. A economia é a maneira pela quais as pessoas produzem o bem material na sociedade.

A sociedade é movimentada por duas relações: a relação do homem com a natureza e a relação do homem entre os homens. Partindo dessas relações o mundo é constituído, e o sujeito dentro dele se torna constitutivo.

No marxismo podemos responder a constituição do mundo dentro da economia relacionando ela com a classe operária. Essa classe tornou-se sujeito

constitutivo dessa sociedade, porém ela não cria as condições da sua própria existência o que faz com que vivam em torno da alienação e não da criação de condições melhores.

A estrutura econômica, como já foi ressaltada acontece a partir dessa relação do homem no mundo em dois aspectos, nas forças produtivas e nas relações de produção. A classe operária é quem movimenta essa força produtiva e as relações de produção nascem da relação entre as duas classes. Essa relação entre classes dá impulso ao capitalismo que é quem fortalece essa divisão social.

O capitalismo é quem faz com que ocorra a mudança nessa relação do homem com o mundo e é a economia que o fortalece.

Partindo de uma perspectiva marxista a Economia é considerada uma prática social dentro da sociedade capitalista. Assim a atividade econômica é encarada como coletiva e, portanto é realizada por um grupo de pessoas, ou seja, uma sociedade. Essa atividade é praticada a partir de uma divisão social de trabalho.

Em uma sociedade capitalista onde a atividade econômica é movimentada através da divisão de classes sociais, a partir da existência de duas classes distintas, são elas a classe dominante/exploradora e a classe dominada/explorada.

O modo de produção dessa sociedade ocorre através da propriedade privada, mesmo que existam algumas entidades governamentais, podemos denominar como empresas essas propriedades, seja ela privada ou estatal, elas tem como seus proprietários, a classe dominante.

Cada empresa se especializa em um tipo de produto e/ou mercadoria ou serviços que serão os seus fatores de produção. Para que essa mercadoria ou esse serviço seja produzido são necessários dois fatores essenciais são elas a matéria prima e a mão de obra, como já explicamos no item anterior.

A partir disso, a classe dominada oferece o seu trabalho, que nesse caso é a sua força de trabalho para o dono dessa empresa e assim ele passa a produzir o serviço ofertado. Em troca, o trabalhador recebe uma remuneração que é o seu salário que passa a ser a sua forma de subsistência.

A empresa coloca no mercado a sua mercadoria à venda. O custo dessa mercadoria passa a ser o valor gasto para a sua produção que incluem a matéria prima e a mão de obra do trabalhador e além dele é adicionado nesse valor uma quantia que é referente ao lucro que é do dono da empresa.

É desta margem de lucro que são feitas às remunerações do espaço e do capital que corresponde o ganho do proprietário. Como afirma SINGER (1993, p. 25) “O lucro total ou “excedente social” tende a ser maior que a soma daquelas remunerações; a diferença é o lucro retido na empresa, que serve para fazer novos investimentos, ou seja, para acumular capital”.

Vamos denominar agora a classe dominante como burguesia e a classe dominada como proletariado. A burguesia que representa as empresas, que são quem possui o capital, com a sua produção para o acúmulo de capital, atende uma determinada demanda da necessidade da sociedade. Ou seja, a sociedade precisa de um número x de par de sapatos, de camisetas, de calças e etc., assim cada empresa suprira uma parte dessa necessidade.

Mas nesse mesmo período de necessidade da população, produção da mercadoria e consumo da mesma, as empresas competem entre si pelo mesmo mercado o que caracteriza a sociedade capitalista. Para receber o produto o consumidor tem que dar em troca um “produto” que tenha o mesmo valor do produto que ele necessita. Para comprar esse produto o consumidor utiliza o dinheiro.

O dinheiro é segundo SINGER (1993, p, 29) “(...) uma promessa do valor, que se contrapõe às mercadorias à espera da realização do seu valor. Para o possuidor do dinheiro, a promessa realizar-se-á quando puder trocá-lo por bens e serviços”.

Por consequência dessa circulação de compra e venda, isto é, a produção e o consumo da sociedade, esse ciclo de produção só continua ocorrendo se o valor que o patrão receber pela mercadoria produzida, volte para ele em quantia o suficiente para pagar os gastos dos fatores de produção e deixar um resíduo que possibilite uma acumulação mínima de capital.

Não basta que somente o valor gasto na produção da mercadoria volte para o patrão, mas que nesse valor esteja incluso uma quantia a mais, a chamada “mais valia” na teoria marxista. Essa “mais valia” será a garantia para que esse ciclo de produção continue.

E é a partir disso que podemos considerar o mercado como o regulador da produção capitalista na sociedade. Esse mercado se baseia na divisão de classes sociais, em que poucos ganham muito e muitos ganham pouco pelo que produzem.

2.1.2 Política

“A indiferença é o peso morto da história. É a bola de chumbo para o inovador, é a matéria inerte na qual freqüentemente se afogam os entusiasmos mais esplendorosos.” GRAMSCI.

No início de nossa pesquisa, ao consultarmos os estudos de LEBRUN (2001), vimos que o autor destacou três dimensões que Marx considerou essenciais para a compreensão do corpo social em que vivemos.

Por isso, tanto quanto estudar o significado da economia, tornou-se preciso nos aprofundarmos também no conceito que do elemento sociológico que compõem

junto com a Economia, as três dimensões propostas por Marx, esse elemento seria a Política.

Portanto, para conhecermos o seu significado, fizemos uso dos estudos realizados por Marilena Chauí (2002), intitulado “Convite à Filosofia”.

Em sua pesquisa a autora ressalta que a palavra Política tem é de origem grega “*ta politika*” e é vinculada a *Polis* que é entendida como a cidade, a comunidade organizada formada pelos cidadãos que são conhecidos como os *politikos*.

Muitas vezes utilizamos o termo Política para significar uma atividade específica ou para significar uma ação coletiva. Assim a Política surge a partir das relações do sujeito dentro do corpo social a que ele pertence.

Qual seria o significado da palavra Política é ao que vamos nos referir nesse momento. O termo política pode se referir a tudo que ocorra em relação à organização e gestão de uma instituição pública ou privada.

Podemos então relacionar Política em dois patamares que estão interligados. O primeiro deles é utilizado para nos referirmos a uma atividade que exige formas organizadas de gestão institucional e, no segundo campo a Política é usada para nos referirmos ao quadro em que organizar e gerir uma instituição envolve questões de Poder.

Por isso podemos por enquanto nos remeter ao fato de que a Política diz respeito a tudo quanto envolva relações de poder ou a tudo quanto envolva organização e administração de grupos. CHAÚÍ (2002, p. 368)

Para acompanhar o desenvolvimento do Estado e as respectivas atribuições conferidas aos governos de cada região, a Política passou a receber uma ampliação do campo das atividades políticas, que passaram a abranger questões

administrativas e organizacionais, além das decisões e econômicas e seus serviços sociais, como afirma CHAUÍ (2002, p. 368).

Ainda utilizando dos estudos de CHAUÍ (2002, p. 368), podemos dizer que a ampliação do significado da Política e a sua função como agente social tomou proporções inesperadas e ela passou a ser generalizada a todas as modalidades de direção de grupos sociais e administração e organização que envolva Poder.

Podemos então dar três significados principais do termo Política que estão interrelacionados.

O primeiro significado do termo Política refere-se à ação dos governantes que detêm a autoridade para dirigir a coletividade organizada em Estado, bem como às ações da coletividade ou contrárias á autoridade governamental e mesmo à forma do Estado. (CHAUÍ, 2002, p.368)

Em um segundo momento com um sentido diferenciado a Política aparece como algo distante da sociedade, uma vez que existem profissionais na sociedade que são encarregados dos Estados e detém o Poder. Assim essas pessoas fazem a Política “por eles” e não “por nós”. (CHAUÍ, 2002, p. 369)

Por fim com um significado derivado do segundo sentido, este terceiro significado é o mais corrente para o senso comum social e resulta em uma visão pejorativa do termo Política.

Essa visão consiste em que o Poder que faz parte das relações Políticas, aparece como um Poder distante da maioria da população, esse Poder é manuseado por pessoas diferentes dessa maioria, através de práticas secretas que prejudicam a maioria. (CHAUÍ, 2002, p.369)

Portanto, as obrigações políticas das relações de poder dentro de uma sociedade como o Poder Legislativo e Executivo, são usadas contra a própria Política.

A partir do momento que a Política surge para organizar os bens coletivos e as relações entre si, a Política que é interligada com diversos fatores sociais, entre eles a Economia, passa a ser uma ferramenta de um pequeno grupo de pessoas.

A Política que nasce para ser algo que beneficie a população passa a ser um bem que não favorece a grande massa proletária e sim favorece a um pequeno grupo que detém o Poder composto pela classe dominante.

Percebemos então que a organização política da sociedade, juntamente com a estrutura econômica que foi estabelecida dentro dela, juntas formaram o principal mecanismo para a obtenção do poder por um determinado grupo que foi se estabelecendo historicamente.

Mesmo ambas terem se estabelecido para atender as necessidades da grande massa populacional, por conta da maneira com a qual os detentores do poder passaram a manuseá-lo, elas passaram em grande parte a atender as necessidades desse grupo.

2.1.3 Ideologia

“A Ideologia é um fenômeno complexo que privilegia a aparência da realidade, encobrindo as contradições sociais.”

Entre as dimensões propostas por Marx, que LEBRUN (2001) ressalta com força em seus estudos estão da Economia, a Política e a Ideologia. Partindo dessa premissa o nosso objetivo foi estudar essas três dimensões mais a fundo para

estarmos compreendendo melhor os estudos de Marx e o método que ele propõe que é o Materialismo Histórico Dialético.

Analisamos a Economia e a Política, agora chega a hora de nos aprofundarmos nos estudos relacionados à Ideologia para conhecermos melhor quais são os pensamentos em volta dela.

Para fazermos isso, utilizamos os estudos de Marilena Chauí em seu livro “O Que é Ideologia”, por isso todas as idéias defendidas aqui partem desta obra.

A autora ressalta que o termo Ideologia apareceu pela primeira vez no ano de 1801 no livro de Destutt de Tracy, o autor pretendia elaborar uma ciência das idéias, em que ele as trataria como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano, como organismos vivos como meio ambiente segundo CHAUI (1998, p. 22).

Em seu estudo Tracy procura entender como atuam sobre o indivíduo e as diferentes massas, a produção do trabalho e as diferentes formas que a sociedade assume e foi assim que nasceu o estudo do significado de Ideologia.

Foi Augusto Comte, que deu dois significados para o termo Ideologia. Um deles seria que a Ideologia continua sendo aquela atividade filosófica científica que estuda a formação das idéias a partir da observação das relações entre o corpo humano e o meio ambiente; o segundo significado seria que Ideologia passa a significar também o conjunto de idéias de uma época, sendo utilizada como “opinião geral” quanto como no sentido de elaboração teórica dos pensadores da época, como afirma CHAUI (1998, p. 26).

O positivismo de Augusto Comte, que em seus estudos ainda tentava elaborar uma explicação para a transformação do espírito humano, em que ele

interpretava essa transformação como um progresso ou uma evolução na qual o espírito passa por três fases distintas.

A primeira fase seria a fetichista ou teológica, na qual os homens explicam a realidade através de ações divinas. A segunda fase é a metafísica em que a realidade é explicada por meio de princípios gerais e abstratos e por fim, a terceira fase seria a positiva ou científica, na qual os homens observam e analisam a realidade e encontram as leis gerais e necessárias dos fenômenos naturais e humanos e elaboram uma ciência da sociedade, que é a Física Social ou a Sociologia, que serve de fundamento positivo ou científico para a ação individual (moral) e para a ação coletiva (política), é considerada também a última etapa do progresso humano. CHAUÍ (1998, p.26)

Na concepção positivista da Ideologia possui três conseqüências principais. A primeira delas define a teoria de tal modo que a reduz a uma simples organização sistemática e hierárquica de idéias, sem jamais fazer da teoria uma tentativa de explicação e interpretação dos fenômenos naturais e humanos a partir da sua verdadeira origem. (CHAUÍ, 1998)

A segunda conseqüência estabelece entre a teoria e a prática uma relação autoritária de mando e obediência. E por fim a terceira conseqüência concebe a prática como simples instrumento ou como mera técnica que se aplicam automaticamente regras e normas vindas da teoria, como afirma CHAUÍ, (1998, p.28).

Em seus estudos Marx e Engels ao estudar Ideologia não separa a produção de idéias e as condições sociais e históricas nas quais são produzidas, porém, segundo CHAUÍ (1998, p. 32) é exatamente essa separação que caracteriza a Ideologia.

A história a qual estamos nos referindo pode ser observada e analisada sobre dois aspectos distintos, a história da natureza e a história dos homens, mas, no entanto essas duas histórias são inseparáveis.

Enquanto existir história e a relação entre o homem e a natureza essas histórias continuarão a se relacionar. Podemos analisar a Ideologia de acordo com a história do homem em que ela se reduz ou tem sua concepção distorcida desta história ou a uma abstração completa de si mesma. CHAUI (1998, p.34)

Em seus estudos CHAUI (1998, p. 35) destaca que Marx concebe a história a partir de um conhecimento dialético e materialista da realidade social. Nessa concepção encontramos também a filosofia hegeliana, que ao mesmo tempo em que é criticada por Marx tem seus aspectos essenciais conservados.

Entre esses aspectos da concepção hegeliana, Marx conserva as diferenças entre abstrato e concreto, imediato e mediato, aparecer e ser. Os aspectos hegelianos conservados por Marx, para entender o significado do termo Ideologia temos o que Hegel pode considerar como Alienação.

Essa Alienação ocorre a partir do momento em que o homem (sujeito) não se reconhece como produtor das obras e como sujeito da história e passa a encarar essas obras e essas histórias como forças estranhas, alheias a si mesmo que o dominam e o perseguem.

Com os pensamentos de Chauí expostos, sobre o último termo que estudamos que é a Ideologia, percebemos que a Economia, a Política e a Ideologia estão interligadas a partir das relações de poder para compor o modelo de sociedade que o capitalismo defende.

Por isso, a Ideologia é a forma que a classe que detêm o poder consegue fazer com que a grande massa populacional enquanto estão trabalhando e quando o

estão, eles não se ocupem de observar a maneira com que estão sendo submetidos a esse poder.

2.1.4 Poder

“O Poder consiste num conjunto de relações de força que indivíduos ou grupos sociais estabelecem entre si a partir de sua situação na sociedade.”

Para compreendermos melhor a conceituação e o significado do termo sociológico Poder, utilizamos os estudos realizados por Gerard Lebrun, em seu livro “O Que é Poder?”. Assim, todos os pensamentos provêm dessa obra.

Na tentativa de entendermos como se forma um corpo social podemos usar como referência o seguinte exemplo: um indivíduo quando faz parte de um grupo, como a sua família, por exemplo, passa a integrar um grupo de pessoas. A sua família faz parte de um grupo maior, que é o grupo de famílias que compõe o bairro onde eles moram. O bairro em que esta família mora constitui o grupo dos diferentes bairros que são parte da cidade.

As diversas Cidades formam o Estado. Os vários Estados formam o País, os Países formam os Continentes e por fim os Continentes formam o Mundo. Esses grupos de pessoas formam uma sociedade e são eles quem movimentam esse cenário coletivo.

Para cada grupo desse ser constituído é necessário que as pessoas enquanto grupo, mantenham relações entre si. Uma pessoa é um corpo individual, quando ela

passa a ter relações com outras pessoas, ele passa a compor um corpo social que representa a população.

Cada ação do indivíduo dentro desse coletivo passa a ter influência nas vidas das outras pessoas que também são membros daquele grupo.

Percebemos que precisamos manter relações com as outras pessoas para que a sociedade consiga manter um funcionamento adequado. Uma vez que todos nós formamos o corpo social e/ou a sociedade, são os nossos atos que permitem que esse movimento de relações pessoais e profissionais continue existindo.

Teoricamente podemos considerar que temos a mesma importância dentro da sociedade, o mesmo ocorre com a maneira com que conduzimos nossos atos no decorrer das nossas vidas, partindo da premissa que precisamos viver em grupos para dar continuidade ao ciclo de funcionamento da sociedade.

Esses grupos que vão se formando para a constituição da sociedade, que via de regra historicamente se forma a partir do processo econômico que a sociedade implanta na sua distribuição de renda.

É através da distribuição de renda que a divisão das classes sociais surgiu na sociedade. Partindo dessa premissa sabemos que a divisão da sociedade e sua distribuição de renda aconteceram a partir do método implantado do modo de produção.

Na sociedade em que vivemos esse modo de produção é baseado no sistema capitalista de distribuição de renda. No momento em que o processo de troca de mercadorias, seguido da descoberta do ouro, conseqüentemente o surgimento da moeda que foram seguidos pela Revolução Burguesa, que foi quando o Capitalismo recebeu o seu maior impulso e se fortaleceu nos países europeus e suas respectivas colônias.

Assim dentro da sociedade e da divisão de trabalho as pessoas começam a ter a necessidade que haja um grupo que organize a sociedade e suas formas de trabalho. Assim então surge o Poder dentro da sociedade e é ele que intensifica a permanência de duas classes: a classe dominante e/ou exploradora e a classe dominada e/ou explorada.

A classe dominante corresponde a menor parte dessa sociedade. É essa classe que tem o controle dos meios de produção. Para obter os benefícios desses meios de produção é preciso dois fatores essenciais, são eles: a matéria prima que é cedida pelos meios naturais e a mão de obra que é cedida pela classe dominada.

O Poder passa ser um “privilégio” do menor grupo dessa sociedade, a classe dominante. Durante a história o Poder poderia ser entregue a uma classe perante um sistema Monárquico de governo onde ele era mantido a partir de um sistema hierárquico e conseqüentemente sempre pertencia somente aquele grupo sem possibilidade de mudança.

E no decorrer dos acontecimentos nas diferentes nações foi implantado um sistema democrático para designar o Poder, as pessoas que iriam organizar a sociedade passariam por um outro processo para receber o Poder. Essas pessoas em um sistema democrático são escolhidas por um consenso comum da maior parte da população e elas o possuem por um determinado tempo.

A função das pessoas que obtém o Poder, esses líderes escolhidos para organizar a sociedade seria tomar decisões que beneficiassem a maior parte da população. Porém a obtenção do Poder por um determinado grupo passou a significar a não – obtenção de poder pela maioria. Essa maioria representa a maior parte da população, isto é, a classe dominada.

Segundo LEBRUN (2001, p. 18) “... o poder é *mercadoria rara*, que só podemos possuir às custas de outra pessoa. Ou ainda: que o poder que possuo é contrapartida do fato de que alguém não o possui.”.

O Poder então passou a ser sinônimo de dominação pela classe dominante de uma sociedade. Essa dominação passou a ser a força que assegura a permanência do Poder para a classe dominante.

Em O que é Poder, LEBRUN (2001, p.19) argumenta que alguns acreditam na idéia de que o poder – dominação não é um fenômeno vinculado a toda organização política, pois se caracteriza sobre uma sociedade com algumas condições patológicas que seriam a sociedade de classe, enquanto um outro grupo acredita que não poderia haver organização política em nenhum panorama sem ocorrer à dominação.

Não é possível haver uma sociedade sem unificação e por isso é necessário que se constitua esse corpo político e o Poder seja transmitido a uma pessoa para que ela possa cuidar e tomar decisões por todos.

Assim as pessoas que participam desse corpo político são tidas como cidadãos e em contrapartida acumulam uma série de obrigações. Quando o cidadão não cumpre com as suas obrigações ele é punido, por exemplo, cada cidadão tem que pagar seus impostos, se ele atrasa o pagamento ou não o efetua isso gera uma série punições.

Porém o Poder passou a encaminhar os acontecimentos dentro de uma sociedade e passamos então a analisar a atitude do homem perante o excesso de Poder. As formas de Poder evoluíram juntamente com as formas de aplicá-lo e trouxeram conseqüências.

Esse Poder foi burocratizado e assim passou a ser uma “coisa” dentro da sociedade. Ele passou a ser um método de domesticar as pessoas e a palavra Poder passou a ser um nome atribuído a um conjunto de relações que permeiam por toda a parte do corpo social.

O poder surge na sociedade e passa a ser então um mecanismo de manipulação e/ou opressão usados para manter o sistema e esta associada à classe dominante. Para LEBRUN (2001, p. 17) “os libertários apresentam o todo Poder como um monstro abominável, perante o qual os súditos temerosos e trêmulos, sempre dobrariam os joelhos”.

Uma classe tem poder sobre a outra e a sobrevivência da maioria depende da aceitação ou não desse Poder exercido sobre a classe explorada. A dominação está baseada em uma perspectiva econômica.

Essas relações entre capitalismo e divisão de classes sociais apresentam uma capacidade de exploração máxima da classe dominante. O poder pertence a quem dita as regras, mas é necessário que ocorra uma disputa por esse Poder.

Essa disputa faria com que as pessoas que obtém o Poder, tomassem decisões mais amenas para o bem estar da maioria da população. Porém devido ao fato da sobrevivência de uma classe depender diretamente da dominação que a classe opressora exerce sobre ela, essa a disputa muitas vezes se torna desigual.

Essa predominância de uma classe sobre a outra e o movimento dessa sociedade passa a ser somente a realização e a busca de objetivos individuais dessa classe opressora e o interesse coletivo é deixado para trás.

Com isso a batalha por esse Poder fica somente dentro da classe dominante e seus membros, o que faz com que a classe oprimida permaneça sempre nas mesmas condições, tirando o direito de quem pertence a ela de buscar o Poder.

É necessário dentro de uma sociedade alguém responsável por decidir e legislar. O soberano a quem pertence o Poder, que é quem tem a possibilidade de criar e executar as leis passa a conceder a si mesmo alguns privilégios em busca da realização de objetivos pessoais ou objetivos do pequeno grupo a que pertence.

Para Marx citado por LEBRUN (2001, p. 25), se torna necessário uma organização coletiva dessa classe dominada para buscarem esse poder. Somente assim haverá a possibilidade de igualdade entre os cidadãos que compõem a sociedade.

A partir do momento em que houver um equilíbrio nessa divisão de poder ou até mesmo esse poder mudar de mãos, as formas de opressão entre explorador e explorado passarão a ser mais igualitárias. Se essa classe mudar suas próprias condições ela conseqüentemente mudará a história.

O autor fundamenta afirmando que em sua teoria Marx defende que o poder se identifica em três dimensões dentro de uma sociedade. A primeira delas seria a “Dominação econômica” onde a quem pertence o capital apropria-se do direito de explorar. (LEBRUN, 2001, p. 30)

A segunda seria a “Dominação política” que se dá pelo estado e seus funcionários que defendem os direitos da burguesia. E a terceira seria a “Dominação ideológica” que consiste na predominância do capitalismo através de mecanismos opressores. A relação entre poder, economia, política e ideologia formam estrutura da teoria marxista. (LEBRUN, 2001, p. 32)

Portando, podemos verificar que o manuseio desse poder é essencial para que a sociedade continue funcionando. Uma vez que a possibilidade do poder existir dentro da sociedade seja de total importância para que ela possa seguir os

caminhos que seus líderes consideram pertinentes, ele passou a ser uma ferramenta essencial para que esse movimento permaneça estruturado.

A reflexão aqui é nos perguntarmos como essas relações são estabelecidas e a partir disso, como essa ferramenta é utilizada dentro da sociedade. Como o autor Lebrun afirma é as maneiras como as pessoas se comportam quando recebem esse poder que modifica as situações dentro da sociedade. Esse seria o foco das nossas reflexões sobre o poder.

No entanto não podemos esquecer que as maneiras como as pessoas recebem o poder é de vital importância para a nossa compreensão, pois é preciso ter conhecimento de como historicamente foi se estabelecendo esse privilégio de deter o poder.

2.2 O MÉTODO MARXISTA

Para compreender a sociedade e as relações de Poder presentes em uma sociedade capitalista, Karl Marx e Friederich Engels a partir de uma abordagem hegeliana elaboraram o método do materialismo histórico dialético. Para formularem o materialismo dialético eles entendiam as relações de poder em três dimensões que se entrelaçam, seriam elas a econômica, a política e a ideológica.

Por conta disso, para entendermos como se estruturou os estudos do materialismo histórico dialético, vamos conhecer o seu desenvolvimento a partir dos estudos realizados por Georges Politzer, no livro “Princípios Elementares da Filosofia”.

2.2.1 O Materialismo

Na tentativa de compreender e explicar o mundo a Filosofia ao longo da história desenvolveu duas respostas distintas uma científica e outra anticientífica, que são respectivamente uma justificativa materialista e outra idealista.

O problema base de toda a filosofia consiste em identificar quais são as relações entre o ser e o pensamento. O idealismo e o materialismo são duas respostas opostas e contraditórias e compõem o problema fundamental da filosofia.

O idealismo surgiu da ignorância dos homens em que para tentar explicar o mundo eles utilizavam justificativas em torno de forças extraordinárias, isto é, defendiam a concepção de uma dupla existência. Por trás dos homens então existiam os seres onipotentes que eram classificados como deuses e eram seres mais poderosos que os homens. Nesse momento então surgiu uma concepção religiosa de se explicar o universo.

No decorrer dos séculos, os conhecimentos científicos foram evoluindo e os primeiros sábios a surgir foram os filósofos e assim a Filosofia e as Ciências nascentes.

Porém nasceu um conflito entre as ciências e a filosofia devido às contradições que surgiram entre elas e assim as duas linhas se separaram.

O materialismo por sua vez constitui a resposta científica para o universo da filosofia. Durante muito tempo as concepções dessa filosofia foram muito mal conhecidas e falsificadas. Todos nós, mesmo sem nos dar conta estamos impregnados em uma concepção materialista e para quem quer estudar o marxismo é necessário conhecer o materialismo por este ser a sua base. (POLITZER, 1987)

Para a compreensão do materialismo precisamos responder uma questão: Qual é o principal o ser ou o pensamento?

Para os materialistas a relação entre o ser e o pensamento, em que o ser é a matéria e a realidade primeira, e o pensamento é o espírito e a realidade segunda, em que o espírito depende da matéria.

Assim foi a matéria que criou o espírito e ela não precisa dele para existir, mas o espírito precisa do corpo (matéria) para existir.

Portanto as relações entre as nossas idéias e o mundo seriam para os materialistas conhecer o mundo ocorre através das ciências, o que nos prova que as coisas que nos rodeiam têm uma realidade própria, independente de nós, e que já podemos reproduzi-las artificialmente.

Assim o materialismo frente ao problema base da filosofia afirma que a matéria é quem produz o espírito e que cientificamente, nunca se viu esta sem aquela.

E por conta disso a matéria existe fora de todo espírito e não precisa deste para existir, tendo então uma ciência que lhe é particular, assim nós nos tornamos capazes de conhecer o mundo.

O materialismo então defende que não existe espírito sem matéria e contrário também se torna verdadeiro e a ciência por sua vez comprova essa teoria.

Mesmo tendo as suas concepções falsificadas ao longo dos tempos o materialismo progrediu com as ciências para chegar ao materialismo moderno e assim com as contribuições de Karl Marx e Friederich Engels chegar ao materialismo histórico dialético.

2.2.2 O Materialismo Histórico

A história é feita da ação dos homens impelidos por sua vontade, sendo esta a expressão de suas idéias, vindo elas próprias do seu cérebro. Somente o cérebro é uma condição necessária para se pensar, porém não é uma condição suficiente.

Vamos refletir de tal modo a pensarmos que existe a história que provém da ação do homem, que são colocadas em práticas a partir da sua vontade, sendo essa provinda do surgimento de suas idéias.

Podemos entender que nossas idéias são os reflexos das coisas, mas nos perguntamos quais seriam essas coisas, e por contrapartida questionamos onde vivem os homens e onde se manifestam as suas idéias.

Constatamos então que os homens vivem em uma sociedade, no caso então, em uma sociedade capitalista e suas idéias dali provém. Portanto é o seu ser social que determina a sua consciência.

Em seus estudos POLITZER (1987, p.176) afirma que Marx define o seu ser como os homens e a consciência como sendo o que esses homens pensam.

Partindo da teoria da divisão de classes sociais existindo então a classe dominante (burguesia) e a classe dominada (proletariado).

Portanto a burguesia pensa como burguês e o proletariado pensa como proletário, no entanto seria uma concepção idealista (socialistas cristãos e utópicos) defender que para haver a transformação dessa realidade é preciso somente uma mudança na maneira de se pensar.

Assim passamos a entender que o ser social não é determinado pelas suas condições materiais de existência que vive na sua sociedade, portanto, é a existência que determina as condições materiais.

Então as condições de existência em uma sociedade divididas em duas classes (burguesia e proletariado) seriam determinadas por ser de uma classe ou da outra.

As condições materiais de existência não são constituídas somente pelo dinheiro ganho, mas sim pela função social que a pessoa exerce dentro da sociedade.

Para exemplificar imaginemos que um proletário pode ganhar mais que um burguês, mas nem por isso ele deixa de ser proletário, pois as suas condições de trabalho não são independentes do trabalho do seu patrão.

Retomando um raciocínio já destacado, dizemos então que os homens fazem a sua história pela sua ação, segundo a sua vontade que é a expressão das suas

idéias. As idéias vêm das duas condições materiais de existência, ou seja, da erradicação de uma classe.

Assim as condições sociais determinam as classes e suas respectivas lutas e podemos ainda afirmar que as próprias classes são determinadas pelas suas condições econômicas.

Para entender sob que formas e em que condições se desenrolam esse encadeamento vamos pensar que as idéias traduzem-se na vida pelo plano político, por isso, as lutas de classes que se encontram atrás das idéias, traduzem-se no plano social e as condições econômicas das pessoas traduzem-se no plano econômico.

Por conta disso o que determinam as condições econômicas e as classes que as criam são as divisões de trabalho.

Inicialmente sabemos que a sociedade não era composta por classes, na sociedade havia o comunismo primitivo e a divisão de trabalho era determinada apenas pelos sexos das pessoas. Lentamente foi impregnando-se na sociedade outra divisão de trabalho primeiramente designado pela criação de animais (caça, pesca e criação de gados).

Por causa do surgimento dos novos meios de produção potencializou-se a capacidade de criar mais produtos a partir da força do trabalho humano, no entanto passou a se produzir mais que o necessário para a sobrevivência da comunidade.

Tornou-se necessário e desejável englobar novas forças de trabalho a produção, por conta disso desencadeou-se a guerra. Os prisioneiros foram virando

escravos e isso aumentou os meios de produção e conseqüentemente o acúmulo de riquezas. Ocorreu então a primeira grande divisão social de trabalho em amos e escravos.

Iniciou-se assim a segunda grande divisão de trabalho por conta do crescimento em potencial e instantâneo da riqueza, porém agora sob a forma de riqueza individual.

Foi necessário o surgimento de novos ofícios como a tecelagem e o trabalho com metais que deram a produção mais variedade e uma perfeição crescente. Esse trabalho variado fez com que se efetua outra divisão de trabalho.

Ocorreram assim a divisão em dois ramos principais, a agricultura e os ofícios e nasceu então a produção direta para a troca mercantil.

Vemos então que a partir do século XV, a sociedade percorreu três fases históricas: da cooperação simples, da manufatura e da grande indústria.

É importante ressaltar que paralelamente à evolução das classes, evoluíram as condições de produção de circulação, de distribuição de riquezas, ou seja, condições econômicas.

A evolução dos modos de produção transformou totalmente as forças produtivas e o seu cenário social, pois os instrumentos de trabalho se tornaram coletivos, mas o regime de propriedade permaneceu individual.

Essa evolução nos meios de produção trouxe consigo o excesso de oferta sobre a procura, à superprodução e conseqüentemente as crises dentro do novo sistema, sistema denominado como capitalista.

2.2.3 A Dialética

O termo e sentido da dialética se diferem totalmente da metafísica. Podemos destacar dois sentidos para a palavra dialética. O primeiro um sentido etimológico que consiste na arte de discutir e o segundo a partir de um sentido filosófico que a define como um período de pensamento de grande precisão.

A dialética é um sinônimo de movimento, ela sempre esta em movimento. O pensamento, a natureza e a sociedade são como as dialéticas, sempre estão em movimento.

O materialismo, por exemplo, só se desenvolveu porque as ciências mudaram e ele juntamente com a dialética forma as ciências novas.

O pensador Heráclito é o pai da dialética e ele conceituou o mundo como sempre em movimento e não congelado como explicava a metafísica. A partir disso Hegel desenvolveu a dialética retomando essa idéia e o que ele primeiro compreendeu foi o movimento do pensamento.

Mas como Hegel era idealista ele compreendeu que tudo estava em movimento, mas justificou as transformações da matéria como decorrências das transformações do espírito.

Por sua vez, Marx e Engels que eram tributários ao pensamento filosófico de Hegel, porém materialistas compreenderam que a dialética de Hegel dava

afirmações exatas, mas ao contrario, para eles o pensamento e o universo estão em perpetua mudança.

Assim desenvolveram-se as leis da dialética. A primeira delas é a lei da “Mudança Dialética” em que o que para a dialética não há nada de definitivo, nada escapa a mudanças. A segunda lei é a da “Ação Recíproca” em que ressalva-se que é necessário compreender o encadeamento das coisas como um desenvolvimento natural.

A terceira lei chama-se “A Contradição” que defendem que as coisas mudam porque contém nelas mesmas a contradição. Existe verdade e erro, como existe a afirmação e a negação.

Essa lei defende que no interior de cada coisa existem forças opostas, existem antagonismos e essas forças lutam entre elas. Assim uma coisa não é movida somente por uma força em um só sentido, mas toda força é movida por duas forças em direções opostas.

Portanto existem forças que inclinam para a afirmação e outras que se inclina para a negação e entre elas existe a contradição. Assim a dialética entende a afirmação como à tese, a contradição como à antítese e uma nova afirmação como à síntese.

Na sociedade que estamos analisando a tese seria a burguesia, a antítese é o proletariado e a síntese é a revolução, a mudança desse cenário desigual comandado pelas relações de poder.

2.2.4 O Materialismo Histórico Dialético

O materialismo dialético surgiu a partir dos estudos de Karl Marx e Friederich Engels. Havia o método metafísico de se compreender a sociedade, ocorreu à separação das ciências que mudaram e da filosofia e a partir disso Marx e Engels intervieram e separaram o materialismo da metafísica e o uniram ao dialético.

O materialismo dialético se tornou um método para a compreensão e transformação da sociedade. Ele pode ser entendido também como marxismo.

O marxismo dá uma importância particular ao papel das ideologias no contexto histórico. Podemos entender a ideologia como um conjunto de idéias que forma um todo, que pode ser entendido como uma teoria, um sistema ou mesmo um estado de espírito.

O marxismo por sua vez é uma ideologia que forma um todo, mas que oferece um método de resolução de todos os problemas para a sociedade em que vivemos.

Na sociedade capitalista entre o fator ideológico e social se encontra o político, que se manifesta na luta ideológica como expressão da luta social. A partir da compreensão do materialismo histórico a estrutura da sociedade é a seguinte: estrutura econômica, seguida por uma estrutura social que sustenta a estrutura política e por fim a estrutura ideológica.

A estrutura econômica é a base, isto é, a infra-estrutura enquanto a ideologia constitui a superestrutura. De acordo com a teoria materialista, que defende que as

idéias são os reflexos das coisas, que é o nosso ser social que determina a consciência, então a superestrutura é o reflexo da infra-estrutura.

A partir do materialismo histórico dialético a tese representaria a burguesia, a antítese o proletariado e a síntese a revolução a mudança desse contexto a partir de um novo sistema de meios de produção que é o socialismo.

2.3 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

2.3.1 A Educação Espontânea

Para uma melhor compreensão do processo que o esporte sofreu nas últimas décadas, estaremos relatando as alterações que ocorreram na educação no seu desenvolvimento histórico dentro da sociedade e a busca pelo acúmulo de riquezas.

Para tanto apresentaremos uma síntese do livro “Educação e Luta de Classes” de Aníbal Ponce que tem como tema central o entendimento de que a educação foi modelada de acordo com o surgimento de duas classes dentro da sociedade no processo de constituição do acúmulo de riquezas.

No início dos tempos, a coletividade² era a palavra que ditava o bom convívio na sociedade primitiva. As famílias moravam no mesmo local e a hierarquia não existia dentro da tribo.

² Coletividade pequena, assentada sobre a propriedade comum da terra e unida por laços de sangue, os seus membros eram indivíduos livres, com direitos iguais, que ajustaram as suas vidas às resoluções de um conselho formado democraticamente por todos os adultos, homens e mulheres da tribo. Aníbal Ponce, “Educação e Luta de Classes”, p.17

Os homens e as mulheres dividiam as tarefas diárias, sempre respeitando as diferenças físicas entre eles. As tarefas eram consideradas de igual importância para a sociedade e por isso tinham o mesmo grau de importância e eram delegadas de acordo com o sexo e a idade do indivíduo.

A partir dos sete anos de idade a criança já começava a colaborar com as necessidades da tribo. Os adultos respeitavam o potencial de trabalho das crianças e sua produção era limitada de acordo com seu desenvolvimento maturacional. Isso proporcionava a criança entender a importância da sua colaboração para a sociedade em que vivia.

Tendo em vista o estilo de convívio e organização da tribo, a educação que as crianças recebiam pode ser classificada como uma educação espontânea. Pois desde cedo à criança era estimulada a aprender e a compreender os meios de produção e o funcionamento da tribo, elas eram educadas então a partir de uma perspectiva de uma estrutura homogênea do seu ambiente social.

Da mesma maneira que os membros da tribo e suas respectivas funções não passavam por nenhuma classificação e nenhum tipo de nivelamento com a educação era igual. Todos os membros eram educados da mesma forma.

A Educação Espontânea era possível, pois não existia nenhuma instituição dentro da tribo, destinada a massificar e estruturar essa educação que as crianças recebiam.

Nesse período as tribos produziam apenas o suficiente para as suas necessidades. Porém esse sistema não era tão eficaz, pois com o passar dos tempos foi surgindo à necessidade de algumas distinções no trabalho dentro da tribo e a forma de trabalho propriamente dita foi deixada de lado.

Com isso, começou a delegar funções e cargos específicos, isso afetou os meios de produção que a tribo utilizava, pois, por exemplo, a pessoa que se dedicava ao cultivo da terra, não podia desempenhar, ao mesmo tempo, nenhuma das outras funções que a vida tribal exigia.

Assim, foi necessário o surgimento de um organismo que tivesse a difícil missão de dirigir e controlar as tarefas do grupo. A sociedade dividiu-se em dois grupos, duas classes. De um lado um grupo que organizava e delegava as funções e do outro quem atendia e realizava as ordens.

Essa supremacia de duas classes distintas inicialmente foi aceita voluntariamente. Esse fato começou a mudar a produção da tribo. A tribo que antes produzia apenas o necessário para seu consumo, no momento em que esse grupo de pessoas que delegavam as funções surgiu, a tribo passou a produzir mais que o necessário para a sua subsistência.

Os membros do grupo que lideravam começaram a permutar a mercadoria produzida com outras tribos. E para isso acontecer era importante que a mercadoria produzida fosse guardada para conservá-la e posteriormente trocá-la nas suas melhores condições.

Esse fato intensificou a estruturação e a divisão das duas classes que se formaram a propriedade antes coletiva agora começa a ser privada e os vínculos de sangue que sustentavam os laços entre os membros da tribo foram substituídos pela escravidão.

E a educação por sua vez, passou a não ser mais um interesse comum a todos. Dentro dela começaram a ocorrer distinções no método educacional, entre a classe organizadora que cada vez mais oprimia e dominava as decisões dentro da tribo e a classe trabalhadora que cada vez tinha menos voz ativa dentro do grupo.

Além de delegar as tarefas à classe organizadora começou a controlar de acordo com seus interesses o acesso da população aos rituais, as crenças, os métodos e as técnicas que as pessoas deveriam receber.

A divisão da sociedade em classes sociais foi algo inevitável. No início qualquer pessoa poderia exercer qualquer função, com o desenvolvimento da estrutura organizacional dentro da tribo isso não era mais possível.

As crianças que antes recebiam um processo educativo diferenciado, baseado no ambiente social em que viviam, passaram a sofrer a distinção entre pessoas mais velhas e as mais novas.

Surgiram na tribo as relações de dominância ou submissão, devido à hierarquia de acordo com a idade que foi se estabelecendo na sociedade. Essa hierarquia foi acompanhada da submissão autoritária que exclui o antigo tratamento benévolo e colocam em seu lugar reprimendas de castigos.

Com as mudanças dentro da tribo, as organizações resolveram privatizar o espaço onde as pessoas da tribo viviam. Cada família passou a ter seu território.

A situação feminina sofreu modificações também. Na comunidade primitiva em que imperava o matrimônio grupal ou um casamento facilmente dissolúvel, a paternidade era difícil de ser estabelecida e a filiação por esse motivo se transmitia pela linha materna. Surgiu um novo estilo de família baseada na monogamia e a mulher passou a se ocupar somente com funções domésticas e seu papel deixou de ser social.

Antigamente por sua contribuição no trabalho coletivo, desempenhava um papel útil para o grupo e tinha a mesma importância que o trabalho dos homens, o trabalho da mulher perdeu a igualdade e passou a ser servidão. Seu trabalho passou a ser apenas para seu esposo e filhos.

No momento que surgiu a divisão de classes e a propriedade privada surgiu também como conseqüência, uma religião com deuses, a educação secreta, a autoridade paterna, a submissão da mulher e dos filhos e a distinção entre os trabalhadores e sábios.

A administração dos bens da coletividade transformou-se na opressão dos homens, e a direção no poder da exploração.

Havia a necessidade do surgimento de uma instituição que se assegura a nova forma privada e o acúmulo de riquezas, assim nasceu o Estado. A educação passou a ser então, ministrada pela classe dominante.

2.3.2 A Educação do Homem Antigo

Após a Educação Espontânea vivenciada pelo homem primitivo, passamos para a educação do homem antigo. Esse período foi composto pelo desenvolvimento das cidades gregas Esparta e Atenas e do desenvolvimento de Roma.

Quando na sociedade primitiva houve o surgimento de duas classes distintas a educação passou a ter como função servir de mecanismo para a permanência e segurança da classe opressora.

O ideal pedagógico não era mais igual para todos. PONCE (2001, p. 36) se refere ao ideal pedagógico afirmando que:

O ideal pedagógico já não pode ser o mesmo para todos; não só as classes dominantes têm ideais muito distintos dos da classe dominada, como ainda tentam fazer com que a massa laboriosa aceite essa desigualdade de educação como uma desigualdade imposta pela natureza das coisas, uma desigualdade, portanto, contra qual seria loucura rebelar-se.

Na sociedade grega o matriarcado já havia sido substituído pela autoridade paterna. Os chefes militares ainda estavam sendo escolhidos pela sociedade, mas tudo se encaminhava para que o título de militar passasse de pai para filho.

Foi nessa época também que o pequeno comércio havia se estabelecido e os funcionários já começaram a ser classificados e tratados como escravos. Os amos ou senhores já nem apareciam mais nas suas terras e já nessa época eram socialmente improdutivos.

Segundo PONCE (2001, p. 37) “é desnecessário dizer que já começavam a surgir diferenças de classe. Já existiam escravos e já vimos que os “funcionários” estavam em via de se converterem em nobreza hereditária”.

Em Esparta o que ainda era uma das maiores dificuldades para o comércio eram os meios de transporte. Todo o trabalho provinha de força humana. Até que chegou um momento em que havia 18 escravos para cada membro da nobreza. A liberdade que os trabalhadores tinham era mínima.

A terra que os espartanos cultivavam era do Estado e era passada de pai para filho. Os filhos classificados como defeituosos e débeis perdiam o direito as terras, pois o Estado não poderia correr o risco de deixar sua terra em mãos improdutivas.

Para facilitar o comércio surgiram as moedas. Com o surgimento da moeda, as pessoas passaram a dever cada vez mais. Como forma de retribuição ao Estado, o espartano tinha que dividir seu lucro com o governo em forma de impostos.

Além disso, ele recebia uma educação militarista. O menino era entregue ao governo aos sete anos de idade e pertencia a ele até os 70 anos que era a idade máxima para se pertencer a reserva do exército. Com o objetivo de manter subjogado o exército de escravos ao Estado **interessava fundamentalmente a**

preparação física [sem gripo no original] dos seus cidadãos, de acordo com as virtudes valorizadas pelos guerreiros.

O governo se esforçava para manter o domínio sobre a educação dos alunos. As mulheres também recebiam esse tipo de educação. As capacidades de ler e escrever não eram benefício da maioria, pois os governantes achavam que a alfabetização desviava os espartanos dos exercícios militares.

Os espartanos, objetivando cada vez mais aumentar a distância entre as classes, usavam o terror e a embriaguez, para oprimir cada vez mais seus escravos (PONCE, 2001, p. 42).

A cidade de Esparta se apropriava e vivia em função do trabalho alheio. A mesma situação se encontrava na cidade de Atenas, com apenas algumas diferenças exteriores.

Atenas produzia mais mercadorias que Esparta e ela não tinha uma organização estritamente militar e por isso, seu acúmulo de riquezas era maior.

Houve a necessidade de expandir o mercado e a expansão de terras foi cada vez mais aumentando, o que ajudou a afastar cada vez mais o proprietário de sua terra. O trabalho também passou a basear-se na escravidão.

Apesar de não ser tão baseada no militarismo a educação ateniense cultivava a idéia da guerra como sua ocupação principal. Aristóteles proibia terminantemente que se ensinasse aos jovens as artes mecânicas e trabalhos assalariados, porque isso alteraria a beleza do corpo e tiraria do pensamento toda a atividade e elevação que a pessoa precisava.

Formar o homem das classes dirigentes era o ideal grego educacional. Porém eram poucas as coisas que distanciavam um dirigente de um guerreiro. Com a estruturação da sociedade o trabalho do escravo assegurou ao dirigente um bem

estar de vida cada vez mais acentuada. Este começou a perceber a necessidade de uma instituição que ensinasse seus filhos a ler e a escrever, afinal somente um em cada 100 homens sabia fazê-lo.

Então surgiu a escola ateniense. A princípio era chamada de escola elementar, onde a criança passava por dois estágios. O primeiro estágio era do *citarista* em que a criança recebia alguns aspectos da educação infantil, o segundo estágio era do *paidotriba* que em grego significa “castigador de crianças” que mostra claramente o ensino militar presente na escola.

Após esses estágios até os 14 anos o indivíduo passava por um ciclo de palestras. Assim entrava na efebia que durava até os 18 anos, cidadania dos 20 aos 50 anos e depois entrava na vida diagotica dos 50 anos até a morte.

Quem mandava o filho para a escola para que ele cumprisse todas as etapas da educação ateniense era quem tinha tempo e dinheiro para que seu filho pudesse ficar sem nenhuma responsabilidade, ou seja, apenas os filhos dos nobres tinham acesso a todas essas etapas.

Sobre a distinção da Educação entre a nobreza e o proletariado PONCE (2001, p. 51), afirma que:

Alguns dos preceitos de Sólon são particularmente ilustrativos. “As crianças – afirma ele – devem, antes de tudo, aprender a nadar e a ler; em seguida, **os pobres deve se exercitar na agricultura ou em uma indústria qualquer ao passo que os ricos deve se preocupar com a música e a equitação e entregar-se a filosofia, à caça e à frequência aos ginásios** (sem grifo no original).

A liberdade de ensino não implicava a liberdade de doutrina, pois o professor não moldava o aluno de acordo com seus princípios, mas sim o preparava para ser

um futuro governante. A educação era fundamentalmente baseada nas crenças religiosas.

Nesse período o comércio marítimo se desenvolveu muito. O que deu origem a uma nova classe que se denominava a “classe dos novos ricos”. Ela era composta por artesãos, comerciante e industrial. Tal fato horrorizou a nobreza, porém eles olhavam para essa nova classe com respeito.

Tendo em vista essa nova classe, os objetivos comuns que antes moviam todos, agora passaram a ser objetivos individuais estruturados a partir do objetivo do acúmulo de riquezas, mas esse acúmulo passara a ser almejado de uma nova forma.

A educação então passou a ter que modificar sua estrutura. A nova classe mostrou que era necessário mudar a metodologia, pois quem podia mandava seus filhos para a escola ateniense, mas essa popularização não era o objetivo da escola.

Assim surgiu a educação em que os educandos aprendiam não só os conhecimentos que a vida prática requeria como também secularizar a conduta, tornando-a independente da religião. E a partir da defesa de Sócrates as pessoas também passaram a receber uma educação baseada na oratória política.

As crianças da nova classe se recusavam ir à escola, pois não gostavam do sistema militarista ali impregnado.

Antes de a nova classe surgir às crianças se encontravam na praça e iam marchando até a escola, agora elas queriam ir a grupos, andando tranquilamente e observando a paisagem. A nova classe proporcionava isso a elas, além disso, as crenças religiosas estavam sendo afastadas da educação, deixando a nobreza insatisfeita.

Quando começou a perder o controle Dispeites exigiu que o povo denuncia-se quem não prestava homenagem divina aos deuses. Além disso, começaram a punir as pessoas que se manifestavam contra ao sistema, Sócrates foi condenado a beber cicuta, eles também obrigavam quem comprara as obras de Protágoras a levarem eles a Àgora para serem queimados. O Estado percebeu que era necessário controlar de forma mais minuciosa a educação.

Como aconteceu na Grécia, Roma também havia desenvolvido o sistema de divisão de classes baseado na escravidão. Os grandes proprietários obtinham o poder e os plebeus ficavam com os postos dirigentes. Mesmo sendo considerado livre todo o seu modo de produção provinha do trabalho escravo.

Nos primeiros tempos da República a divisão do trabalho não era tão acentuada o que atenuava a hierarquia no grupo. O filho observava, acompanhava e ajudava o seu pai e assim aprendia as tarefas necessárias para continuar a produzir nas terras de sua família.

A posse terra assegurava os melhores cargos no exército. Aos vinte anos o jovem nobre, que já sabia os trabalhos agrícolas e já acompanhara algumas batalhas do exército e no Senado era considerado pronto para a vida pública.

A oratória era fundamental para a vida pública. Quem falava bem em público era digno de muito prestígio. À medida que as famílias nobres aumentavam suas posses, a cidade cada vez mais acumulava escravos e homens livres, de modo que, a pobreza aumentava cada vez mais.

Assim, o número de escravos para cada nobre era de 20 escravos para um nobre. A relação entre o amo e seus escravos mudou. O proprietário passou a não freqüentar mais suas posses, ele era um homem da cidade, vivia apenas para a

política e apenas esperava seus escravos lhe mandarem os lucros das suas propriedades.

Tudo virara um mecanismo para acumular cada vez mais riquezas. Até o fato de virar “homem livre”, era uma maneira para se explorar cada vez mais o escravo. Em tarefas bem realizadas o amo dava ao seu escravo uma quantia para ele comprar sua liberdade, porém o preço da liberdade sempre era mais alto que o valor que o escravo recebia por sua tarefa.

Esse número elevado de escravos e homens livres fez com que surgisse em Roma um outro fator. Os escravos mais bem afeiçoados e mais robustos aprendiam a lutar. Isso acontecia para que seu amo o vendesse mais caro ou o tornava um gladiador, isso fazia com que houvesse distração na cidade e com que Roma se protegesse.

Porém os escravos que já haviam conseguido se tornar livres e que haviam sido educados dentro das casas de seus amos, passaram a formar uma nova classe, a classe dos novos ricos. (PONCE, 2001)

Eram as pessoas que enriqueceram sem obter a educação por parte do Estado. Com a classe dos novos ricos, surgiu a necessidade de uma nova educação em Roma. Os novos membros da nobreza passaram a defender uma mudança no sistema de educação.

O novo sistema implantado passou a ter, três fases que o jovem romano teria que passar. A primeira dela acontecia pelos chamados ludimagister, que eram sem dúvida os denominados homens livres, porém o fato deles terem que trabalhar para viver, os situava em um plano de inferioridade na sociedade.

Essa escola era denominada a “escola das primeiras letras”. Mesmo que não era da nobreza conseguia proporcionar o seu filho a essa primeira fase da

educação. Pois mesmo com uma estrutura precária, os pais enviavam seus filhos aos cuidados dos ludimagister e como forma de pagamento, eles presenteavam o trabalhador.

A segunda fase era ministrada pelos chamados Gramáticos, considerados os mestres do ensino médio. Eles levavam aos seus alunos a instrução enciclopédica necessária para a política, para os negócios e para as disputas nos tribunais.

A terceira fase era a do ensino superior, ministrada pelos chamados Retores, que proporcionavam aos seus alunos um ensino especializado. Todas essas fases foram surgindo de acordo com o desenvolver da sociedade, pois a instrução sumária deixou de ser suficiente.

A oratória passou a ser um elemento fundamental para quem queria conseguir um cargo no governo. Falar bem em público era essencial. Os professores passaram a disputar os alunos, mas ainda sofriam discriminação.

Porém o Estado passou a observar que o trabalho do professor poderia ser útil para ele. Assim o Estado passou a respeitar os professores, porém somente os retores obtinham tal respeito, os professores das séries primárias ainda continuaram passando por dificuldades.

Houve assim uma divisão social dentro da classe dos professores. Assim, o Estado tirou dos professores o dever deles cumprirem algumas obrigações públicas, que todo cidadão romano tinha que passar, entre elas está servir o exército, de desempenhar o sacerdócio, de cumprir as obrigações judiciais e etc.

O Estado passou a encarar o professor como um mecanismo para preparar os seus funcionários. Em seu discurso Eumenes dizia que havia razões para essa uniformidade que surgiu no Estado. **O Imperador passou a escolher seus professores com o mesmo cuidado que escolhia seus capitães** (sem grifo no

original), assim os alunos ficavam sobre a vigilância direta da autoridade política e essa vigilância permanecia quando eles passavam a ser professores (PONCE, p. 79).

“Apenas surgiu na história o ensino oficial, e já apareceu em seguida a inevitável comparação com o exército. O corpo de professores é um regimento que defende como o militar, os interesses do Estado, e que caminhava com ele no mesmo passo.” (PONCE, 2001, p. 80).

Portando podemos perceber que a influência do Estado sobre os rumos que a Educação ia tomar era extremamente clara e objetiva, os governantes almejavam manter o controle através do modo de ensinar das suas escolas.

2.3.3 A Educação Feudal à Educação Burguesa

Já na Educação do homem feudal devido ao fato que os povos conquistados deixaram de fornecer escravos e riquezas, os impostos aumentavam as taxas, as requisições e com isso, a miséria cresceu de tal modo que a produção em grandes escalas não produzia mais rendas de formas compensadoras.

Assim a caminho foi investir nas produções de pequenas escalas. Não passou mais a ser interessante que o senhor, cuidasse de todos os seus escravos. Por isso, o número de homens livres aumentou, e a escravidão passou a ser de maneira diferente.

Os trabalhadores passaram a alugar as terras de seus amos, e para viver e trabalhar nelas eles pagavam uma tarifa anual para a nobreza. A terra, portanto passava, de certo modo, a pertencer ao trabalhador.

Esse novo sistema de produção tinha três variedades sociais relevantes. A primeira delas eram os bellatores ou guerreiros. A segunda variedade era composta pelos oradores e a terceira pelos religiosos.

A igreja passava a ter um papel diferente dentro da sociedade, um caráter que não existia na Grécia nem em Roma. Essas transformações sociais proporcionaram a igreja um novo foco de poder.

Os religiosos que antes se manifestavam contra o sistema de explorador e explorado dentro da sociedade, passaram a defender que “Enquanto o escravo e o servo sofriam sob os seus senhores, o cristianismo proclamava que eles eram iguais diante de Deus”. PONCE (2001, 85)

O Estado e a Igreja começaram a caminharem juntos. Os monastérios passaram a ser conhecidos como instituições bancárias de crédito rural.

A Igreja emprestava dinheiro, e cobrava juros no pagamento, o que a ajudava a aumentar suas posses. Em algumas situações ela ajudava o camponês ou em outras ela se apropriava de seus bens.

Além disso, ela também passou a se apropriar do ensino da população. Passaram a ter dois estilos de escolas monásticas. Uma destinada às pessoas que gostariam de seguir a carreira religiosa e a outra para instrução pública em que os alunos recebiam apenas lições religiosas.

Como não aprendiam nem a ler e nem a escrever os alunos começaram a se desinteressar pela a escola disponibilizada pela igreja. Os senhores feudais pensavam apenas em aumentar suas riquezas e usar da violência era uma dos mecanismos.

Quando seus filhos aprendiam à gramática, isto é, aprendiam a ler, pois escrever era considerado um ato de mulher, o senhor feudal retirava seu filho da escola.

Os filhos dos senhores feudais ao sair da escola passavam por uma educação militarista. Os cavaleiros e se senhores feudais não carregavam consigo nenhum tipo de escrúpulos. Eles assaltavam as pessoas e não tinham nenhum tipo de obrigação com o juramento de fidelidade que os prendia a seus amos, esse juramento poderia ser quebrado a qualquer momento.

As grandes propriedades foram aos poucos deixando de existir. As cidades ou burgos estavam cada vez mais fragmentados, e por isso, a maioria delas estava em situação de miséria.

Tendo em vista isto, foi surgindo à necessidade dos senhores feudal deixarem entrar em seus burgos outros tipos de mercadorias, e “libertar” seus trabalhadores para que eles trabalhassem para terceiros.

Assim, começou a nascer uma nova classe dentro da sociedade. A classe da burguesia. Para isso acontecer, os senhores feudais elaboraram uma carta estabelecendo regras entre a relação do amo e seus burgos.

Tal mudança na sociedade não poderia deixar de refletir na educação. A nova classe obrigou a Igreja a mudar seu foco de ensino. O ensino passou das mãos dos monges para as mãos do clero secular.

A burguesia naquela época não tinha nenhum interesse revolucionário, o que ela desejava era ter um lugar dentro do regime feudal.

Surgiram então, as chamadas escolas catedralícias, que já existiam há alguns séculos e também era dividida em dois aspectos: o interno que era para o clero e

externo para os demais cidadãos. Porém sua linha de ensino era estritamente teológica.

Os burgueses foram exigindo uma nova forma de educação. E também através de uma carta de franquia, asseguraram uma educação nas Universidades baseada também na filosofia e na lógica. Com um título da Universidade os burgueses passavam a desfrutar do mesmo status social que a nobreza e também passaram a ter o direito de seus filhos entrarem para o clero.

Porém a relação aluno – professor nessa época sofreu modificações. O professor agora passou a ser monitorado pelo seu aluno. Eles tinham o poder de multar seu professor se esse pulasse um parágrafo do livro que estavam estudando ou se recusasse a responder uma questão de um educando.

A Universidade ainda se sustentava pelo Estado e pelos pagamentos efetivados pelos seus alunos. Apesar do ingresso na Universidade estar mais acessível ela ainda tinha um cunho privativo.

Pele fato dos alunos ainda pagarem pelo seu ensino, nessa época surgiram os alunos que não buscavam conhecimento dentro da Universidade. A vida universitária era baseada em festas e orgias, e alguns estudantes só baseavam-se nesse estilo de vida, e isso acontecia com os filhos dos burgueses e os filhos da nobreza sem nenhuma distinção.

A escola primária passou então a ser prejudicada. O ensino básico passou a não ter mais tanta qualidade, ao invés do latim os alunos passaram a aprender o idioma local. Havia mais disciplinas e os professores recebiam seu salário de acordo com a dificuldade do aluno em determinada disciplina.

As pessoas passaram a ser educadas, visando um melhor conhecimento para que mais tarde ela pudesse explorar outra pessoa, e assim acumular mais riquezas.

Com o aumento considerável a heresia, a Igreja passou a se sentir ameaçada, pois estava cada vez mais perdendo o controle sobre o seu principal instrumento de domínio que era a cultura.

Assim a Igreja foi à luta e assim surgiram os pregadores. Esses pregadores tinham o objetivo de massificar os costumes religiosos e morais defendidos pela Igreja. Eles iam a público e discursavam durante horas, levando à multidão as lágrimas.

Nessa época os religiosos afirmavam que **“seria uma obra de caridade ensinar os ignorantes a ler e a escrever (sem grifo no original).”** (PONCE, 2001, p. 121).

A pregação passou a ser um espetáculo. Havia encenações de pessoas cegas e surdas que eram curadas, até pessoas endemoníadas que se voltava contra os pregadores, na frente do público, o pregador as libertava de seus demônios e elas se convertiam.

E assim as heresias acalmaram-se e a sociedade entrou em uma nova fase, o Renascimento. Os burgueses haviam comprado as terras dos seus senhores e ainda sem um intuito revolucionário buscavam ser identificados dentro da nobreza, porém a distinção ainda existia.

A busca pelo acúmulo incansável de riquezas foi se acentuando. E foi da Grécia que chegaram as primeiras riquezas que deslumbraram a todos. Foi a partir dessas “novas” riquezas que os burgueses viram à possibilidade de diminuir essas distinções.

Para se opor a Igreja e à nobreza o modo era helenizar, para se opor ao Renascentismo, o mecanismo passou a ser a individualidade triunfante e a afirmação da própria personalidade.

Foi o Renascimento que se propôs a formar homens de negócios que também fossem cidadãos cultos e diplomatas hábeis. Para atingir seu objetivo os burgueses pediram apoio aos monarcas e aos reis da Inglaterra, França e Alemanha.

Nesse período surgiram as armas de fogo que reformularam totalmente o sentido da guerra. Havia nascido um novo Deus que todos estavam buscando, ele era o ouro.

Com o descobrimento do ouro e a chegada do Renascimento, a educação do homem burguês teve uma direção diferente. Nessa época também se desenvolveu o Iluminismo que foi dividido em duas alas distintas. A ala da esquerda que consistia na volta ao paganismo, que significava um resolutivo desacato a Igreja católica. A ala da direita do mesmo movimento só chegou a formular a necessidade de uma reforma dentro da Igreja.

Os humanistas passaram a representar as transformações que o nascente do capitalismo trouxe à estrutura econômica do feudalismo. Aos jovens nobres que eram obrigados a incorporar-se à monarquia como funcionário ou palaciano de nada mais servia a velha educação cavalheiresca.

Montaigne que era o representante desses jovens passou a defender um tipo de ensino diferente, em que se devia limitar o campo dos estudos às coisas de provada utilidade.

O escrever já não era mais uma coisa feita somente por mulheres, se tornou uma necessidade. O fato de perguntar e ir atrás de aprender os trabalhos artesanais e industriais já não era motivo de vergonha.

Deu origem então às quatro correntes pedagógicas que vão desde o século XVI até o século XVIII, que expressava os interesses da burguesia cortesã, a que

serve a Igreja feudal, que reflete os anelos da burguesia protestante e traduzia as tímidas afirmações da burguesia não religiosa. A educação cavalheiresca já não era tida como útil e não foi diferente com a dialética e a teologia.

Tal fato assustou a Igreja católica, que criou então a Companhia de Jesus para defender e fortalecer o papel da Igreja contra aos que a ameaçavam. Sem se preocupar com a educação popular os jesuítas se esforçavam para controlar a educação dos nobres e burgueses abandonados.

A Companhia de Jesus interpretava todos os conhecimentos já desenvolvidos da época em função da Igreja, por mais que tais interpretações fossem sem sentido algum. Não interessa a eles que as pessoas soubessem os conhecimentos essenciais para um bom papel na sociedade, pois eles defendiam que **a simplicidade e humildade eram o suficiente para servir a Deus.**

Havia também outras Escolas Cristãs. Mas os objetivos de todas não era instruir a massa. As regras dentro delas era baseada no silêncio, os alunos não podiam se dirigir aos professores e os castigos corporais tinham o objetivo de ser uma consagração para seus alunos.

Além de vigiar constantemente seus alunos na escola, os professores ainda visitavam a sua família, para conhecer os costumes e práticas religiosas de seus pais. E se ainda não bastassem a Igreja interferia ferozmente nos correios para que não se difundissem na sociedade os livros que eles consideravam hereges.

Nesse mesmo período com o Descobrimento da América a técnica de produção foi ampliada. Com o surgimento das máquinas, o trabalho passou a ser baseado na coletividade, e a individualidade foi deixada de lado.

A palavra de ordem agora era Economia de tempo. O ócio desfrutado pela nobreza da Antigüidade quando era o suficiente deixar com que a vida passasse a

passos pequenos e o ideal era desfrutá-la, o momento agora era de produzir muito mais e para isso era necessário mais tempo.

Uma das primeiras medidas foi abolir as várias festividades religiosas para aumentar o número de dias úteis. Mas economizar tempo não era para a educação.

Para educar era necessário tempo, para poder se educar com qualidade. Descartes passou a defender uma educação baseada na prática, em que os alunos passassem a conhecer o que estavam estudando, que a filosofia deixasse de ser especulativa e se tornasse prática.

Em relação à economia de tempo PONCE (2001, p. 125) argumenta que economizar tempo não passava de um dos aspectos da “nova educação” e que ensinar rapidamente não bastava, era necessário ensinar “solidamente”.

O comércio e a indústria haviam diminuído a distância que existia até então entre o burguês e o nobre. Havia implantando a necessidade de um novo método de educação e aceleraram o processo científico.

A liberdade do comércio trouxe consigo a liberdade das crenças e das idéias dentro de si. A burguesia passou então a tentar expulsar a Igreja dos seus últimos redutos. O silêncio defendido por ela já não amedrontava mais.

Ainda na Educação do homem burguês ao entrarmos na Revolução Francesa a sociedade sofreu uma mudança no seu senhorio e passou do domínio dos senhores feudais para o domínio da burguesia. Agora os trabalhadores que antes tinham seu pequeno pedaço de terra e pagavam uma anuidade ao seu senhor e que trocava sua mercadoria por outra de valor equivalente, agora tinha somente a força de seus braços para trabalhar. As pessoas passaram a ser assalariadas para o resto de suas vidas.

Um novo sistema surgiu dentro da sociedade, Marx o denominou “capitalismo”. Os homens livres que agora tinham sua força de trabalho para oferecer recebiam por sua produção menos do que ela realmente valia. Para que a burguesia se desenvolver era necessário que os homens livres fossem oferecer seu trabalho na indústria.

A burguesia pensava somente em expandir seu mercado, e não havia meios que eles julgassem impróprios. Não havia preocupação nenhuma com a educação da massa, mas sim com a educação daqueles que poderiam capaz de dar seqüência ao sistema, como defendia Rousseau.

Basedow, que fora preceptor do filho de um grande senhor, defendia a existência de duas escolas, uma para os pobres e outra para os filhos dos cidadãos mais eminentes.

Como nas escolas destinadas a massa, o professor não tinha condições de instruir cada aluno como seria necessário, Basedow argumentava que as crianças plebéias necessitavam de menos instrução que as outras e por isso deveriam destinar uma parte de seu tempo a trabalhos manuais. As crianças estavam sendo educadas de acordo com as suas classes sociais, para quando se tornassem adultas permanecesse trabalhando no mesmo lugar que seus pais.

Porém, Condorcet um estudioso na época, propôs um novo sistema educacional, em que todas as crianças deveriam por direito ter uma educação igualitária. Assim ele defendeu que o Estado não poderia mais ter controle do que se ensinava e nem poderia mais escolher quem lecionava.

As escolas populares e privadas deveriam andar lado a lado, em sintonia, para que a melhor fosse quem se dedica mais a partir da rivalidade existente entre as duas. Porém, o sistema capitalista já estava tão firme na sociedade burguesa,

que crianças de cinco anos estavam indo trabalhar nas indústrias com seus pais, ou seja, do que interessaria a ela uma escola gratuita se ela não poderia freqüentá-la.

Um ano depois, quando foi declarada a República, Condorcet passou a defender que o ensino primário deveria ser dominado pelo Estado. As idéias de Condorcet proporcionaram posteriormente a implantação do ensino gratuito.

Já Pestalozzi, que era discípulo da Revolução Francesa e de Rosseau, não queria nada com mudanças e revoltas. Ele acreditava que a revolução burguesa tinha com essência o seu amor por Deus. Assim ele ensinava cada criança de acordo com a classe social que ela pertencia.

Com o desenvolver dos meios de produção, a burguesia notou que era necessário ter funcionários melhor qualificados, pois havia alguns utensílios de produção, que para manuseá-lo, era preciso saber ler. Para receber as encomendas era preciso saber escrever.

Foi dessa maneira que a classe dominante teve que proporcionar a massa uma melhor educação, pois para que o comércio se desenvolve cada vez mais, era preciso usar as novas máquinas e se adaptar ao novo comércio. Mas por outro lado, o medo de que os trabalhadores ficassem cada vez mais instruídos e se manifestassem, aumentava a cada dia.

3.3.4 A Nova Educação

Chegamos enfim a Nova Educação e suas características. Foi nela que surgiu a escola laica, que após violentos debates colocou de certo modo um ponto final na batalha da Igreja de conseguir o controle do ensino. A escola laica foi apenas uma transição do sistema.

A escola laica surgiu a partir do conflito entre a burguesia e a Igreja, mas não tinha um caráter revolucionário. Algumas vezes reclamavam à burguesia, que era necessário voltar os seus olhos para a infância. Para fazer isso, a classe burguesia recorreu a Igreja que desejava ter a hegemonia do terreno pedagógico.

A burguesia não era capaz de dar ao seu povo uma educação com o mínimo de qualidade, para suprir os seus próprios interesses. A escola burguesa eliminava da escola quem ela julgasse que não teria capacidade para receber as instruções. O mecanismo para isso era a reprovação, assim os alunos por si só abandonavam a escola.

O pouco de ensino que as crianças recebiam já dava as crianças à vontade de escapar da situação de proletários. O conhecimento recebido na escola fazia com que elas esquecessem ou se envergonhassem da sua origem modesta.

A escola não conseguia fazer com que as crianças fossem freqüentadoras assíduas do sistema educacional. Isso ocorria não pelo fato das crianças serem biologicamente inferiores ou algum outro fator qualquer, isso ocorria devido ao sistema que a burguesia havia implementado na sociedade.

A criança era obrigada ajudar no sustento da sua família desde cedo. Assim elas deixavam a escola prematuramente, o que fazia com que elas esquecessem o pouco conhecimento que absorveram no período que freqüentaram a escola.

A burguesia transmitia a culpa disso, aos métodos escolares, fingindo que ela mesma não conhecia a necessidade de reformá-los. Essa necessidade se tornava cada vez mais clara aos pedagogos. Eles então criaram alguns sistemas e planos que eram classificados como metodologia. A metodologia os ajudava a lecionar.

Uma outra corrente surgiu, essa era a corrente doutrinária. Ela defendia que o fato da criança não aprender, não estava relacionado ao método educacional, mas sim ao aspecto cultural de cada criança.

A criança era submetida a uma educação, em que ela era sobrecarregada de informações, sem antes lhe prepararem para assimilar todas elas. Surgiu então uma nova técnica de ensino, em que para ensinar, o educando levavam em consideração os aspectos biológicos e psicológicos de cada criança.

Mas as crianças ainda recebiam um ensino individual ao invés do coletivo. Estavam recebendo o conhecimento no mesmo local, mas a aprendizagem de cada uma acontecia individualmente. Aos técnicos veio a idéia de unir as crianças em um “centro de interesse” e associá-los mediante a trabalhos em comum. Assim nasceu uma noção de “comunidade escolar” e com isso, a corrente que foi denominada como metodológica alcançou sua expressão mais completa.

Como já constatamos historicamente a educação serviu de mecanismo da classe dominante, até o momento que a classe revolucionária conseguiu desalojá-las do poder e impor à sociedade a sua própria educação. Esse movimento é chamado de revolução no campo da educação, é uma reforma. (PONCE, 2001)

A burguesia do século XVIII usou em seu proveito a revolução. Desde essa época a distinção entre as classes aumentou mais ainda. A burguesia aperfeiçoou as suas técnicas de produção e proletariado foi se convertendo em um simples acessório das máquinas. E assim cada vez mais foi se estruturando o capitalismo.

Porém o proletariado em alguns momentos durante a primeira metade do século XX derrubou as barreiras burguesas que ditavam as regras de como eles tinham que viver. Em outubro de 1917, o proletariado russo dividiu a nossa era duas

idades. A burguesa e a socialista, que na Rússia foi quase presente, mas que para nós ainda pertence ao futuro.

Mas qual seria a classe social que interpreta a nova educação? Temos dois caminhos distintos para analisar.

O caminho da burguesia, que considerando a sua história passou a ser uma classe social já condenada, seria um sacarmos considerar que a nova educação representa os seus ideais.

E o caminho do proletariado, isto é, do socialismo. Que tem como ideal libertar o homem da opressão, para que ele recupere a totalidade do seu eu.

A nova educação parece coincidir com o ideal socialista, porém as diferenças são tão grandes em alguns pontos que parece ridículo insistir a respeito delas. Portanto pode-se dizer que a nova educação surge com o ideal de construir um novo homem, a partir da escola burguesa, mas com o comprometimento da escola de não interferir em nada.

Foram estabelecidas duas correntes educacionais, uma metodológica e outra doutrinária, que confluíam para o leito do grande movimento pedagógico, que teve suas primeiras manifestações em 1900.

A corrente metodológica defende a atividade livre e espontânea da criança, em que ela mesma deve ser seu próprio educador. A corrente doutrinária, por sua vez, admite que a criança deva ser respeitada no que tem de mais íntimo, e é claro o Estado deve ter autonomia sobre seu ensino. Portanto, a educação se tornou um meio de mudança social. A evolução histórica comprova a existência de uma luta entre duas classes, no qual a classe dominante tenta preparar a mentalidade e a conduta das crianças em benefício da sua própria existência.

O homem em sua existência cumpre mais ou menos mecanicamente a sua função, porém ele possui consciência. A sociedade precisa de alguém que pense por si e pelos outros de forma igualitária.

A burguesia fascista ao notar, que fracassou e esta acuada por seu proletariado, cada vez mais consciente de si mesmo, por intermédio de Gentile, não só declara que se deve impedir o acesso da massa a cultura, como também defende que temos que confiar na religião o controle espiritual da plebe.

A burguesia sabia que o ensino religioso era de cunho subalterno. Mas mesmo assim, devido à crise que estava passando e aspira resolver o mais rápido que pudesse, descarregava nos ombros das massas oprimidas para suportar essa discussão e que assim pudesse implantar o seu estilo de educação ideal.

A educação nas mãos da burguesia significa buscar a “liberdade da criança”, “a formação do homem” e os “direitos de espírito”, mas a nova imagem que ele oferecia, era nova imagem já bem conhecida pelo proletariado.

Portanto a nova educação nas mãos do proletariado significava uma educação comum a todos. As crianças vão à escola, não para aprender o que o inimigo deseja, mas vão à escola de uma forma consciente para ajudar na construção do socialismo.

A fábrica e a escola passam a ter uma íntima união, em que a coletividade está acima de tudo. A criança participa com o adulto na construção do socialismo e, portanto merece respeito. Esse era o ideal soviético. O proletariado ao subir ao poder, apressou-se em formar um novo tipo de criança.

Diante de duas concepções tão opostas, surge então, uma nova corrente, que podemos chamar de intermediária. Entre o fascismo da burguesia e o socialismo do

proletariado, encontrava-se a pequena burguesia, que não queria uma educação com tendências políticas.

A pequena burguesia era atraída ao mesmo tempo, pelas duas classes, porém ela era esmagada pela grande burguesia, o que fazia do pequeno burguês, um proletário.

A educação da classe da pequena burguesia foi baseada na neutralidade escolar, em que dentro da escola, a criança era subtraída da verdadeira realidade social em que vive. Isso dava a burguesia, uma canal, para que eles defendessem seus ideais capitalistas.

Enquanto a sociedade dividida em classes não desaparecer, a escola continuará sendo um regimento, que defende os interesses do Estado.

2.4 A HISTÓRIA DO ESPORTE OLIMPICO

Para podermos comparar o desenvolvimento da Educação com o desenvolvimento do Esporte e assim posteriormente compararmos as duas vertentes e constatarmos ou não a presença de aproximações dos dois históricos relacionados ao fortalecimento do sistema capitalista de meios de produção na sociedade.

Estaremos relatando algumas considerações a partir de algumas literaturas sobre o esporte, são elas: “Os Senhores dos Anéis: “Poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas”, escrito por Vyv Simson e Andrew Jennings e o livro chamado” Invasão de Campo: Três listras, dois irmãos, uma briga: Adidas, Puma e os bastidores do Esporte Moderno”, escrito por Bárbara Smit. Estes livros foram

elaborados por seus autores para contar a história do Esporte mundial de um diferente panorama.

O esporte de alto rendimento que presenciamos na atualidade teve sua história moldada por alguns homens que iniciaram o movimento de patrocínio esportivo no século XX.

2.4.1 O Presidente do COI: Juan Antonio Samaranch

Com o auxílio do livro “Os Senhores dos Anéis”, começaremos então por Juan Antonio Samaranch, o comandante de uma das sociedades mais poderosas do mundo denominado: “O Clube”.

O então presidente do COI é um espanhol que tem sua história inteira relacionada aos acontecimentos históricos de seu país. Ele foi um empresário do comércio têxtil e um fascista de carteirinha.

Teve sua vida investigada diversas vezes por conta da sua vida política e sua participação no Governo Franco e por conta disso ele chegou à presidência do esporte mundial.

Como Samaranch não pode dar continuidade na sua vida política dentro do contexto partidário parlamentar, pois com a queda do governo fascista ele foi impedido de continuar tendo cargos, ele direcionou seu foco para o esporte, uma vez que durante o governo ele fora Ministro dos Esportes da Espanha.

Desde cedo Samaranch utilizava os mesmos métodos de seu aliado Horst Dassler que na época era presidente da Adidas, ele dava presentes às pessoas para depois pedir um favor em troca, chegou ao poder por meio de contatos influentes e se manteve por conta de processos eleitorais forjados.

Para conquistar o poder Samaranch se aliou a Horst Dassler, foi ele com seu hábito de presentear a todos há quem um dia poderia precisar de um favor que garantiu a candidatura de Samaranch na presidência do COI.

Candidatura essa que foi adiada quando os em 1979 o Exército Vermelho invadiu o Afeganistão, como os norte americanos não puderam impedir o ocorrido o presidente Jimmy Carter ordenou um boicote as Olimpíadas de Moscou.

A Espanha aliou-se aos Estados Unidos e informou que também não compareceria aos Jogos de Moscou, assim Samaranch sendo proibido de comparecer as Olimpíadas e não tendo o seu pedido de dispensa do governo atendido, ele renunciou ao seu cargo no governo e garantiu a simpatia do COI.

Foi ele quem iniciou um comando ativo e com outros objetivos no esporte de alto rendimento no mundo. É extremamente respeitado, quando não esta visitando lugares como a Casa Branca e o Vaticano, está dando acessória aos primeiros ministros na sua mansão olímpica, e é constantemente homenageado pelo seu trabalho no esporte mundial.

A organização de Samaranch é composta primeiramente pelo Clube, seguido respectivamente das Federações Internacionais, das ANOC's (Associações dos Comitês Olímpicos Nacionais), chegando aos ONC's que são os Comitês Nacionais que podem ser comandadas pelo Ministério do Esporte de cada país.

Desde a entrada de Samaranch no COI, em 1966, a entidade cresceu muito. Antes a sua sede era restrita a três salas que eram divididas por 11 membros. E o COI tinha muitos problemas financeiros, os Jogos Olímpicos apenas acumulavam dívidas para a entidade.

Comandada por Samaranch a sede do COI passou a ser na Suíça em um luxuoso prédio, o número de membros foi aumentando e as Olimpíadas trazem cada vez mais lucros para a entidade.

O presidente fez com que os Jogos e o interesse sobre eles, crescessem absurdamente. As companhias de televisão pagam milhões para transmitir o evento juntamente com as multinacionais, que se tornam patrocinadoras oficiais.

Uma das frases mais significativas que o presidente disse na época em que foi eleito foi *“Não se lucra com atletas convictos de que o importante é competir”* (sem grifo no original), afirmam SIMSON e JENNINGS (1992, p.18).

2.4.2 A História da Adidas

Ainda fazendo menção ao livro “Os Senhores dos Anéis”, relata-se que foi o alemão Horst Dassler que estruturou a ascensão de Samaranch no COI. Horst era então o presidente da empresa de artigos esportivos Adidas. Ele a herdara de seu pai Adolf Dassler que após um rompimento com seu irmão Rudolf Dassler fundou sua marca de sapatos esportivos.

Os irmãos eram sócios em uma empresa de calçados que Adolf iniciou nos fundos da casa de seus pais na cidade de Herzogenaurach, como gostavam muito de esporte resolveram criar uma linha específica de calçados esportivos.

No livro “Invasão de Campo” escrito por Bárbara Smit, conta que a expansão da fábrica de sapatos dos irmãos Dassler se chamava Gebrüder Dassler e devido às turbulentas circunstâncias econômicas os irmãos lutavam para viver das vendas a revendedores.

Após uma negociação com o clube de esportes de Herzogenaurach, Rudolph passou a explorar a febre de esportes mandando folhetos e caixas de sapatos para dezenas de clubes esportivos espalhados pela Alemanha.

A constatação do bom investimento que haviam feito foi quando o técnico da equipe de Atletismo da seleção da Alemanha, Josef Waitzer foi à fábrica dos Dassler a procura dos melhores calçados para a sua equipe.

A fábrica que empregava 25 pessoas teve um crescimento rápido em suas vendas e os Dassler começaram a desfrutar do seu sucesso.

Após as privações do pós – guerra, a segunda metade da década de 1920 parecia anunciar a recuperação da Alemanha. A Gebrüder Dassler beneficiou-se dessa ascensão.

Porém a Alemanha entrou novamente em colapso, engatilhado pelo crash da Bolsa de Nova York, em outubro de 1929 e a maioria das empresas alemãs foram prejudicadas pela alta inflação.

Essa situação dentro do país e a impotência do governo nacional fizeram com que surgissem alguns políticos extremistas, que já estavam juntando forças desde o fim da guerra, quando o regime imperial fora derrubado e o kaiser forçado a se exilar na Holanda.

Enquanto a Alemanha se afundava cada vez mais, o marechal von Hindenburg, veterano de guerra antigo e conservador que ainda comandava o país tornavam-se alvo fácil para os populistas, e as mudanças radicais defendidas por Adolf Hitler e seu Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores (NASDAP, na sigla em alemão) tinham apoio cada vez maior.

O partido conquistava não só as pessoas que sofriam com a situação desesperadora do país como aqueles que não suportavam mais a clara humilhação da Alemanha que sofria nas mãos dos vitoriosos da guerra.

Os irmãos Dassler não poderiam escapar a esse fenômeno. Rudolph foi um dos primeiros de sua vizinhança a apoiar os nazistas. Os irmãos requisitaram filiação ao NSDAP no mesmo dia, dia 1º de maio de 1933, cerca de três meses depois de Hitler ter chegado ao poder.

O nazismo foi muito benéfico para a Gebrüder Dassler, comandando o país desde janeiro de 1933, os homens de Hitler estimulavam a prática do esporte.

Hitler achava que essa era um instrumento importante para a disciplina e o espírito de camaradagem, e que as vitórias da Alemanha nas diferentes modalidades eram uma ótima propaganda para o país. Além disso, disseminação da prática esportiva ajudaria Hitler a formar um exército de homens jovens e em boa forma física. Como explicou em *Mein Kampf*: "Dê ao país seis milhões de corpos minuciosamente treinados, todos impregnados de um fanatismo patriótico e estimulados pelo mais fervente espírito de luta e, no máximo em dois anos, a nação os transformará em um exército." (SMIT, 2007, p. 25).

Para tornar realidade o seu objetivo Hitler resolveu aumentar seu poder sobre o esporte e obrigou todas as Federações e Clubes a incorporarem a bandeira nazista. O regime reconhecia a animação que o Futebol causava na população, mas continuou dando mais ênfase no Atletismo.

Josef Waitzer foi o encarregado de treinar a equipe nacional de Atletismo. O amigo dos Dassler caiu nas graças do governo com um dos defensores do esporte militar.

Enquanto o fervor nazista se disseminava, os irmãos Dassler se beneficiavam com a explosão da demanda de calçados esportivos. Para dar conta da demanda a Gebrüder Dassler foi expandida diversas vezes.

Através do regime nazista, a participação esportiva passou a ser considerada um ato de fé política que gerava profunda ressonância patriótica. A partir disso, Adolf concluiu, que para estabelecer mais contatos com clubes esportivos da cidade e com os jovens desportistas que os freqüentavam, ele teria de se juntar à juventude hitlerista.

Afilhou-se em 1935, e exerceu as funções de técnico e fornecedor. Numa parada de boas – vindas a um dos líderes do partido, **Adi foi visto usando um uniforme nazista com uma suástica caprichosamente adornando a lapela.** (sem grifo no original). (SMIT, 2007, p.26)

A capital Berlim foi escolhida para sediar os Jogos Olímpicos dois anos antes de Hitler chegar ao poder, e ele colocou a competição como uma das maiores prioridades do Terceiro Reich. Os Jogos seriam uma vitrine perfeita para provar a superioridade da raça ariana.

Os irmãos Dassler observavam ansiosos os acontecimentos políticos, pois os Jogos seriam em seu país, eles tinham ao seu lado o treinador da seleção de Atletismo e seus calçados já haviam ganhado fama internacional.

A preparação para o evento foi conturbada devido aos protestos que ocorreram nos Estados Unidos pedindo um boicote as Olimpíadas nazistas.

Na Europa o movimento contra os Jogos nazistas também estava crescendo e causava ainda mais revolta. Pouco antes da cerimônia de abertura, o belga Henri Baillet – Latour, presidente do Comitê Olímpico Internacional, expressou sua repulsa aos cartazes anti - semitas que viram espalhados pelo país. Em um ato desafiador, ele disse a Hitler que os cartazes deveriam ser retirados ou as Olimpíadas seria cancelada, mesmo contrariado Hitler ordenou uma limpeza radical.

Adi queria que os seus calçados fossem relacionados aos campeões nas Olimpíadas de Berlim, por isso viajou a capital e usou sua amizade com Jô Waitzer para entrar na vila olímpica equipado com vários pares de calçados e kits de consertos. Mesmo sabendo que os melhores atletas da Alemanha estariam usando seus calçados Adi estava atrás de um dos atletas mais admirados do planeta, o norte americano Jesse Owens.

Mesmo sabendo que o governo ficaria insatisfeito Adi estava decidido. Conseguiu com que Owens vencesse suas provas usando seus calçados e foi assim que a Gebrüder Dassler começou a receber cartas com selos de outros lugares.

Nessa época as tensões começaram a aparecer na família Dassler. Adolf e Rudolph devido aos seus temperamentos opostos começaram a entrar em conflito, por divergências de opiniões para decidir o futuro de sua empresa. Além dos problemas profissionais, iniciaram-se também problemas internos na casa do Dassler entre as esposas dos irmãos.

Outro motivo de briga entre os irmãos foi à ascensão dos nazistas, pois o controle sobre todos os aspectos da vida na Alemanha forçou – os a um envolvimento mais profundo com o movimento.

Eles assinavam cartas com o “Heil Hitler!” obrigatório e tinham carteira de filiação à Unidade Nacional Socialista de Motoristas, a *Nationalsozialistisches Kraftahrerkorps*. Todavia, os dois não abraçaram a causa com o mesmo ímpeto. Enquanto Rudolph expressava verbalmente sua aprovação às políticas do governo, Adi costumava limitar-se a sua decência de trabalhador dedicado. (SMIT, 2007, p.34)

Mesmo tendo se beneficiado das Olimpíadas em Berlim, a guerra não foi motivo de comemoração para os Dassler. Por conta das reformas econômicas do Partido Nazista, a produção de sapatos na Alemanha passou a ser supervisionada.

A guerra se aproximou mais da família quando Adi recebeu uma carta da Wehrmacht no dia 7 de agosto de 1940, ele foi instruído a comparecer no Regimento de Inteligência número 13 em Buchenbulh, cidade próxima a Nuremberg, porém Adi foi prontamente dispensado das obrigações militares.

Apesar de toda ênfase na guerra, os esportes ainda fazia parte integral do regime nazista e Adi os convenceu que era importante na sua fábrica por conta de seus conhecimentos técnicos.

Por conta que existiam poucas fábricas especializadas em calçados esportivos a Gebrüder Dassler escapou várias vezes do fechamento e ainda o seu limite de produção foi aumentando cada vez mais.

A tensão entre os casais havia se transformado em discussões exaltadas e a desconfiança pairava sobre a casa dos Dassler. A dispensa de Adolf das suas obrigações militares causou ainda mais problemas, pois o irmão caçula passou a ser a metade indispensável do dueto, o que incomodou Rudolph completamente.

Por influência de sua esposa, Adolf começou a planejar expulsar os demais membros de sua família da Gebrüder Dassler. Enquanto Adolf continuou sendo dispensado por causa das suas funções na fábrica, Rudolph foi convocado a reforçar o regimento em Glauchau, na Saxônia.

Como Rudolph disse que não enxergava bem à noite, foi delegada a ele uma função no escritório, sua posição era confortável, porém ele não suportava pensar que o irmão havia escapado à convocação.

Seis meses depois da convocação de Rudolph, uma carta chega a Gebrüder Dassler informando que a fábrica deveria ser fechada. Assim os calçados desportivos não eram mais necessários e o equipamento da fábrica Dassler seria usado na fabricação de peças para tanques e bazucas.

Enquanto Adolf aperfeiçoava peças para os tanques, o Exército da União Soviética avançava em direção a base de seu irmão. Rudolph conseguiu deixar o seu cargo alegando que sua unidade havia sido integrada à Schutzstaffel.

Ao chegar à sua cidade Herzogenaurach, Rudolph foi diretamente a um amigo médico que prescreveu uma licença declarando que ele não podia mais servir o exército devido ao congelamento de um de seus pés.

Algumas semanas depois Rudolph soube que sua unidade havia sido debandada por tanques soviéticos e ordenaram a ele que comparecesse a outra de duas seções, o Sicherheitsdienst (SD), o Serviço de Inteligência.

O SD trabalhava junto à Gestapo para vencer qualquer uma das oposições, Rudolph se recusou a se apresentar ao SD.

Apesar os tanques soviéticos estarem se aproximando com rapidez, os zelosos oficiais da Gestapo, acharam necessário abrir processo em relação a suspeita de deserção de Rudolph Dassler.

Rudolph fugiu e só retornou a sua cidade natal quando soube que seu pai estava á beira da morte, no dia seguinte ao funeral ele foi preso. Ele ficou retido na prisão de Barenshanz, em Nuremberg, durante vários dias, e só voltou para casa após a Libertação.

Nessa época as tropas norte - americanas chegaram à Alemanha e iniciaram o processo de “desnazificação” no país.

Quando Rudolph voltou a Herzogenaurach, estava disposto a recuperar o poder sobre a Gebrüder Dassler, porém às cinco da tarde do dia 25 de julho, ele foi preso novamente, mas agora pelos soldados norte americanos. Ele ouvira dos soldados que sua prisão fora feita com base em uma denuncia e não tinha dúvidas que ela provinha de seu irmão Adolf.

Na depressão que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, a Gebrüder Dassler sofreu com a escassez de quase todo o material necessário para a fabricação de calçados esportivos.

As tropas norte - americanas agora estavam ajudando a reconstruir o país e elas consideravam o esporte uma boa maneira de alegrar a nação totalmente desmoralizada.

Seis meses depois os norte - americanos aprovaram a criação de uma liga de futebol no sul do país. Para os soldados, a vida social na Alemanha quase sempre girava em torno dos esportes e eles passaram a precisar de calçados esportivos aos montes.

Os norte - americanos estavam fascinados com os estilos dos calçados alemães e quando eles descobriram que Adolf Dassler havia feito os calçados de Jesse Owens, fizeram de tudo para que o funcionamento da fábrica fosse rapidamente aprovado pelo governo militar. Em novembro de 1945, a Gebrüder Dassler foi autorizada a iniciar a produção de um lote de calçados para basquete e beisebol.

Com os pedidos do exército norte americano, os Dassler estavam bem de vida. A paz reinou na casa dos Dassler nesse período enquanto trabalhavam arduamente para salvar a Gebrüder Dassler, foi então que Rudolph retornou enfurecido.

Com a cidade de Hamelburg repleta de centenas de prisioneiros políticos, os soldados estavam decididos a estudar cada caso minuciosamente, entre eles estava o de Rudolph Dassler.

Rudolph preparou sua defesa e tinha ao seu lado alguns depoimentos, mas quando Friedrich Block, seu superior em Tuschin foi depor, para ele o depoimento

parecia confirmar suas suspeitas que houvesse um complô para afastá-lo da Gebrüder Dassler.

Como os soldados reconheceram que seria impossível esclarecer absolutamente cada caso no dia 31 de julho de 1946, juntamente com muitos outros, Rudolph Dassler foi libertado.

Sua volta produziu diversas discussões na casa dos Dassler, a situação ficou insustentável quando Adolf teve que se defender no comitê de desnazificação em julho de 1946, e nessa época as suspeitas de Rudolph se tornaram violentas acusações.

Tendo conseguido fazer uma defesa que lhe desse uma classificação menos grave, ele ainda teria que pagar uma multa de 30 mil Reichsmarks, e teria um período de liberdade vigiada de dois anos.

Durante esses dois anos, Adolf não poderia comandar a Gebrüder Dassler, assim Adi contratou um advogado para entrar com um recurso. Rudolph que acabara de ser solto, ao ser perguntado sobre as atividades de empresa durante a guerra não hesitou em comprometer o irmão. E assim a convivência na casa Dassler se tornou insuportável.

Com todas as brigas e calúnias os irmãos resolveram ir cada um para o seu lado, Rudolph juntou a família e se mudou para o outro lado do Aurach, convencido de que a Gebrüder Dassler iria à falência sem ele, concordou em ficar com uma pequena fábrica de sapatos que os irmãos possuíam em Wurzbürgerstrasse, deixando com que Adolf administrasse a fábrica maior. O resto dos bens foi dividido meticulosamente pelos dois irmãos.

Após vários meses de brigas com relação à distribuição dos bens, a separação foi finalizada em abril de 1948. A briga entre os irmãos dividiu a família, abrindo caminho para uma rivalidade que duraria décadas.

A divisão deixara os irmãos em situações delicadas, a maior parte da equipe técnica ficou do lado de Adolf e a equipe comercial ficou do lado de Rudolph.

Com a briga cada irmão fundou o seu negócio e passaram a trabalhar como concorrentes, nas margens opostas do Rio Aurach. Assim nasceu a Puma empresa de Rudolph Dassler e a Adidas pertencente a Adolf Dassler.

2.4.3 O Herdeiro da Adidas: Horst Dassler

As brigas familiares entre os Dassler continuaram acontecendo por muito tempo, mesmo após o rompimento. Um dos maiores medos de Horst era devido ao fato dele ter quatro irmãs e qualquer desentendimento entre eles poderia ocasionar na divisão da empresa. Por isso ele manteve vínculos durante muito tempo somente pela companhia holding familiar com a sede da Adidas na Alemanha e com o apoio do seu pai fundou uma sede da Adidas na França.

Foi através da Adidas francesa que Horst criou o seu próprio império. Ele amava os esportes e em particular o Atletismo. E foi através desta modalidade que ele fez com que a Adidas crescesse de tal maneira.

Seu pai Adolph compreendeu desde cedo à importância das olimpíadas para seu negócio. E por isso, Horst teve muito jovem seu primeiro contato com o mundo olímpico.

Horst deu continuidade às ambições de seu pai e passou a pagar os atletas para competirem com seus produtos. Isso causou polêmica, pois as federações a

qual esses atletas eram ligados defendiam o esporte amador. Isso fez com que o presidente do COI na época proibisse o uso de produtos com marcas pelos atletas durante as competições.

Mas os Dassler não estavam somente voltados para o Atletismo. Na década de 1980, a folha de pagamento da Adidas para os atletas de rúgby causaram polêmicas na Inglaterra.

O presidente da Adidas fez com que o escândalo se tornasse publicidade gratuita para a sua empresa. A capacidade de Horst de manipular as situações a seu favor deixou os anunciantes ingleses fascinados.

Um dos parceiros de Dassler, Patrick Nally conta que Horst conseguia facilmente tornar situações constrangedoras em situações que lhe rendessem benefícios. Ele também não poupava esforços para vencer a concorrência.

Patrick Nally se ligou a Adidas através das suas ambições profissionais. Ele era um relações públicas interessado em descobrir uma forma lucrativa para unir comércio e esporte.

Na década de 1960, Nally conheceu Peter West um comentarista esportivo da televisão inglesa. Juntos eles fundaram a *West e Nally Ltda* e tornaram a idéia de Nally realidade, eles convenceram as empresas a investir dinheiro no apoio ao esporte.

Na época não havia nenhuma empresa especializada em patrocínio esportivo, a empresa deles foi à primeira. A conquista obtida pelos ingleses despertou o interesse de Dassler.

John Boulter um ex - corredor olímpico que trabalhava para Horst foi até os escritórios da *West e Nally Ltda* e tornou realidade o encontro de Nally com Dassler.

Nally conta que foi muito bem tratado pelo presidente da Adidas, mas o encontro foi confuso.

Durante o encontro Horst relatou ao jovem inglês as disputas entre as empresas de artigos esportivos e a briga com o COI e as Federações Esportivas, Nally conta que daquela primeira conversa ficou claro que Dassler queria discutir com ele sua visão para o futuro.

As modalidades olímpicas são ligadas diretamente as suas Federações e elas ainda defendiam um caráter amador. As Federações tinham suas equipes muitas vezes compostas por ex - atletas que iam trabalhar por amor ao esporte. Suas sedes eram modestas, apenas o COI apresentava uma melhoria após a entrada da televisão nos Jogos Olímpicos.

E Horst via nas Federações um mecanismo para tornar realidade seus ideais. Assim ele montou uma equipe, onde colocou um membro responsável por cada parte do mundo, era essa sua nova estratégia. Horst sabia que oferecer dinheiro não era somente o que atraía.

Ele mantinha duas sedes bases para sua equipe política: uma em Paris e outra em Landersheim e era ali que ele fazia suas negociações. Ele mantinha também apartamentos em hotéis luxuosos, com um barman responsável por achar moças para os convidados importantes de Dassler.

O objetivo do grupo era levantar informações internacionais para realizar aproximações com as Federações e políticos esportivos. Dassler designou um responsável por cada região, mas cuidava pessoalmente da América Central e do Sul.

Um dos principais membros de sua equipe era Christian Jannete um francês responsável pelos contatos com a Rússia e o Leste Europeu, ele era ligado aos Jogos Olímpicos há muito tempo e era o contato permanente de Horst e a Rússia.

Patrick Nally seria o homem que realizaria o sonho de Horst de ter milhões de telespectadores assistindo os medalhistas olímpicos usando Adidas. O plano de Dassler era juntar o patrocínio esportivo e o esporte em benefício da Adidas.

E Dassler precisava de alguém que pagasse a conta com urgência, pois quando conheceu Nally, em 1974, ele já havia assumido compromisso com um homem que no decorrer dos vinte anos seguintes, se tornaria um dos homens mais importantes do esporte.

2.4.4 O Presidente da FIFA: João Havelange

Utilizando os escritos do livro “Os Senhores dos Anéis”, vamos conhecer um pouco mais da história do brasileiro João Havelange e sua relação com Horst Dassler e a Adidas.

Na final da Copa do Mundo de 1990, uma das únicas coisas que não havia sido fornecida pela Adidas foi o apito do árbitro. Das 24 seleções presentes 15 eram patrocinadas pela empresa.

No estádio de Barcelona oito anos antes, o episódio foi o mesmo, um menino na abertura da Copa, soltou um pomba de dentro de uma da Adidas. O então vice – presidente da FIFA defendia que a entidade não mantinha nenhum vínculo com a empresa.

Em Munique, 1974, foi preciso um novo troféu, pois o antigo havia sido levado para o Brasil após a conquista do seu terceiro título mundial. O homem que

comandava o campeonato também estava na sua estréia, era o então recém eleito presidente da FIFA, o brasileiro João Havelange.

Dr. João Havelange era membro fundador do Clube. Sua eleição para presidente da FIFA foi o motivo pelo qual ele e Horst Dassler firmaram sua aliança. Foi na campanha de Havelange para a presidência que Horst viu a importância das Federações para seus planos.

O antecessor de Havelange foi o inglês Sir. Stanley Rous que era também árbitro de futebol e não pretendia deixar o cargo. Sobre seu comando a FIFA era muito conservadora, seus fundos provinham somente da Copa do Mundo e sua sede era uma casa antiga com poucos funcionários em Zurique.

O brasileiro João Havelange tinha o estilo diferente do inglês e seu passo esportivo vinha do pólo aquático e ele até chegou a competir pela seleção brasileira nas Olimpíadas de Hitler. Havelange declarava que não precisava ganhar dinheiro com o futebol, pois era um homem de negócios e tinha muito dinheiro.

Ele iniciou sua carreira no esporte como presidente da Confederação Brasileira de Natação. Foi assim que conseguiu entrar para o Comitê Olímpico Brasileiro e chegou a ser presidente da Confederação Brasileira de Desportes.

Foi Havelange que lançou sua candidatura para a presidência da FIFA a partir das três conquistas consecutivas da equipe brasileira na Copa do Mundo. Assim Havelange deu início a sua campanha. Como o futebol já possuía um campeonato mundial e os países da África e da Ásia ficavam de fora desse campeonato, ele investiu muito nesses dois continentes. Prometeu aumentar o número de equipes na Copa do Mundo e criar campeonatos das categorias de base em troca dos votos desses continentes.

O Dr. João Havelange estava fazendo progressos com a sua campanha, até que o Sir. Stanley Rous percebeu que estava a ponto de ser derrotado por um brasileiro. Assim ele recorreu a Horst Dassler para ajudá-lo. O presidente da Adidas o socorreu e quase conseguiu derrubar Havelange nas eleições. Ao notarem a ambição do adversário Horst Dassler e João Havelange logo uniram forças.

Após ser eleito Havelange tinha um problema, ele não tinha a sua disposição o dinheiro necessário para cumprir suas promessas.

Havelange precisava de dinheiro, em troca daria a Dassler os benefícios do relacionamento com a FIFA e os contratos com as Federações. Dassler financiaria então o projeto de Havelange e para isso precisava que Nally conseguisse o dinheiro para tornar tudo possível. Essa parceria continuou mesmo depois da morte de Horst Dassler.

Para tornar possíveis os objetivos de Havelange e Dassler, Nally precisava de uma empresa que tivesse interesse em patrocinar o futebol. Nally passou um ano e seis meses tentando fechar contrato com a Coca – Cola, para que a empresa fosse à patrocinadora da modalidade, afinal a Coca – Cola é a Coca – Cola em todos os lugares do mundo. A empresa já possuía um histórico de envolvimento com os Jogos Olímpicos.

Assim que a Coca – Cola fechou negócio com Patrick Nally, Havelange ganhou o que era necessário para colocar todas as suas promessas em prática.

Para as organizações dos campeonatos, Horst Dassler procurou Klaus Willing que trabalhava na Federação Alemã de Natação. Foi ele quem montou todo o planejamento, que acabou se transformando no programa de aprimoramento da FIFA.

E foi assim que as promessas de Havelange começaram a ser cumpridas. No terceiro campeonato juvenil, o dinheiro já não era mais problema para a FIFA. Nally e Dassler foram criando novas regras comerciais para dar cada vez mais privilégios às divulgações da marca Coca – Cola.

Havelange entrou para uma nova categoria de dirigentes esportivos. A FIFA deixou sua modesta sede em Zurique e agora tinha despesas milionárias. Mas foi Horst Dassler que obteve os maiores benefícios políticos e comerciais após o investimento da Coca – Cola.

A Coca – Cola e a FIFA estavam atingindo a sua meta e Horst usava tudo isso a seu favor e para beneficiar a Adidas.

2.4.5 A Relação da Adidas e do COI

Segundo o livro “Os Senhores dos Anéis” para realizar seu plano de comandar o esporte mundial, Horst Dassler montou uma equipe política para montar um arquivo sobre os principais presidentes das Federações, os diversos Comitês Olímpicos Nacionais e é claro sobre o COI.

Horst Dassler passou a ser um “bom anfitrião”. Ele oferecia suas residências para ser sede de diversas reuniões dos dirigentes esportivos, em contrapartida, sempre tinha alguns brindes ou presentes para distribuir.

Patrick Nally relata que Horst tratava cada dirigente de forma que o mesmo se sentisse como seu amigo, e foi assim que conseguiu montar um forte sistema de alianças.

A ação dessa equipe política formada por Dassler possuía três estágios principais. O primeiro deles era pagar para os atletas usarem Adidas enquanto

competiam. A segunda era controlar as Federações e a terceira era o lançamento de uma estratégia completa que consistia em usar a cidade de Montreal para espalhar as sementes do trabalho de Nally e Dassler pelas Federações e pelo COI.

Os Jogos de Montreal não ficaram somente marcados pelas conquistas do finlandês Lassie Viren e do cubano Alberto Juantorena, outro fator decisivo nos Jogos foi a proporcionar a possibilidade a Nally e Dassler de finalizar a montagem de sua equipe política.

Para poderem trabalhar em Montreal, Dassler e Nally eram anfitriões de fabulosas festas que serviram para estimular a cobiça dos dirigentes esportivos, quando Nally mostrava a parceira que a FIFA de João Havelange havia conseguido.

Para atrapalhar os planos do presidente da Adidas vinha Tommy Keller que era o diretor da Swiss Timing e presidente da Federação Internacional de Remo.

Tommy Keller se manifestava contra os caminhos que o mundo esportivo estava tomando e ainda se referia aos comandantes esportivos como componentes de uma “máfia latina, da Europa e da América do Sul”.

O presidente da Federação Internacional de Remo se manifestou da seguinte maneira quando se referiu ao Esporte:

Para mim, a função do esporte é ensinar os jovens, através da competição, a se submeterem às regras das sociedades humanas, e não a servir os interesses dos dirigentes esportivos que não tiveram muito sucesso em suas vidas profissionais ou políticas. **Eles encontraram um refúgio. Os interesses pessoais tornaram-se mais importantes do que os interesses esportivos.** (sem grifo no original) (SIMSOM e JENNINGS, 1992, p. 75)

Em Montreal o relacionamento entre Dassler e Keller ainda era bom, mesmo Tommy já havendo lutado contra o poder excessivo do COI sobre as Federações

Esportivas. Assim ao lado das Federações de Natação e Luta, Keller fundou a Assembléia Geral das Federações Esportivas Internacionais (GAISF).

Desde o início a idéia gerou problemas para o COI sendo a GAISF considerada como uma ameaça pelos membros do COI. Segundo relatos de Patrick Nally, ele e Horst perceberam as vantagens de uma organização como a GAISF, assim planejaram capturar a entidade para torná-la um centro de informações e dados para eles poderem conversar com as Federações.

Por isso, Dassler e Nally levaram a GAISF para Monte Carlo tornando Keller seu presidente. A entidade se tornou um fórum de debates positivos ajudando a desenvolver um bom relacionamento entre Dassler, Nally e as Federações, tal acontecimento deixou satisfeito o Príncipe Rainer, pois ele tinha o objetivo de melhorar a imagem do principado associando-a a eventos internacionais de sucesso.

Foi em Monte Carlo que Dassler e Nally modificaram a postura das Federações. Cada modalidade seguiu o exemplo do futebol, criando novos eventos e assim a importância das Olimpíadas ia crescendo.

Durante esse processo de dominação do esporte olímpico, um dos principais compradores do novo estilo que o esporte assumiu, eram os canais de televisão que em todos os Jogos realizados pagavam cada vez mais pelos direitos de transmissão.

No ano de 1982, Dassler e Nally se separaram, foi então que para controlar o processo do patrocínio esportivo e ter total controle das empresas que gostariam de vincular seus produtos ao esporte, Horst Dassler fundou a ISL. Essa empresa tinha como função intermediar as negociações entre a Dassler, Samaranch e as Federações.

A ISL Marketing ocupa um conjunto de escritórios em cima da estação ferroviária de Lucerne. Tem uma receita anual de US\$ 200 milhões.

Para fundamentar o papel da ISL Marketing no desenvolvimento do Esporte Olímpico, SIMSON e JENNIGS (1992, p. 130) argumentam dizendo que:

Para um fã ou um atleta, o maior prêmio ainda é ver ou ganhar uma medalha de outro olímpico, na pista de atletismo, ou a taça na copa do mundo de futebol. Para a ISL, o valor destes eventos reside nas “oportunidades globais” dos “segmentos de mercado” que tornam disponível em “pacotes” para os fabricantes divididos por “categorias de produto”. O alvo final pode ser o “consumidor”, ou ficar restrito aos “empresários”. Qualquer que seja a atividade de uma empresa, se esta for muito rica, pode comprar uma fatia da final da Copa, das Olimpíadas ou do Campeonato Mundial.

Percebemos que a ISL surgiu para atender os desejos de Dassler de organizar melhor o método de patrocínio esportivo, e a empresa não estava preocupada com os atletas, mas sim com quanto poderiam lucrar através deles.

2.4.6 Um Exemplo: A Federação Internacional de Atletismo

Ainda fazendo menção aos relatos do livro “Os Senhores dos Anéis”, o presidente da Federação Internacional de Atletismo Primo Nebiolo perdeu um pouco de sua influência no COI devido a uma série de escândalos, mas nos jogos olímpicos seu poder não diminuiu, pois Samaranch temeu que Nebiolo pudesse ter tirado a modalidade dos jogos, se isso tivesse acontecido, eles não seriam mais o espetáculo esportivo número um do mundo.

A federação de Nebiolo e das outras modalidades compõem a pirâmide olímpica de Samaranch.

A principal modalidade dos Jogos Olímpicos o Atletismo, também teve sua história modelada pela influencia de Horst Dassler. Inicialmente Adriaan Paulen era o presidente da IAAF. Esse homem dedicou sua vida ao esporte e não almejava o acumulo de poder na direção da Federação.

Foi ele quem ajudou Nally e Dassler a criar o Campeonato Mundial de Atletismo. Paulen era um homem simples que não via necessidade de gastar o dinheiro da Federação em coisas supérfluas como, por exemplo, luxuosos hotéis e carros importados, por conta disso quando foram apresentados a Horst Dassler os dois discutiam os negócios nos ambientes mais agradáveis possíveis.

Porém Primo Nebiolo que até então dirigia o movimento esportivo estudantil acumulava ambições em torno do Atletismo. Como Primo desejava se tornar presidente da modalidade principal dos Jogos Olímpicos, ele procurou ajuda em Horst Dassler para derrubar Paulen do poder.

Foi assim então que Dassler preparou a candidatura de Nebiolo para a presidência da IAAF. Mesmo tendo um bom relacionamento com Adriaan, Dassler sabia que não seria fácil fazer Paulen ajudá-lo em seus planos de comandar o esporte olímpico.

Para seus objetivos se concretizarem era necessário que Horst possuísse o controle do Atletismo. Por isso, Dassler esperou até o ano de 1981, quando Paulen terminou de organizar o Campeonato mundial de Atletismo e durante esse tempo foi dando avisos a Paulen para desistir de concorrer contra Nebiolo, uma vez que os demais candidatos quando constataram que Paulen iria se candidatar novamente, por respeito a historia de Adriaan no esporte resolveram não concorrer à presidência, exceto Nebiolo que tinha Dassler a seu lado.

Assim, Dassler convenceu Paulen a renunciar a candidatura antes das eleições serem realizadas. Para não sofrer a derrota nas eleições Adriaan fez algumas exigências, e entre elas pediu para continuar com o um cargo simbólico no esporte que mais tarde passou a ser ignorado. Foi assim que Dassler elegeu Primo Nebiolo para a presidência da IAAF e passou a comandar a modalidade central dos Jogos Olímpicos, o Atletismo.

Um fato que marcou a presidência de Primo Nebiolo foi durante a organização das Olimpíadas de Seul em que o fato que mais incomodou foi à negociação com os canais de televisão que iriam transmitir os Jogos e era um dos seus principais patrocinadores.

Tudo aconteceu devido ao fato que os principais canais de televisão que eram norte - americanos, desejavam que o horário das finais do Atletismo fosse mudado, pois devido ao fuso horário eles seriam transmitidos nos Estados Unidos de madrugada ou teriam que ser reprisados no dia seguinte, o que significaria em uma queda considerável nos lucros obtidos pelos canais televisivos.

Quando o presidente Samaranch disse “lavar as mãos nas negociações”, Primo Nebiolo decidiu que não iria mudar os horários das finais e ameaçou tirar a modalidade dos Jogos.

Assim os coreanos não podendo perder o investimento dos canais norte americanos, cederam à chantagem de Primo e lhe pagaram US\$ 20 milhões para o presidente de a IAAF mudar o horário das finais e assim conseguiram negociar com os canais de televisão norte - americanos.

Ao “blefar” de maneira incisiva e receber a quantia esperada e ter seus poderes de patrocínio aumentado significativamente, Primo fundou a IAF (Fundação

Internacional de Atletismo), um programa de caridade próprio que tinha como objetivo ajudar a IAAF a promover o esporte no mundo inteiro.

O melhor ano de Primo Nebiolo deveria ter sido o de 1987, porém seus planos falharam, pois foi esse período o pior exemplo de trapaça organizada na história do esporte moderno e era ele o presidente da IAAF.

O ano de 1987 deveria ter sido o ano do Atletismo, período que as ambições de Primo se concretizariam e ano em que Luciano Barra que era um dos dirigentes esportivos mais importantes das Itália e que havia ajudado na ascensão de Nebiolo ao poder.

Foi organizado um campeonato de Atletismo *indoors* em Indianápolis, que fora projetado para ser mais um triunfo de Nebiolo, mas a delegação italiana não voltou consagrada dos Estados Unidos.

No campeonato havia cerca de 84 países e mais de 20 mil pessoas compareceram para prestigiar. Pelo fato de Carl Lewis não ter comparecido ao campeonato os italianos tinham esperança de medalha no salto em distância. Por isso a disputa seria entre o italiano Giovanni Evangelisti e outro norte - americano Larry Myricks.

Não estando no auge de sua forma o italiano atingiu a marca de 7,91 metros e teve seu último salto anulado. O ocorrido foi uma decepção para os italianos que decidiram que em Roma no campeonato mundial eles forneceria os árbitros para o salto em distância, além disso, foi ali que os membros da FIDAL (Federação Italiana de Atletismo) decidiram também que se aparecesse para competir Evangelisti alcançaria a marca de 8,40 metros.

Esse foi o ano em que a IAAF completaria 75 anos de existência, por isso no jantar antes do campeonato, Nebiolo chamou Carl Lewis e lhe disse que precisava de um recorde mundial.

Na abertura do campeonato Lewis foi derrotado por Ben Johnson que quebrou o recorde mundial com a marca de 9.84 segundos nos 100 metros, depois de ter passado pelo último ciclo de duas semanas de esteróides antes de ir competir.

No salto a distância, em seu último salto Evangelisti precisava de um salto especial para derrotar Myricks. Quando ele se concentrava para saltar, a competição foi interrompida entrega das medalhas do arremesso de peso feminino.

Ao fim da entrega, ao saltar o italiano saiu decepcionado, pois não havia saltado o suficiente. Porém a marca do árbitro indicou que Evangelisti havia saltado 8,38 metros para delírio da multidão. Seu adversário o norte americano Myricks teve a marca de 8,20 metros mesmo parecendo que ele havia saltado mais.

O fato foi motivo para o descontentamento de muitos, o que fez com que a vitória do italiano fosse alvo de várias investigações.

Mesmo sobre as negações e ameaças de Nebiolo, o CONI iniciou as investigações e constatou após ter acesso à fita da câmera automática que filmara a disputa e que ficou filmando o cenário do salto a distância e não a entrega de medalhas foi confirmada a fraude que ocorreu por parte dos árbitros.

A fita revelou que enquanto acontecia à entrega das medalhas o juiz Tomaso Aiello olhou para os lados e acreditando que todos estavam se concentrando na cerimônia de entrega das medalhas, ele furtivamente colocou antecipadamente o prisma ótico na areia. Em seguida retirou-se do local por cerca de um minuto, em seguida voltou e retirou o prisma areia e antes que o italiano saltasse a sua marca já havia sido registrada com 8,38 metros.

O fato fez com que o resultado fosse anulado e Nebiolo que desejava se eleger presidente do Comitê olímpico Italiano teve suas ambições barradas quando foi derrotado nas eleições por Carraro.

A manipulação de resultados não era o único fator ilegal que envolvia o esporte moderno. O doping era um fator decisivo nos resultados das competições. Além do famoso caso de Ben Johnson outros casos deixaram conturbados os dirigentes esportivos.

O doping foi tomando tanta proporção quem tomava as drogas já passou a receber orientação de um profissional, para eliminar as substâncias em seu corpo.

Mesmo que os testes antidoping estarem acontecendo há anos, o COI e a IAAF não agiu ativamente na situação, o que deu a impressão de que as competições estavam sendo justas, como afirmava o chefe de Justiça de Ontário, Charles Dubin ao seu relatório a IAAF, era ele o responsável pelas investigações do caso de Johnson.

Nem o COI de Samaranch e nem a IAAF de Nebiolo se propuseram a investigar o caso de Johnson.

Outros casos que marcaram o cenário esportivo ganharam grandes proporções em sua época.

Um dos exemplos foi à corredora norte americana Diane Williams que declarou em 1989 ter sido forçada a se dopar pelo seu técnico. Em um ano a atleta diz ter notado mudanças em seu corpo, dizendo que:

Surgiram traços masculinos, como bigode e pelos no queixo. Meu clitóris começou a crescer assustadoramente. Minhas cordas vocais se alteraram, a voz engrossou. Fiquei coberta de pelos. Os esteróides afetaram meu

comportamento sexual. Em muitos momentos eu virei uma ninfomaníaca. (SIMSON e JENNIGS, 1992, p. 231).

Outros escândalos ganharam destaque no movimento esportivo. Eles atingiram seu pico nos Jogos Pan-Americanos de Caracas, em agosto de 1983, quando os halterofilistas foram levados para fazer os testes preliminares, a equipe era composta por onze atletas, apenas um teste deu positivo, outro a urina estava diluída demais para ser analisada e os demais deram positivo.

Os atletas fugiram porque tinha certeza de que seriam desmascarados. O Dr. Donnike que era encarregado do controle de doping em Helsinque e usara os mesmo testes anunciou que não houve nenhum teste positivo na sua competição.

Os Jogos de Los Angeles teve o escândalo mais famoso com a saída do finlandês Martti Vainio minutos antes da largada dos cinco mil metros rasos, quando teve a notícia que seu teste antidoping havia dado positivo.

O COI e a IAAF tentaram minimizar os acontecimentos, no final de 1988 anunciaram que estavam ganhando a guerra contra as drogas, mas como sempre as declarações eram somente para manter as aparências.

2.4.7 O Processo de Escolha das Sede dos Jogos Olímpicos: Seul e Barcelona

Os Jogos de Seul e sua organização também merecem destaque. Desde sua candidatura para ser sede dos Jogos Olímpicos a cidade de Seul recebeu a ajuda de Horst Dassler.

A cidade favorita para sediar os Jogos era Nagoya, no Japão, mas devido ao fato de que Dassler não controlava os japoneses, e eles eram extremamente independentes, enquanto a Coréia estava disposta a cooperar,

Dassler até o último momento declarava que Nagoya iria ganhar a disputa, mas no último momento ao ser encerrada à votação, a Coreia venceu o Japão por 52 a 27 votos.

Um dos motivos pelos quais os coreanos queriam ser sede dos Jogos Olímpicos era devido ao desejo da junta militar de **melhorar sua imagem de brutalidade e abrir novos mercados para a dinâmica do país.**

O maior organizador dos Jogos em Seul foi um coreano chamado Dr. Kim que teve sua ascensão ao Clube rapidamente e na época todos o encaravam como o mais provável sucessor de Samaranch na presidência do COI.

Foi ele também que fundou a Federação Mundial de Taekwondo, em 1973, uma arte marcial ensinada a todos os escalões das forças armadas coreanas. Sobre a maneira de se utilizar a nova modalidade, SIMSOM e JENNIGS (1992, p. 177) relatam que:

Liechty, agente da CIA, também nos abriu os olhos para o papel do “esporte” chamado taekwondo. “Sei de muitas histórias, algumas de fontes confiáveis, indicando que a CIA usou, durante o governo Park, as escolas de Taekwondo como base de operações e cobertura para agentes estrangeiros, particularmente aqui nos Estados Unidos. Houve um período em que alguns se envolveram ao que consta, em seqüestros e remoção clandestina de estudantes coreanos que se opunham ao regime de Park, levando – os de volta para a Coreia. Há muitas evidências disso e operações similares, com o envolvimento da KCIA, na década de 1970.”

A escolha da cidade de Seul para sediar os Jogos foi a primeira vez que Horst Dassler conseguiu provar que seu apoio fora decisivo para a escolha da sede das Olimpíadas. Porém um fato necessitava ser deixado de lado e escondido pelos dirigentes esportivos.

Os coreanos que fabricavam roupas e sapatos para todo mundo, por encomenda, produziam quase a mesma quantidade ilegalmente. A indústria de falsificação na Coreia movimentava cerca de US\$ 10 milhões por ano em imitações.

Ao serem acusados de pirataria por Howard Bruns que era presidente da Associação dos fabricantes de produtos esportivos o governo coreano afirmou que não existia falsificação em seu país.

Já a candidatura de Barcelona, no comando da cidade e responsável pela organização do evento Maraquã gastou cerca de um bilhão de libras através do comitê e utilizou dois bilhões de libras do cofre público para realizar as reformas necessárias na cidade para sediar os jogos.

As obras em Barcelona começaram em 1986, quando a cidade ganhou a disputa para sediar as olimpíadas. Desde então os cidadãos estão vivendo com as obras a sua volta. O prefeito recebeu a bandeira olímpica ao término dos jogos de 1988 em Seul. Essa bandeira representa os cinco continentes através dos anéis olímpicos e será estendida no estádio Montjuic.

Revelou-se o lado inaceitável do Movimento Olímpico, com suas recepções suntuosas, convites aos membros de todo o mundo para visitar os locais das provas e distribuições de presentes, um quadro que completou o envolvimento de reis e primeiros-ministros no processo final de escolha. (p.17)

Esse estádio foi construído em 1930 na primeira tentativa da cidade de sediar os jogos. Nessa época Barcelona foi derrotada pela Berlim de Hitler, através de uma votação feita pelo correio.

Revoltados os cidadãos promoveram as “Olimpíadas Populares de Barcelona” em forma de protesto. Esses jogos tiveram seu fim devido à guerra civil espanhola que se iniciou com os jogos, devido ao fato do novo governo, dez dias antes, ter proclamado a república no país, o que deixou o general Franco furioso.

O ditador jamais perdoou a oposição feita ao seu governo e atrapalhou os planos da cidade de sediar os jogos na sua segunda tentativa em 1965, quando um

telefonema, fez com que o representante de Barcelona faltasse à reunião que disputaria a candidatura espanhola contra Madri.

Além da reforma do estádio, Barcelona também construiu a vila olímpica denominada de Parc Mar e um complexo próximo à vila para ser o Centro de imprensa. Perto dessas novas construções em uma das ruas mais famosas da cidade, a Rua Diagonal o Hotel Princesa Sofia gastou cerca de 10 milhões de dólares na sua reforma para hospedar os membros do Clube nas duas semanas dos jogos.

O presidente seria acomodado na suíte presidencial do hotel. Em uma suíte mais modesta iria hospedar-se João Havelange o então presidente da FIFA. Foi o próprio Havelange que organizou o grupo que defendia a candidatura de Barcelona para sediar os jogos de 1992, quando Samaranch declarou ficar neutro na disputa por se tratar da sua cidade natal.

Um pouco mais adiante do Hotel Sofia, fica o Hotel Hilton que iria hospedar os membros das federações internacionais das modalidades presentes nos jogos. Ali ficaria hospedado o Primo Nebiolo, também membro do COI e comandante do atletismo internacional.

Além da disputa que existe para sediar os jogos, ocorre a disputa para sediar as reuniões do Clube. A cidade inglesa Birmingham e o seu hotel Hyatt são exemplos disso. Ela ganhou a disputa para sediar a 97ª reunião do COI, a última antes do ano olímpico. Ganhou a disputa em cima de Budapeste, quando perdeu por um voto de diferença, em que durante a votação, um representante do Kuwait e defensor da cidade saiu para fumar um cigarro.

O hotel Hyatt foi sede do Clube durante a reunião na cidade inglesa. A organização para a hospedagem do COI foi impecável. Um ano antes

representantes do COI visitaram o hotel para fazer as exigências necessárias e faziam visitas semanais para ver se elas estavam sendo providenciadas. Durante a presença do COI na Inglaterra, o país, a cidade, o hotel e os patrocinadores ganharam publicidade extra.

Todo evento social Olímpico é um carrossel de viagens de primeira classe, hotéis cinco estrelas, recepções regadas a champanhe, banquetes nababescos, montanhas de presentes e programas requintados. E, frequentemente não há um único atleta à vista. (SIMSON e JENNINGS, 1992 p.24).

O início da 97ª sessão do COI foi um grande evento com direito a discurso de Saramanch e da Rainha, seguidos de apresentações musicais e teatrais. Mas pouco se sabe sobre o que realmente se decide lá dentro. Toda a organização dessas reuniões é comandada por uma mulher chamada Michele Verdier. Ela que toma os cuidados para que tudo corra bem.

Ela disponibiliza a imprensa exatos 15 minutos para que eles registrem algumas imagens dos membros do COI e depois os presenteia com brindes dos patrocinadores. No fim da reunião ela comenta rápida e superficialmente sobre as conclusões da sessão.

O COI passou uma semana em Birmingham e somente no último dia na cidade Samaranch fez uma entrevista coletiva, em que elogiou as instalações inglesas e respondeu superficialmente as questões feitas pelos jornalistas. Após 45 minutos de entrevista o presidente deixa a sala sobre aplausos da imprensa.

O tema das olimpíadas de 1992 é “Amigo para sempre” o que sempre serão os membros do COI. Mas o que intrigou mesmo foi à ausência de dois membros do Clube que tornaram possível esse crescimento do COI desde a entrada de Saramanch.

2.4.8 A Relação do Movimento Olímpico com o Bloco de Países Comunistas do século XX

A partir dos relatos apresentados nos livros “Os Senhores dos Anéis” e “Invasão de Campo”, vamos saber um pouco mais sobre o relacionamento do Movimento Olímpico e do Bloco de países comunistas que surgiram no século XX.

Primeiramente iremos dar ênfase na relação do COI com os países comunistas de acordo com as informações contidas no livro “Os Senhores dos Anéis”. O presidente do COI Juan Antonio Samaranch mudou para Moscou após o colapso da ditadura de Franco e do triunfo da democracia na Espanha, porém o presidente considerava fácil lidar com os russos, tanto quanto com os governantes em Madri, já que ambos exerciam um poder absoluto em suas nações e recompensava quem os ajudasse.

Mesmo assim o Saramanch não soube lidar direito com os aliados comunistas do movimento olímpico. Desde sua ascensão ao poder no COI, ele recrutou e apoiou muitos membros do Leste, e hoje o COI encontra-se lotado de delegados falidos do antigo Bloco Oriental.

Esses membros não representam nada dentro do movimento esportivo, mas se Samaranch não pedir sua renúncia, ofenderá os novos comitês olímpicos nacionais democraticamente eleitos dos países do Leste.

Normalmente quando um regime, juntamente com seus líderes cai, seus embaixadores e delegados voltam para casa em desgraça, porém no COI as coisas não acontecem assim.

Mesmo os membros desacreditados permanecem no COI até a morte, ética compareceram a sessões do COI e acompanhando os Jogos e outros eventos esportivos em destaque.

Os países do Bloco Leste sempre mantiveram um relacionamento delicado com o movimento olímpico. Quatro anos depois dos Jogos de Estocolmo os russos boicotaram as Olimpíadas. Retornaram em 1952, em Helsinque, ganhando as primeiras medalhas de ouro. Faturaram 22, ficando em segundo no total de medalhas, atrás dos norte-americanos. Desde então o esporte tornou-se uma atividade política prioritária. Os russos alemães orientais, tchecos, romenos e búlgaros ignoraram a escassez de recursos, criaram condições para a prática esportiva de competição, treinaram equipes de ponta e tentaram derrotar o Ocidente. Em 1956 os russos venceram no total de medalhas. E ficaram na frente dos norte americanos em três das cinco Olimpíadas seguintes. (SIMSOM e JENNINGS, 1992, p.145).

Porém nessa época a União Soviética continuava fechada, os únicos estrangeiros realmente bem vindos eram os adeptos do regime e capitalistas selvagens como Horst Dassler. Os russos eram gratos pelo material esportivo gratuito que ele doava às equipes, mas ansiavam mesmo pelo acesso à mercadoria mais valiosa de Dassler, o conhecimento.

O isolamento do Bloco Leste os impedia de compreender a política esportiva. Desde o início da década de 1970, Dassler tornou-se orientador e cicerone político dos russos. Eles entenderam que os votos sobre seu controle lhes davam um imenso poder, mas não sabiam como usá-lo.

Mas ninguém previu o boicote norte americano a Moscou. Nessa época Samaranch ocupava a vice - presidência do COI cultivava contatos comunistas para

ajudar os norte-americanos. Isso tinha sentido na política dele e os Estados Unidos pouco influíam na política olímpica.

As qualidades diplomáticas de Samaranch falharam no seu primeiro teste, pois ele não conseguiu reverter o boicote norte americano.

Quando os russos se vingaram em Los Angeles, Samaranch que já era presidente do COI tentou reverter à situação e não conseguiu. Mesmo dentro da política olímpica há 18 anos ele não conseguiu fazer com que o Bloco Leste entendesse que se arrependiam do boicote, pois havia divergências notórias entre os países comunistas, e quem queria ficar fora de Los Angeles era somente Brezhnev.

Mesmo tendo passado anos como embaixador em Moscou, Samaranch não conseguiu aprender a dominar as nuances políticas do bloco comunista, mas mesmo assim ele não deixou de cortejar os ditadores comunistas, mesmo depois que eles lhe deram as costas em Los Angeles.

Samaranch começou a dar a Ordem Olímpica a vários líderes dos países comunistas. O mais alto funcionário do esporte alemão oriental e incentivador do programa de doping no país, Manfred Ewald possuía a Ordem Olímpica.

O ex-líder da Alemanha Oriental, indiciado em 1992 pelos crimes cometidos durante seu governo assassino, Erich Honecker também recebeu a Ordem de Ouro Olímpica.

Nicolae Ceaucescu de Bucareste foi premiado por ter ignorado os russos e enviado sua delegação a Los Angeles, com a Ordem de Ouro no ano das Olimpíadas.

Entre 1981 e 1987, Samaranch visitou constantemente o Bloco Leste, enquanto o sistema comunista desabava lentamente, o presidente era fotografado

em Moscou, na Albânia, Polônia e em Piongiang, suas viagens só diminuíram quando o sistema caiu. Quando isso aconteceu o poder esportivo do Bloco Leste foi arrasado.

Eis Shagdarjav Margvan, da Mongólia, dirigente sindical e ex – lutador foi escolhido para o COI com 50 anos. Ele é um dos poucos membros do COI que nunca foi nomeado para participar de uma comissão. Mas mesmo assim, permanecerá no COI até a idade limite para a aposentadoria compulsória de 75, mas mesmo depois dessa data ele permanecerá membro do COI, mas sem poder de voto.

O burocrata que organizou o boicote a Los Angeles, Marat Gramov de Moscou, o russo tinha participação ativa nos entidades esportivas de seu país, mas em 1990 ele perdeu o seu último posto no esporte russo. Hoje Gramov não é ninguém no esporte, mas mesmo assim ele viaja pelo mundo à custa do COI.

Outro soviético que é membro do COI é Vitaly Smirnov que foi nomeado em 1971, em 1992 ele era vice-presidente do COI. Smirnov e Gramov representam a URSS no COI, mesmo o país tendo deixado de existir.

O romeno Alexandru Siperco que participou ativamente da política comunista de seu país é membro vitalício do COI. O polonês Wlodzimierz Reczeck também se encontra na mesma posição do romeno.

O representante da Bulgária, Ivan Slavkov, foi agraciado com a Ordem Olímpica, permanecerá no COI como membro pleno até o ano de 2015. O representante da Iugoslávia, Slobodan Filipovic, enfrentou uma campanha dos dirigentes esportivos iugoslavos para tirá-lo do COI, mas com o apoio de Saramanch permanecerá no COI até 2014.

Pal Schmitt da Hungria é o representante do Bloco Leste com a melhor reputação, ele representa o estilo independente da política húngara e desde sua entrada para o COI em 1983, participa ativamente de diversas comissões.

O último representante de um partido comunista monolítico e repressivo no COI é o chinês Zhenliang que entrou para o COI em 1981.

O herdeiro da Adidas Horst Dassler, que havia montado sua equipe política para estabelecer relações políticas com as Federações esportivas, segundo o livro "Invasão de Campo" deixou o membro de sua equipe Christian Jannette com a função de fortalecer os laços de Horts com os soviéticos.

Por ser o consultor político dos russos, Horst tinha um acesso excepcional à União Soviética. O mais importante para Dassler era que os soviéticos representavam um voto fiel, e ditavam a política para os delegados de todo o Bloco Comunista.

Mas a relação de Dassler com os soviéticos geralmente envolvia custos altos, os diplomatas da empresa sabiam que estavam lidando com os dignitários esportivos mais gananciosos do mundo.

Por conta do sistema de fornecimento de equipamentos, os Dassler possuíam contatos com muitos dignitários da Europa Oriental. Pela Alemanha Oriental, Erich Honecker, chefe de Estado assinou pessoalmente um acordo totalitário com a Adidas.

As três listras transformaram-se nos distintivos dos atletas internacionais do país, grande parte do acordo estava relacionado ao fornecimento de equipamentos.

O esporte era considerado parte integrante da educação no país, e o regime injetava recursos inigualáveis em pesquisas técnicas e na medicina esportiva. Na perspectiva dos alemães orientais, comprar equipamentos da Adidas era uma forma de assegurar que seus atletas teriam o melhor

possível. A qualidade dos produtos era tão inegavelmente maior que eles estavam dispostos a ignorar suas origens capitalistas. (SMIT,2007,p.177)

A Adidas não esperava vender nada na Alemanha Oriental por conta do acordo de patrocínio e das relações políticas, porém os atletas nacionais conquistavam sempre muitas medalhas que levavam sempre as três listras ao pódio.

Horst Dassler começou a cultivar contatos mais íntimos com os alemães orientais na década de 1970, quando os representantes dos países comunistas conquistaram posições de destaque em organizações internacionais.

O esporte havia se transformado em mais um palco para a política mundial, na qual as duas super potências da Guerra Fria mantinham-se constantemente em xeque. Os países comunistas queriam que suas vozes fossem ouvidas, e as federações internacionais tinham que tomar cuidado para manter um equilíbrio de poder em seus conselhos. (SMIT,2007,p178)

Entre os amigos comunistas íntimos de Dassler estavam os húngaros, pois os interesses da Adidas e dos poderosos do esporte em Budapeste pareciam ser os mesmos. Eles haviam feito um acordo de produção com as fabricas de sapatos húngaros.

A Adidas fornecia ao governo moedas correntes, itens que estava em falta no país e em troca os húngaros assinaram um contrato para que todos os melhores atletas nacionais usassem o equipamento da Adidas.

Segundo alguns de seus funcionários, Dassler se sentia bem à vontade nos países do Leste Europeu, onde o poder podia ser exercido com mais firmeza. Ele não ligava muito para os opositores políticos que arriscavam a vida a fim de liberar seus concidadãos da opressão comunista. Porém, Horst fazia questão de não emitir

qualquer julgamento diretamente político, sob o princípio de que a política deveria permanecer fora do mundo dos esportes.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este estudo se propôs a elencar hipóteses sobre o desenvolvimento da Educação e o desenvolvimento do Esporte, a partir de uma análise fundamentada nos elementos sociológicos Economia, Política, Ideologia e Poder que sustentam o sistema capitalista de produção a partir do entendimento da filosofia materialista – histórica - dialética.

Nessa análise identificamos as relações Econômicas, Políticas, Ideológicas e de Poder dentro dos fenômenos que seriam respectivamente a Educação e o Esporte.

Dentro do desenvolvimento da Educação ressaltamos essas relações a partir do Estado e da Igreja e o seu poder de decisão dentro dos métodos utilizados para educar a população. Fundamentamos essa relação e o interesse do Estado e da Igreja a partir da divisão de classes sociais que foi estabelecida dentro da sociedade, seguindo a metodologia do autor Aníbal Ponce.

Dentro do contexto esportivo ressaltamos as relações estabelecidas a partir dos interesses que surgira do pensamento do sistema capitalista por diferentes entidades que tinham seu lucro originário dos acontecimentos esportivos, dando mais ênfase na modalidade do Futebol e sua respectiva entidade FIFA.

Com esses fatos em destaque buscamos elencar e explicar os possíveis nexos entre os dois fenômenos.

3.1 Relações Econômicas.

Com o estabelecimento do sistema capitalista na sociedade a partir da revolução burguesa, MARX e ENGELS (2006, p.13) relatam que a burguesia desnudou de sua auréola toda a ocupação até agora honrada e admirada com o respeito reverente. Ela converteu o médico, o advogado, o padre, o poeta e o cientista em seus operários assalariados. Assim **ela arrancou da família o seu véu sentimental e reduziu a relação familiar a uma relação de dinheiro.** (sem grifo no original)

Retomando o pensamento realizado por SINGER (1993) destacado no capítulo anterior, para compreendermos o relato de Marx e Engels no Manifesto Comunista, podemos entender economia como sendo um dos pilares que sustentam a sociedade.

Essa sociedade é movimentada a partir das relações estabelecidas pelo homem com a natureza e na sua relação com os outros homens. Assim a estrutura econômica acontece a partir dessa relação do homem com o mundo dividido em dois aspectos que se relacionam, estes seriam a força produtiva e as relações de produção.

Como compreendemos a sociedade a partir da divisão de classes sociais, partimos da premissa que as relações de produção são estabelecidas pelo contato entre a classe dominante e a dominada e a força produtiva é movimentada pelo proletariado.

São essas relações econômicas que fortalecem o capitalismo e a divisão de classes dentro da sociedade.

A Economia por sua vez é considerada uma prática social em uma sociedade capitalista. A atividade econômica é coletiva e é praticada para que possa ocorrer a divisão de trabalho entre o proletariado.

O modo de produção é movimentado através da propriedade privada que faz com que o comando das empresas que geram trabalho para o proletariado esteja sempre nas mãos da classe dominante.

Portanto a partir do pensamento de SINGER (1993), entendemos que a economia é um dos motores do sistema capitalista de meios de produção. Em que a propriedade privada é obtida através do acúmulo de riquezas, que acontece pela mais – valia, isto é, o lucro que o patrão obtém a partir do produto produzido pela força de trabalho do proletariado.

Para que o capitalismo se estabelecesse foi necessário que as pessoas assumissem suas funções dentro da sociedade, ou a pessoa faz parte da burguesia ou ela faz parte do proletariado.

Por isso, todos que não tinham nenhum tipo de Poder para se estabelecer dentro da classe dominante passam a ser considerados parte do proletariado. No entanto, compreendemos este Poder como o acúmulo de riquezas, isto é, como a situação econômica que o indivíduo tem dentro da sua classe social.

É essa posição econômica que irá permitir ou não ao indivíduo possuir algum tipo de poder dentro da sociedade. Por conta de esse movimento econômico estruturar o sistema capitalista, que Marx e Engels se referem quando dizem que a burguesia reduziu as relações familiares em relações de dinheiro.

Pois dentro das classes é preciso lutar para se sobreviver, o objetivo principal de todos os indivíduos passou a ser buscar o dinheiro. Buscar essa ascensão econômica que possibilitará a pessoa obter algum tipo de Poder na sociedade em que vive.

O método apresentado por POLITZER (1987) denominado materialismo – histórico - dialético elaborado por Marx, em que se remete a ser uma resposta a

esses problemas dentro da sociedade, pois uma vez que a economia estrutura o capitalismo é ela quem ajuda a dar aval para o vácuo que existe entre as condições de vida da burguesia e do proletariado.

De certo modo, a economia exemplifica o conceito da dialética que se remete a dizer que devemos compreender as coisas, a sociedade como sempre estando em movimento.

Por isso entendemos que a sociedade esta sempre em movimento ao longo de sua história, observamos isso através dos estudos de MARX e ENGELS (2006) que fundamentam o pensamento de SINGER (1993), que a economia ajuda a movimentar a sociedade desde o início de suas origens por isso ela é tão importante para a sociedade.

Pode-se perguntar qual é a relação da economia com a Educação e o Esporte. Uma vez que nos referimos à sociedade capitalista em que ambos foram estruturados e regulamentados dentro dela, dirigido por indivíduos que compõem a classe dominante, podemos então entender as relações econômicas nos processos de desenvolvimento desses dois fenômenos foram essenciais para eles terem se tornado o que são atualmente.

Para exemplificarmos a participação das relações econômicas na sociedade vamos destacar algumas passagens do desenvolvimento do sistema educacional que consideramos pertinentes e pudemos observar que a classe dirigente se manteve com o poder, a partir do momento que a propriedade deixou de ser coletiva e passou a ser privada, ou seja, os líderes da sociedade começaram a acumular riquezas individualmente.

Por conta disso, a educação foi sendo transformada a partir do interesse dessa classe de se manter no poder. Como as propriedades deixaram de ser

coletivas e passaram a ser privadas, o acúmulo de bens que ocorria com a classe dominante fizeram com que se estabelecesse uma desigualdade econômica dentro da sociedade.

Foi essa desigualdade que passou a proporcionar mais facilidade para a classe dominante se manter com o domínio sobre a sociedade.

As relações econômicas para o desenvolvimento da Educação tanto na Grécia quanto em Roma ocorreram a partir das mudanças econômicas nessas sociedades.

Uma vez que o processo de permuta de mercadorias produzidas pelas comunidades distintas foi potencializando o desenvolvimento do comércio e juntamente com a indústria as relações econômicas dentro da sociedade sofreram modificações.

A economia aumentava cada vez mais o vácuo dentro da sociedade, a distância que a classe dominante tinha sobre a classe dominada, fazia com que houvesse uma hierarquia na transição das posições que cada um exercia.

Todavia, a partir do século V A.C as exigências de um comércio cada vez mais florescente impuseram duas inovações de enorme importância: a cunhagem de moedas, que facilitou muito o processo da troca, e o aperfeiçoamento dos aparelhos de navegação, que permitiu as grandes viagens marítimas. O comércio marítimo enriqueceu a nobreza, e ainda que o leitor tenha ouvido muitas vezes que o único ideal do cidadão grego era a beleza parece que esse ideal era incompatível com a mais iníqua usura. (PONCE, 2001, p.38)

E também, quem tinha acesso ao melhor estilo de educação eram os filhos da classe dominante. O tipo de educação que as crianças receberiam seria de acordo com a posição social que seus pais tinham.

Se essas pessoas que compunham a classe dominante, não tivessem ao longo do tempo aumentado cada vez mais os seus bens, eles não teriam nem a possibilidade de tentar permanecer com o poder.

Os filhos dos patrões já nasciam na classe privilegiada, mas ao se tornarem adultos era preciso que eles soubessem ao menos realizar a manutenção das suas riquezas para que pudessem sobreviver dentro de suas classes.

No esporte não foi diferente, quem já obtinha uma boa condição social e financeira, já tinha certo grau de poder e voz ativa na sociedade, porém para chegar a um poder específico, no caso, o poder esportivo, e passar a manter relações com os dirigentes esportivos para tentar ascensão nesse cenário, aconteceu por conta da situação econômica que eles tinham.

Uma vez com o poder almejado, era preciso aumentar o acúmulo de propriedades e bens que o cenário esportivo tinha quando eles chegaram lá, pois isso somente afirmaria a posição de destaque e domínio que eles obtinham no contexto esportivo.

Para identificarmos com mais clareza os acontecimentos dentro do cenário esportivo e a influência das relações econômicas em seu desenvolvimento é preciso destacar que foram as relações econômicas, juntamente com a participação dentro da classe dominante que os dirigentes esportivos chegaram à posição de poder que ocuparam para poderem transformar o esporte e pudessem concretizar seus interesses individuais.

Foi à movimentação que o esporte proporcionou ao mercado que impulsionou a sua relação econômica com a sociedade e por isso ele passou a ser tão importante para as nações e seus dirigentes.

Com a utilização do esporte para chegar ao poder, que Samaranch, Havelange e Dassler realizaram, eles impulsionaram as entidades (COI e FIFA) e a empresa Adidas economicamente e assim esses três homens obtiveram sucesso.

Sucesso que podemos considerar sinônimo de lucro, pois foi esse lucro que abriu as portas para que esses homens pudessem modificar o esporte como quisessem.

Vamos agora exemplificar com os fatos históricos das literaturas que utilizamos sobre o desenvolvimento histórico do esporte, para identificarmos as relações econômicas nele contidas.

Como vimos anteriormente os três homens que transformaram o cenário esportivo originam da classe burguesa. Ambos se inseriram no cenário esportivo por ambições políticas e por uma ascensão dentro do poder esportivo.

Por conta disso, destacamos também que a participação deles dentro do movimento desportivo aconteceu por um método que nos surpreende de certa forma, podemos dizer que esses três homens financiaram literalmente o contexto esportivo.

Os Dassler “presenteavam” os atletas, as federações e suas delegações com seus produtos para divulgar cada vez mais a sua marca. Samaranch para conseguir traçar boas relações com os políticos do governo fascistas e posteriormente com os dirigentes esportivos, presenteavam seus ditos “amigos” para fortalecer suas relações políticas e ainda era anfitrião de grandiosas festas para dar as boas - vindas aos seus convidados.

Com o presidente da FIFA João Havelange não foi diferente, ele mesmo declarava: *“Sou um homem de negócios, tenho muito dinheiro e não preciso ganhar mais dinheiro com o futebol”*, afirmam SIMSON e JENNINGS (1992, p. 57).

Com o intitulado presidente do COI na época, as dificuldades financeiras do movimento olímpico o beneficiaram. Esse problema do movimento olímpico acabou favorecendo Samaranch, pois o mundo esportivo estava à beira de um colapso, pois os Jogos de Montreal haviam cavado um enorme buraco nas contas da cidade.

Os planos de Samaranch podiam ser polêmicos, mas agiam diretamente sobre o problema. Ele queria montar uma força tarefa dedicada exclusivamente a levantar fundos. O dinheiro ajudaria a formatar as Olimpíadas de modo a torná-la mais atraente para a mídia – atraindo patrocinadores. E era aí que Horst Dassler entrava. (SMIT, 2007, p. 220)

Pois bem, podemos considerar que o fator econômico foi essencial para esses três homens chegarem e se manterem com o poder. O fato é que, dentro de uma sociedade capitalista quem tem dinheiro “pode tudo e quem não tem, não pode nada ou muito pouco”, e assim as coisas vão acontecendo.

O que vale ressaltar é que esses homens já tinham uma boa posição social e tinham uma boa estabilidade econômica, que foi que lhes proporcionou chegar ao poder.

O que ambos tinham em comum era a busca insaciável pelo poder que possuíam, e por conta dessa boa condição financeira é que puderam buscar o poder.

Mas para se manter com o poder, foi preciso que eles criassem e posteriormente movimentassem a indústria esportiva, para assim, movimentar cada vez mais dinheiro, para se manter no poder, era preciso lucrar com os eventos esportivos.

Chegamos ao fator principal desse tópico: o lucro. É o lucro que proporcionou a esses homens a ascensão no mundo esportivo.

Horst Dassler tinha como principal objetivo divulgar a marca de sua empresa, a Adidas. Para isso acontecer, ele fez com que os melhores atletas e as melhores equipes usassem seus produtos, assim os outros atletas iriam querer usá-los também.

Mas o lucro não está vinculado a somente isso, a maior parte da população não está inserida no contexto esportivo de forma ativa, a maior parte da comunidade apenas assiste aos esportes, isto é, são consumidores.

Se o produto da Adidas estivessem nos pés dos principais atletas, as pessoas que são fãs do esporte ou do atletas, conseqüentemente iriam querer usar os calçados Adidas, ou seja, a produção da empresa não atenderia apenas os campos esportivos, mas atenderia a comunidade em geral, uma vez que os seus produtos fossem populares.

João Havelange em parceria com Dassler, fez com que a Coca – Cola investisse no futebol e tornasse realidade suas promessas eleitorais, e o mais importante, fez com que a empresa visse que era possível lucrar com o futebol, lucrar e muito.

Vinculando a imagem da empresa com a modalidade mais popular do mundo, e criando mais competições internacionais para que os países se mobilizassem a enviar suas equipes e o mais importante transmitir os jogos, a Coca – Cola achou uma maneira bem eficaz de publicidade para sua empresa e por conta disso, difundiu sua marca internacionalmente.

Com o COI de Samaranch ocorreu o mesmo. Sobre o comando de Samaranch, os Jogos Olímpicos ao invés de dívidas estupendas, deram lucro não somente aos patrocinadores ajudando-os a difundir sua marca e aumentando a sua

procura no mercado, mas deu lucro a cidade sede, que geralmente ficava muito endividada após os jogos.

Percebemos então que o objetivo era ganhar cada vez mais dinheiro. Era preciso movimentar o capital da indústria esportiva, pois é através desse movimento que os dirigentes podem dar o próximo passo.

Se o mundo esportivo gera lucro para alguém, é preciso que conforme o tempo passe ele proporcione a esse alguém cada vez mais lucro, e assim continue o ciclo.

Se não tivesse obtido lucros inimagináveis dentro do contexto esportivo, mesmo com uma boa situação financeira pessoal, era preciso que o movimento desportivo obtivesse sua própria condição financeira, ajudando assim as entidades esportivas e os seus dirigentes.

O que se torna uma contradição dentro do ideal olímpico que diz que “o importante é competir” percebemos que o que realmente importou para os dirigentes esportivos foi planejar um método que cada vez lhes proporcionasse mais lucros, cada vez mais rápido.

3.2 Relações Políticas.

Buscamos analisar até aqui as relações econômicas dentro da sociedade que foram decisivas para os rumos que a educação e os esportes tomaram. Para estruturar e fortalecer essas relações foi necessário que a classe dominante estabelecesse um sistema econômico que movimentasse esse meio de produção capitalista a partir do lucro que o patrão ganha com a força de trabalho do proletário.

Desse modo, entendemos a Economia como um dos eixos centrais do sistema capitalista. Mas existe outro fator de igual importância para o desenvolvimento dessa sociedade que acompanha a Economia no seu desenvolvimento, este fator é a Política.

Em seu Manifesto Comunista, MARX e ENGELS (2006, p.12) afirmam que cada passo da burguesia foi acompanhado por um desenvolvimento político correspondente.

Para compreendermos melhor a afirmação dos autores vamos fazer menção ao estudo que já utilizamos de CHAÚÍ (2002) e relembremos o que a autora diz sobre o conceito de Política.

Podemos dizer que a Política surge a partir das relações que do sujeito dentro do corpo social a que ele pertence, por isso podemos relacionar Política com dois patamares que estão interligados, o primeiro que exige formas de gestão institucional e o segundo para nos referirmos ao fato de que organizar e gerir uma instituição envolve questões de Poder.

Em seus estudos CHAÚÍ (2002, p.368) relata que a Política e sua função como agente social teve seus limites ultrapassados e ela passou a ser considerada útil para todas as modalidades de direção de grupos sociais e administração que envolva Poder.

Com isso a Política que nasceu para organizar os bens coletivos e as demais relações existentes, passou a ser relacionada com diversos fatores sociais, entre eles está a Economia e tornou-se um instrumento de um pequeno grupo de pessoas. A Política que surgiu para beneficiar a população passou a ser um movimento que está sendo utilizado por eles (os governantes) e não por nós (a população). (CHAÚÍ, 2002)

Quando MARX e ENGELS (2006) afirmam que o desenvolvimento da burguesia foi acompanhado por um desenvolvimento político correspondente, podemos entender que a burguesia para revolucionar a sociedade teve que ir estabelecendo boas relações entre sua classe para assumirem o poder, a partir do momento que a Política surge quando há relações entre os membros do corpo social.

O importante disso tudo é que constatarmos que para uma ascensão ao poder é necessário traçar boas relações políticas com o próximo, mesmo não compartilhando dos mesmos objetivos.

Uma vez que podemos considerar a Economia dentro do conceito da dialética que coloca a sociedade sempre em movimento, juntamente com as suas relações econômicas, podemos colocar as relações políticas dentro desse movimento também.

A partir do momento que a sociedade esta sempre em movimento, a Economia e a Política que são a base da sociedade capitalista tem que aderir a esse movimento, para que as diferenças entre as classes continuem existindo.

As relações políticas que os membros do corpo social estabelecem entre si, podem também a qualquer momento mudar de direção, pois como argumenta POLITZER (1987) “(...) é necessário sempre considerar o desenvolvimento das coisas como naturais”, isto é, esses movimentos das relações estabelecidas se modificam naturalmente, no momento que as relações econômicas e políticas estão interligadas.

Para podermos identificar melhor as influências das relações políticas dentro do desenvolvimento educacional e esportivo, para assim identificarmos aproximações entre os dois fenômenos, primeiramente destacaremos essas

relações dentro do processo de desenvolvimento educacional. Portanto lembremos – nos durante a implementação da escola laica, quando os burgueses retiraram da Igreja a sua participação ativa nas decisões do sistema de ensino na sociedade.

Mesmo não querendo dividir o domínio sobre a educação com a Igreja, o Estado ainda mantinha relações ativas e pacíficas com ela, pois sabia da sua importância como ferramenta ideológica para acalmar os brios do proletariado. (PONCE, 2001)

O Estado assim ainda tinha a religião ao seu lado para o controle da população e a Igreja não perdia totalmente a sua participação no sistema educacional. Mas mesmo assim, a disputa pelo domínio soberano da sociedade continuava entre eles.

Porém nesse período, muitos já haviam começado a perceber a exploração a que estavam submetidos. O Estado tornou a escola gratuita, mas por outro lado, a grande massa populacional que seria a mais beneficiada com tal conquista, não estava conseguindo usufruir dela.

O Estado tornou realidade o que os manifestantes defendiam, mas por outro lado o capitalismo destruiu o lar operário, quando as crianças foram obrigadas a trabalhar para ajudar na renda familiar.

Em contrapartida, com a necessidade de avanços tecnológicos o capitalismo também ofereceu a sociedade uma melhor instrução, poder-se-ia dizer que era um direito conquistado.

No entanto, isso só aconteceu pela necessidade que os capitalistas tinham de acompanhar o movimento comercial e industrial que se intensificava cada vez mais.

Com o surgimento da escola laica, as relações políticas mudaram dentro da sociedade. Como já constatamos agora a Igreja não compartilhava das decisões

perante a Educação, porém o Estado fazia questão de continuar a cuidar da sua relação com a Igreja, tendo em vista, o fator religiosidade que era eficiente para o domínio das grandes massas.

Uma vez, não declarando guerra a Igreja e a mantendo do seu lado, o Estado não teria maiores problemas com ela, pois sabia que o fator religiosidade fora decisivo para o controle do proletariado durante toda a história.

A sociedade burguesa dava instrução a todos, mas eliminava automaticamente os considerados incapazes de receber tal instrução, isto é, em outras palavras, eliminavam os filhos dos trabalhadores, no momento em que fosse previsto, uma vez que sua instrução poderia atrapalhar a concretização do principal interesse da classe dominante que era se manter com o poder vigente da sociedade.

Podemos dizer que no caso dos países capitalistas e comunistas se encaixa nessa situação. Eles defendem idéias completamente diferentes e ambos querem ter uma posição de destaque e poder dentro do contexto internacional.

Como o Esporte passou a ser um instrumento político de manipulação (como a Educação) os países de perspectivas contrárias se aproximaram para contemplar interesses individuais, mas não deixaram de lado a sua disputa interna.

Portanto vamos identificar as relações políticas dentro do processo de desenvolvimento do Esporte. Já identificamos as relações firmadas entre os três propulsores do esporte espetáculo Horst Dassler – João Havelange – Juan Antonio Samaranch. Observamos também a importância das relações econômicas para o feito desses homens no cenário esportivo.

Tendo em vista esses dois aspectos, desejamos ressaltar outro tipo de relações políticas dentro do Esporte. Até esse momento nos esforços em tentar

mostrar as relações existentes dentro do cenário capitalista. Pois foi dentro desse sistema de produção que a indústria esportiva fortaleceu-se economicamente e assim conseguiu fazer a transição do Esporte amador para o profissionalismo de finalmente estabelecer esse Esporte propulsionado pelo comércio e pelo lucro que presenciamos atualmente.

Por isso, não queremos agora relatar cada vez mais as relações existentes entre os dirigentes e as empresas presentes nos países capitalistas que se inseriram dentro do Esporte. Pois acreditamos que tais relações ficaram esclarecidas, e julgamos ter conseguido destacá-las dentro do processo de estudo que elaboramos. Cabe-nos aqui agora é tentar identificar a ligação entre os países e dirigentes capitalistas que ditavam as regras dentro do Esporte e os países comunistas do leste europeu que existiram no século XX.

Os países comunistas mesmo tendo um sistema de produção totalmente contraditório aos países capitalistas mereciam respeito no cenário esportivo por apenas um fato principal: eles tinham conquistas relevantes nas competições internacionais, sempre estavam entre os primeiros colocados e tinham os melhores atletas.

O que era uma afronta ao sistema capitalista. Como que o modo capitalista de ser que propulsionava os caminhos esportivos, tinha o modo comunista de produção competindo igualmente com seus atletas? Esse fato nos parece extremamente relevante.

Se o Esporte não tem um caráter político, porque então os dirigentes esportivos do mundo capitalista mantinham contatos diretos com os dirigentes do mundo comunista?

Horst Dassler tinha entrada livre na União Soviética e Samaranch viajava incansavelmente para os países comunistas, tanto é que levou muitos dirigentes desses países para o COI.

A obsessão que um lado tinha por saber o que se passava do outro eram constantes e recíprocas. Os países mantinham relações esportivas, e as utilizavam para obter informações de outras vertentes, como informações econômicas e políticas sobre o que estava acontecendo dentro desses países.

O boicote a Moscou foi à prova que faltava para mostrar que o Esporte não era somente um entretenimento dentro do cenário internacional, agora ele também passou a ser uma ferramenta política de extrema importância.

O boicote as Olimpíadas de Moscou havia mostrado claramente que o esporte se transformara em um instrumento político. Horst Dassler e seus gerentes trabalhavam no estranho clima político que caracterizou o período, carregado e desconfianças e intrigas. (SMIT, 2007, p. 222)

O presidente norte – americano Jimmy Carter foi quem decidiu protestar contra a invasão do Exército soviético no Afeganistão, a Alemanha Ocidental, o Japão e a China assumiram posição semelhante.

Tal fato foi desastroso para a organização dos Jogos uma vez que todos os contratos feitos com empresas norte – americanas foram cancelados. Observamos a importância das relações políticas nesse período.

O presidente da Adidas que ajudou na ascensão de Samaranch ao COI, tinha como objetivo principal divulgar sua marca, se os atletas comunistas estavam entre os melhores, então era importante que eles usassem os seus produtos.

Estando os países comunistas entre os melhores e as Olimpíadas tendo como principal interesse lucrar cada vez mais, era importante que os países do leste

européu comparassem aos Jogos, para aumentar a competitividade, por isso Samaranch também possuía contato ativo com eles.

Para os países comunistas terem um bom desempenho nas competições esportivas significava destaque internacional e um sucesso do sistema socialista de produção, além de tudo significava também um respeito perante aos países capitalistas, por isso eles também tinham interesse em estabelecer esses contatos, que à primeira vista se tornam estranhos.

Além disso, os países comunistas se beneficiavam da participação das empresas capitalistas dentro de seus territórios, a Adidas, por exemplo, fazia questão de vestir totalmente às delegações olímpicas comunistas.

Mesmo com sistema de produção completamente diferentes, o capitalismo e o comunismo mantinham certa ligação por conta dos interesses políticos que eles tinham.

Apesar de serem inimigos ideológicos, os países se aproximaram a partir do Esporte para não perderem a sua credibilidade internacionalmente, por isso, é interessante notar que mesmo com pensamentos antagônicos, até certo ponto, quando se tratava de Esporte os países capitalistas e comunistas caminhavam lado a lado.

Eles defendiam perspectivas diferentes, e por conta disso mantinham seus interesses individuais, para contemplá-los uniram-se através do Esporte. O que é uma grande contradição para as duas ideologias que eles defendiam.

3.3 Relações Ideológicas.

Tentamos até agora compreender como se estabelecem as relações de Economia e Política dentro da sociedade como estas se sustentam dentro de um

sistema capitalista, e assim tentamos identificar essas relações dentro do fenômeno esportivo.

Para o sistema capitalista se estabelecer tão firmemente dentro da sociedade foi preciso que a classe dominante elaborasse uma forma de fazer com que o proletariado não percebesse o que realmente eles estavam fazendo.

Essa forma foi estruturada a partir das Ideologias que as classes dominantes infiltraram dentro da sociedade para esconder o que estavam fazendo. Sobre isso MARX e ENGELS (2006, p. 42) afirmam em seu Manifesto o seguinte:

Quando o mundo antigo dava seus últimos espasmos, as religiões antigas foram superadas pelo Cristianismo. Quando as idéias cristãs sucumbiram, no século XVIII, às idéias racionalistas, a sociedade feudal lutou sua batalha de morte com a então revolucionária burguesia. As idéias de liberdade religiosa e de consciência moral deram expressão ao domínio da competição livre dentro dos domínios do conhecimento. Sem dúvida, dir-se-á, as idéias religiosas, morais, filosóficas e jurídicas foram modificadas no curso do desenvolvimento histórico. Mas a religião, a moralidade, a filosofia, as ciências políticas e a lei sobreviveram, com firmeza e essa mudança.

Para que tudo isso fosse feito dentro da sociedade foi preciso que essas Ideologias surgissem para aquietar a população de modo que ela nem percebesse o que estava acontecendo.

Para compreendermos melhor o significado do termo Ideologia vamos relembrar os estudos de CHAUI (1998) que utilizamos anteriormente. Em seus estudos CHAUI (1998, p. 32) citando Marx e Engels afirma que os autores ao estudar Ideologia não separam a produção de idéias e condições sociais e histórias nas quais são produzidas e que é exatamente essa separação que caracteriza a Ideologia.

Assim a autora continua seu pensamento dizendo que enquanto o homem e a natureza continuarem a traçar relações, as suas histórias continuarão a se

entrelaçar e por conta disso podemos entender que a Ideologia participa da história do homem e por isso ela é reduzida ou tem sua concepção distorcida no decorrer dessa história.

A partir das considerações estudadas de POLITZER (1987) constatamos que no momento que a sociedade capitalista se estabeleceu a classe dominante foi utilizando algumas ferramentas ideológicas para 'acalmar' a população.

Enquanto a filosofia buscava uma resposta sobre como o mundo funcionava, a filosofia e as ciências depois estruturadas por Marx na forma do materialismo – histórico - dialético tiveram várias respostas que foram desmascaradas pelo mesmo, entre elas estavam à metafísica e o próprio materialismo defendido por Hegel que por sua devoção a Igreja era mais um idealista do que materialista, mesmo seus estudos tendo sido base para o método marxista.

O fato é que dentro do desenvolvimento da sociedade o Cristianismo teve papel fundamental para desviar a atenção das pessoas sobre os rumos que o capitalismo estava dando para a sociedade. Por conta disso, quando no Manifesto MARX e ENGELS (2006) dizem que a religião juntamente com a filosofia e as ciências políticas sobreviveu às mudanças sociais.

As pessoas que compunham a classe dominante foram modificadas com a Revolução Burguesa, mas a Igreja permaneceu intacta continuando a lutar com o Estado por mais poder de decisão dentro da Educação.

E apesar dos idealistas ainda não terem desistido de mascarar o verdadeiro significado da filosofia e das outras áreas do conhecimento, Marx conseguiu expor e defender sua compreensão de mundo e ainda propor um método para resolver o problema de divisão de classes sociais que é estudado e defendido até os dias de hoje por materialistas do mundo todo.

Para podermos exemplificar as relações Ideológicas a que nos referimos até o momento vamos nos ater neste momento aos acontecimentos durante o desenvolvimento da Educação em que o principal instrumento ideológico foi à religiosidade. Era a Igreja que dividia o domínio com o Estado dos rumos que a educação tinha que tomar que impregnava na população a necessidade de louvar a Deus, para que essas utilizassem o seu tempo livre (isto é, quando não estavam trabalhando) para louvar a Deus e seguir as suas regras.

Com isso, a classe dominante não precisava se preocupar com supostas manifestações e reivindicações de igualdade pela parte da classe proprietária, não percebendo o verdadeiro motivo da religião presente na escola, a Igreja e o Estado continuariam a preservar o poder que eles tinham perante a sociedade, e ditando os seus rumos de acordo com os seus interesses.

No estabelecimento da primeira estrutura econômica da sociedade primitiva baseada no domínio que o homem exercia sobre a natureza, a partir do momento que na comunidade não existiam hierarquias o primitivo supôs que a natureza também estava organizada dessa maneira.

(...) por esse motivo, a sua religião foi uma religião sem deuses. Os primitivos acreditavam em forças difusas que impregnavam tudo o que existia, da mesma maneira que as influências sociais impregnavam todos os membros da tribo. (PONCE, 2001, p. 20)

As pessoas tinham uma concepção do mundo primitiva, a sua realidade era mística e natural, em que circulavam forças difusas. Com a divisão de classes sociais dentro da comunidade essa concepção distorcida da realidade passou a ser uma vertente da hierarquia que apareceu na estrutura econômica da tribo, passaram a existir os deuses dominadores e os crentes submissos.

Crenças tão diretamente ligadas à essência das classes sociais, que a continuação da vida depois da morte – comum a todos no início – passa mais tarde a ser um privilégio dos nobres. (PONCE, 2001, p. 28)

A classe dominante foi impregnando dentro da sociedade uma forma “sobrenatural” de fazer com que os trabalhadores se conformassem com a divisão de classes e as ordens que eles tinham que se submeter.

O ideal de que havia uma força maior que explicava a maneira com que as coisas funcionavam começou a ser essencial para o fortalecimento da classe dominante no poder.

No momento em que o Estado foi criado para ajudar na organização da sociedade, a explicação do modo de vida dos membros da comunidade passou a ter sua relação com as explicações de cunho religiosas ainda mais acentuadas, pois convinha aos interesses dos ricos revestirem essa explicação como um fenômeno religioso.

A religião, a arte e a sabedoria tornaram-se um dos principais mecanismos ideológicos da classe dominante. Diariamente eles passaram a trabalhar de modo que a classe trabalhadora entenda-se a sua realidade de forma clara e objetiva, sem questionamentos, de forma que continuassem a trabalhar cada vez mais, com uma pseudo - idéia de que iriam mudar a sua realidade, mas na verdade continuavam a enriquecer cada vez mais os seus patrões.

Em Roma as coisas não aconteceram muito diferentes do que na Grécia. As ferramentas ideológicas também estavam presentes, o impulso individualista, que as indústrias e o comércio trazem sempre consigo, transformou a situação das classes sociais e as ideologias que até então haviam sido dominantes, afirma PONCE (2001, p.71).

A educação romana era de extrema importância para o Imperador romano que dentro do seu sistema educacional, tinha como ferramenta ideológica impregnados ao patriotismo e a celebração a todo o momento de glória ao príncipe.

Para poder estabelecer o processo de ensino aprendizagem na sociedade feudal, a Igreja que era quem tinham o maior domínio sobre a Educação, fez uso de alguns princípios ideológicos para conformar a população da educação que recebiam.

Em primeiro lugar, porque uma religião – isto é, uma superestrutura – não pode alterar os fundamentos econômicos de um regime, do qual é um reflexo e, em segundo, porque o cristianismo não só tolerou a escravidão, como ainda a sancionou em muitos concílios. Para citar apenas um exemplo, o Concílio de Gangra, em 324, resolveu que, **“se alguém, sob o pretexto da piedade religiosa, ensinasse o escravo a não estimar o seu senhor, ou a subtrair-se aos seus serviços, ou não servir de bom ânimo e com toda a boa vontade, que caia sobre ele o anátema.** (sem grifo no original) (PONCE, 2001, p.82)

A religião passou a ser considerada um dos muitos sistemas de dominação presentes na sociedade feudal. Como já ressaltamos o objetivo da então escola monástica não era instruir a população, mas sim as familiarizar as massas campesinas com as doutrinas cristãs e, ao mesmo tempo, mantê-las dóceis e conformadas, como afirma PONCE (2001, p. 89).

No caso do desenvolvimento do Esporte isso também ocorre. O ideal do amor ao Esporte e da busca ao corpo perfeito e a saúde que podem ser obtidas através da prática esportiva, faz com que as pessoas passem muito tempo em busca do corpo perfeito, consumindo os mesmo produtos dos atletas como se isso fosse influenciar no seu desempenho esportivo, ou seja, faz com que as pessoas passem

muito tempo buscando essas idéias e não vejam o verdadeiro papel que o Esporte tem na sociedade.

O Esporte é mascarado por essas duas idéias, e ele próprio ao ser consumido pelas pessoas cumpre o mesmo papel da Igreja. Antes as pessoas usavam o seu tempo livre para louvar a Deus, agora elas ainda o fazem, mas dividem esse tempo para poderem assistir aos esportes.

Para compreendermos melhor a idéia defendida vamos relembrar alguns aspectos do desenvolvimento esportivo e nos perguntarmos qual seria o vínculo do esporte com essa Ideologia utilizada pela classe dominante para mascarar a realidade. O fato é que quando constatamos o tipo de desenvolvimento que o Esporte teve, e destacamos o seu papel de “pão e circo para o povo”, consideramos o esporte como uma dessas ferramentas ideológicas.

Mas para a indústria esportiva se sustentar com tanto vigor como um fenômeno que influencia e muito a sociedade é preciso que ele também possua instrumentos ideológicos dentro do seu movimento para mascarar as relações econômicas, políticas e ideológicas que beneficiam seus dirigentes e suas nações.

Partindo dos aspectos já destacados em que fizemos menção aos fatores que impulsionaram as transformações do cenário esportivo, tendo como pilares centrais de sustentação as relações econômicas e políticas ali estabelecidas, se torna importante ressaltar nesse momento os propulsores do esporte comércio que conseguiram mascarar todos esses acontecimentos da grande massa populacional.

Para conseguirem tal fato, foi necessário fazer uso de duas ferramentas ideológicas que estão presentes até os dias de hoje dentro do contexto esportivo. A primeira delas seria a relação com o ideal olímpico de Pierre de Coubertin.

Esse ideal olímpico de praticar Esporte por amor, de superação do ser humano e de amor à pátria é comovente para todos. O amor ao Esporte sempre tem que prevalecer, esse é o principal fator.

Foi com esse discurso que Samaranch comandou sua campanha para se eleger presidente do COI, e foi com ele que Horst Dassler lutou ferozmente quando as Federações esportivas proibiam os seus atletas de receberem um pagamento para usarem os produtos da Adidas.

Teoricamente esse ideal é muito importante para o movimento olímpico que o defendem e o proclamam a todo o momento quando estão em público, mas na prática o discurso é outro.

O importante é cada vez obter melhores resultados independente do que eles tenham que fazer para isso acontecer. O ideal olímpico é passado para os consumidores do Esporte como o principal objetivo dos atletas, mas isso há muito tempo já não faz parte dos interesses nem dos atletas e nem de seus dirigentes.

A segunda ferramenta ideológica utilizada pelo movimento olímpico é outra famosa frase “Esporte é Saúde”. Os publicitários esportivos defendem e exploram esse outro ideal até a última possibilidade que puderem.

Fora a Ideologia comercializada em torno da Saúde e vinculada à imagem dos atletas, é defendida também a idéia de corpo perfeito. Como esteticamente os corpos dos atletas são ditos bonitos, pois tem sua musculatura toda definida, o que é aparentemente bonito se transforma para os publicitários esportivos em saudável também.

Segundo MIYAGIMA (2005, p.7) em seus estudos ele argumenta sobre a relação estética e saúde que:

Na busca de um corpo perfeito as pessoas invadem as academias, adquirem produtos milagrosos anunciados na mídia, recorrem às cirurgias plásticas, para fazer o seu, o corpo ideal do outro. Percebem o corpo como algo que se arrasta como uma pedra no caminho que se busca embelezar a cada dia. Culotes, gorduras laterais e outras “coisas indesejáveis” são tormentos para quem quer um corpo perfeito. A calça de cós baixo, moda do vestuário feminino reforça a vontade de esculpir o corpo. Transformaram essa “pedra bruta” numa obra de arte; o martelo e talhadeira são os anabolizantes, os aparelhos de musculação e as dietas. Alguns buscando e muitos sonhando, serem esculpidos pelos “Da Vinci e Rodin do bisturi”, para dar aquele acabamento.

A mídia televisiva principalmente foi uma das principais investidoras dos Jogos Olímpicos, ela mobiliza boa parte da Economia Esportiva. É ela também que ajuda a classe dominante esportiva a vender esses instrumentos ideológicos quando relacionam o amor ao esporte e a saúde ao corpo e as conquistas dos atletas.

Para caracterizar bem os dois instrumentos ideológicos vendidos pelos meios de comunicação e fortalecidos pelos dirigentes esportivos vamos utilizar o exemplo do doping.

Atualmente é evidente e constatado publicamente em alguns casos do uso de substâncias ilícitas para a busca de melhores resultados. Se o importante é competir, e saúde é o principal fator que devemos buscar para os nossos corpos, e os atletas através das suas modalidades esportivas representam isso, ou melhor, tem sua imagem vinculada a essas duas idéias, por qual motivo eles utilizam substâncias ilícitas que prejudicam seus organismos para atingir conquistas cada vez mais significativas.

Dois exemplos caracterizam bem o nosso ponto de vista. Primeiramente destacaremos o caso Ben Johnson. O atleta competiu entupido de esteróides na década de 1980.

Outro caso clássico é da corredora norte – americana Diane Williams que estava literalmente mudando de sexo bem na frente de todos.

Diane contou que foi recrutada por um dos técnicos mais bem sucedidos dos Estados Unidos, no início da década de 1980, e imediatamente ele forneceu esteróides. Em um ano ela começou a notar mudanças em seu corpo. Então ele lhe deu “aquelas pílulas com formato de bola de futebol – Dianabol”. Trata-se de uma conhecida marca de esteróides. Sua frase seguinte deixou o comitê embaraçado e silencioso: “Surgiram traços masculinos, como bigode e pelos no queixo. Meu clitóris começou a crescer assustadoramente”, disse Williams. (SIMSON e JENNINGS, 1992, p. 231).

Esses exemplos são a confirmação de que as principais ferramentas ideológicas na prática não existem dentro do mundo esportivo.

Tal fato ocorre, porque atualmente o esporte tomou proporções gigantescas e movimentou boa parte da economia internacional, por isso o fato é que acontecimentos como esses são do conhecimento das pessoas que participam do movimento olímpico, estamos nos referindo aos dirigentes, aos técnicos e aos atletas.

Mas como o lema do movimento olímpico é “lucrar sempre não importa como”, para tudo isso é feito à famosa “vistas grossas” e para a maioria da população que consome o esporte isso passa despercebido.

É importante refletir sobre o porquê que esses atletas se submetem a tais situações. Mais uma vez, fazendo menção aos estudos de MIYAGIMA (2005, p.6), ele argumenta sobre a situação do ser humano dizendo que:

Na trilha do pensamento de Hegel, Marx concorda com os pressupostos dialéticos, mas inverte a concepção idealista. As obras humanas são manifestações do espírito, mas o fator determinante desse movimento são as condições materiais da existência. São elas que determinam a reflexão e não ao contrário. O que dinamiza as relações sociais é o trabalho, mas o trabalho que produz é o trabalho material, físico. O

lugar que ocupamos nas relações de trabalho é que determina a nossa realidade. O homem concreto descobre os elementos para transformar o real através da mudança revolucionários dos modos de produção.

Poder-se-ia dizer que as relações do atleta com o esporte, são relações de trabalho, o que faz com que tais práticas ilícitas sejam “normais e necessárias” no ambiente que ele está inserido.

Por isso podemos considerar a partir dos estudos que consultamos que Ideologia seria uma forma de mascarar a realidade e levar as pessoas a um estado de total ou parcial alienação dentro do contexto a que pertencem.

Dentro do capitalismo essa função é essencial, pois ela serve para acalmar a população e para que ela não veja, ou até mesmo tenha tempo para pensar sobre a realidade que vive e sobre quais relações de poder está se submetendo para sobreviver dentro dela. Dentro da Educação e o Esporte constatamos que isso não acontece de maneira tão diferente.

3.4 Relações de Poder.

Para podermos identificar de forma segura as Relações de Poder presentes no cenário esportivo é preciso que tenhamos uma compreensão bem fundamentada do significado do termo sociológico Poder. Dentro do “Manifesto Comunista”, MARX e ENGELS (2006, p. 36) afirmam que o comunismo não priva homem algum do poder de se apropriar de produtos da sociedade, e sim tudo o que ele faz é privá-lo do poder de subjugar o trabalho de outros por meio de tal apropriação.

No entanto qual seria o significado de Poder para Marx e Engels dentro de seu Manifesto, a partir do trecho em destaque verificamos que o Poder seria “propriedade” de um alguém dentro da sociedade.

Mas para entendermos melhor o comentário dos autores, precisamos destacar qual é o modo que eles encontram o Poder na sociedade. Para Marx e Engels o Poder está relacionado às duas classes sociais distintas dentro da sociedade, e que a apropriação do Poder por uma delas é que ditam os rumos que a nação deve seguir. Poder-se-ia entender que para Marx e Engels a revolução é apenas uma maneira de implantar o comunismo de forma que as coisas se tornem mais justas para a população.

O entendimento de Marx e Engels dentro do seu Manifesto fundamenta o conceito do termo Poder, utilizado anteriormente de acordo com os estudos de Lebrun. Para o autor, a partir do momento que estabelecemos relações com as outras pessoas e formamos um corpo social, surgiu a necessidade de uma organização mais efetiva dos meios de produção da sociedade.

Por conta disso, estabeleceram-se duas classes: a opressora e a oprimida. O Poder então corresponde à menor parte da sociedade que é representada pelos opressores. O Poder passou a ser um privilégio desse grupo menor.

O Poder passou a significar a dominação da classe opressora dentro da sociedade, esse domínio passou a ser a força que assegura a permanência do Poder dentro da classe dominante. Em seus estudos LEBRUN (2001, p.18) afirma que: "... o Poder é mercadoria rara, que só podemos possuir às custas de outra pessoa. Ou ainda: que o Poder que possuo é contrapartida do fato de que alguém não o possui".

Ou seja, entendemos que o Poder conseguiu mais força no momento que surgiu a sociedade se dividiu em duas classes. O fato de ter a responsabilidade de organizar melhor a sua comunidade despertou nas pessoas a vontade de ter mais que as outras.

No entanto, essa nova função foi deixando de ter os interesses da comunidade e passou a atender os objetivos da classe dominante que passou a oprimir o restante da população. Por conta disso, a sociedade foi se modificando através do comércio e a propriedade privada passou a ser uma forma de assegurar as pessoas dentro de sua classe.

Quem fazia parte da classe dominante continuou sendo, e o contrário também é verdadeiro. O que presenciamos a partir disso foi à atitude do homem diante do excesso de Poder e as suas formas de aplicá-lo que trouxeram conseqüências que precisam ser transformadas.

É preciso compreender o tipo de sociedade que vivemos e que estamos nos referindo. A maneira com que entendemos o cenário social em que vivemos é o principal fator que este estudo compromete-se a analisar.

Entendemos a sociedade a partir de duas classes distintas que se opõem ferozmente em prol da sua sobrevivência. Para estabelecer o comunismo apresentado por Marx e Engels é necessário que entendamos a sua origem e a sua importância.

O comunismo ou marxismo proposto pelos autores é uma proposta diferenciada do modelo de sociedade que vivemos atualmente. Utilizando dos estudos de POLITZER (1987), o autor afirma que o materialismo é à base do marxismo, pois a filosofia materialista que dar explicações ao mundo e progridem ao mesmo tempo em que as ciências. Enquanto o marxismo se origina das ciências e se apóia e evolui com elas, eis ai um acordo “perfeito” para fundamentar a proposta de Marx.

Como já vimos Marx e Engels compreendem a sociedade a partir da divisão de classes sociais, onde o Poder é a chave para a direção dos acontecimentos mais importantes dentro dela.

Para achar o modo mais adequado de compreender o mundo (sociedade), POLITZER (1987), argumenta dizendo que para o marxismo a resposta do problema é baseada em três aspectos que se relacionam, são eles: uma luta econômica, uma luta política e uma luta ideológica dentro da sociedade.

Sendo assim, para resolver esse problema de manuseio do Poder pela classe dominante e a exploração que a classe dominada se encontra, Marx propõe o Materialismo – Histórico - Dialético, como um novo modo de raciocínio que nos permitirá resolver esses assuntos.

Partindo dos fatos esclarecidos por Politzer para uma melhor compreensão sobre os estudos de Marx e o entendimento de Lebrun sobre Poder, chegamos à compreensão da sociedade que vivemos. Uma sociedade dividida em classes sociais, em que a mudança desse cenário que é composto por uma forte distinção entre as classes e origina em uma enorme diferença em seus estilos de vida.

Enquanto de um lado existem pessoas que passam fome, do outro há quem jogue comida no lixo. Mas qual seria a relação desse entendimento de classes sociais com o cenário esportivo em questão.

O objetivo aqui é tentar identificar no desenvolvimento do Esporte alguns fatores que demonstrem que ele foi modelado a partir desse sistema capitalista de sociedade.

Expondo essa compreensão de mundo a partir do referencial teórico do marxismo e sendo as pessoas que os defendem materialistas, consideramos importante identificar dentro do contexto esportivo essas relações, uma vez que o

Esporte é um fenômeno de destaque dentro das sociedades (sendo ela um sistema capitalista ou socialista).

Ser materialista é tentar observar uma ligação entre teoria e prática, é tentar ver o lado prático dos problemas, tendo domínio do seu pensamento e da sua ação. Em seus estudos POLITZER (1987) afirma que: “O materialista é o que sabe reconhecer, em todas as situações, que sabe concretizar onde está o ser e onde está o pensamento”.

A grande pergunta que a filosofia se fazia era tentar explicar e compreender o mundo. Podemos dizer que a nossa grande questão uma vez que a partir das ciências e da filosofia, intensificadas pelos estudos de Marx e Engels tendo fundamentado uma resposta para a filosofia, o nosso questionamento é tentar compreender o cenário esportivo a partir da compreensão de sociedade deles para podermos transformá-lo.

Verificando essas relações de Poder dentro do desenvolvimento da Educação e ao lembrarmos-nos da divisão da sociedade em classes e que a Educação foi modelada e transformada por conta dos interesses da classe dominante.

Essa classe dominante era constituída pelo Estado e pela Igreja, tendo o Estado sendo substituído ao decorrer da história até a revolução burguesa, quando a burguesia acabou com o feudalismo e se manteve no poder até os dias de hoje.

Assim, o Estado e a Igreja foram direcionando a Educação de acordo com seus interesses, mantendo sempre uma disputa entre eles para ver quem se prevalecia diante do outro. E foi assim que educação chegou à escola laica que conhecemos hoje.

As relações de poder e a busca por ele foram quem transformou a educação desde o início dos tempos, no Esporte as coisas aconteceram de modo semelhante.

Usando como exemplo a Educação do Homem Antigo e os seus métodos organizacionais e os seus meios educacionais também foram modelados de acordo com os interesses das classes dominantes, uma vez que a divisão de classes dentro da sociedade já havia se estabelecido.

Para ser eficaz, toda educação imposta pelas classes proprietárias deve cumprir as três finalidades essenciais seguintes: 1 destruir os vestígios de qualquer tradição inimiga, 2 consolidar e ampliar a sua própria situação de classe dominante e 3 prevenir uma possível rebelião das classes dominadas. *No plano da educação, a classe dominante opera, assim, em três frentes distintas, e ainda que cada uma dessas frentes exija uma atenção desigual segundo as épocas, à classe dominante não esquece nunca.* (PONCE, 2001, p.36)

Isto é, tendo o Poder de decidir os rumos da Educação o Estado a modelava da maneira que desejava, para que conseguisse garantir sua presença dentro da classe dominante e é claro não perder seu poder de tomar decisões.

Já na Educação do Homem Feudal as relações passaram a estruturar-se a partir do Estado, da Igreja e dos trabalhadores. Os escravos se tornaram homens livres, pois eles passaram a produzir menos do que custava a sua manutenção.

A Igreja passou a ter mais participação dentro dos caminhos da sociedade, disputando com o Estado o domínio sobre o sistema educacional, transformando totalmente o seu caráter primitivo da educação espontânea e do homem antigo.

As transformações que a sociedade sofreu durante o feudalismo impuseram no domínio religioso, em relação à Antiguidade, algumas diferenças de importância, ainda que não de molde a alterar o seu conteúdo de classe. A religião cristã, que nos seus começos encarnou os ideais confusos, mas rebeldes,

dos explorados de Israel, encontrou entre os romanos que nada possuíam uma atmosfera propícia para a sua difusão. **Perseguido a princípio como uma ameaça, o cristianismo foi atenuando pouco a pouco o seu ímpeto inicial, de tal modo que, quando, no decorrer de poucos séculos, se transformou na religião do Império, ele já havia perdido totalmente a sua primitiva significação. Os gritos contra a propriedade privada e contra a exploração por parte dos poderosos, que ressoaram, todavia durante algum tempo entre os primeiros padres da Igreja, foram-se extinguindo, não sem o protesto das massas.** (sem grifo no original) (PONCE, 2001, p. 85).

A Educação no período feudal acontecia através dos mosteiros, isto é, a Igreja passou a ter participação ativa no sistema educacional. Porém, a Igreja fornecia a instrução para a população de acordo com os seus interesses individuais, uma vez que agora o Estado dividia (não por vontade própria) a situação de classe superior dentro da sociedade.

Apressemos-nos a esclarecer que nessas escolas – as únicas que podiam ser freqüentadas pela massa – não se ensinava a ler, nem a escrever, a finalidade dessas escolas *não era instruir a plebe, mas familiarizar as massas camponesas com as doutrinas cristãs e, ao mesmo tempo, mantê-las dóceis e conformadas.* (PONCE, 2001, p. 89)

Com o passar de dois séculos, e à medida que o Império foi se reconstruindo, os mosteiros foram criando escolas para crianças que seriam destinadas a vida monástica e escolas chamadas de “externas”, que se destinavam aos clérigos seculares e alguns nobres que queriam estudar.

Uma característica importante da Educação feudal era o ensino baseado também na formação de cavaleiros que com a queda do regime feudal foi excluído da sociedade.

Presenciamos então, um domínio efetivo da Igreja. A Igreja agora cumpre o mesmo papel que o Estado tinha anteriormente, ela agora manipulava todo o sistema educacional para benefício próprio.

Percebemos então que os caminhos que a Educação traçou foram decididos pela classe dominante a partir do principal objetivo dela que era se manter com o Poder. As relações entre Igreja e Estado eram mantidas para que eles pudessem controlar a classe trabalhadora, porém entre eles, a disputa era cada vez mais intensa para ver quem poderia ter mais influência sobre os métodos educacionais.

Existiam dentro da sociedade duas classes que influenciavam na Educação. Para que seus filhos continuassem a ter sua posição social, a classe dominante manipulava o estilo de ensino que as crianças recebiam assim a classe proletária sempre receberia um ensino de qualidade inferior dos da classe dominante.

O Esporte por sua vez teve seu desenvolvimento baseado na relação estabelecida entre Juan Antonio Samaranch – Horst Dassler – João Havelange.

Esses três homens movimentaram o processo de desenvolvimento do Esporte. Como está presente na nossa revisão de literatura, vimos que Juan Antonio Samaranch teve participação ativa no governo fascista da Espanha. SIMSOM e JENNINGS (1992, p. 83) relatam em seus estudos que:

Muitos espanhóis emigraram, ou deram as costas para a política, esperando que um dia a democracia retornasse a seu país. Samaranch não; ele vestiu a camisa azul do fascismo e desfilou pelas ruas, fazendo a saudação fascista. Fez carreira, tornando-se parlamentar, membro fascista do Conselho da Cidade de Barcelona, presidente do Conselho Regional Catalão e, por algum tempo, ministro dos esportes fascista. Ele saudou e apoiou o líder de um sistema político renegado e boicotado pelas democracias ocidentais.

O interessante em analisar nesse momento é como um homem tão envolvido na política de seu país foi ter o ápice de sua carreira política no movimento

esportivo. Samaranch conseguiu unir dois aspectos, inicialmente contraditórios em benefício de um único objetivo: a sua ascensão ao poder.

Podemos pensar que uma coisa não leva a outra, porém o passado fascista de Samaranch nada teve com o movimento olímpico. Porém procuramos explicações para o fato do presidente do COI percorrer o mundo como guardião do ideal olímpico e ainda continuar a erguer o braço direito para fazer a saudação fascista em manifestações políticas, como afirmam SIMSON e JENNINGS (1992, p.83).

Nas Olimpíadas de Barcelona foi a primeira vez que Samaranch teve grande destaque depois da morte do general Franco. Durante o fascismo o Esporte não passava de uma propaganda vigorosa de credibilidade do regime ditatorial, e foi através do esporte que Samaranch obteve sucesso para si mesmo.

Foi ele quem reinventou o movimento olímpico de acordo com as suas perspectivas políticas, ele transformou o cargo de presidente do COI em um cargo que tem destaque internacionalmente.

Para conseguir tal feito, Samaranch iniciou sua carreira do esporte como boxeador. Deixou o papel de atleta rapidamente e resolveu se tornar dirigente. Ele viu potencial no hóquei sobre patins, e logo transformou a modalidade em “pão e circo” para o povo, durante regime fascista, enquanto a maior parte da população passava fome. (SMIT, 2007)

Ele conseguiu fazer do hóquei um sucesso, pois ele mesmo patrocinou a ascensão da modalidade. Como provêm de uma rica família da indústria têxtil, ele tirou do seu bolso os investimentos na modalidade, e assim comprou seu sucesso na política esportiva. Samaranch viu no esporte o sucesso dentro da Política.

Perguntamos-nos nesse momento, se realmente o Esporte nada tem a ver com a Política, uma vez que o seu principal representante, o utilizou para chegar ao Poder.

Que Poder seria esse, poderíamos nos perguntar. Como o Esporte, pode ser um fenômeno que influencia tanto na sociedade?

O fato é que não foi somente o hóquei sobre patins que serviam de pão e circo para a população, todas as modalidades cumpriam e queremos crer que muitas vezes ainda cumprem esse papel.

Samaranch apenas notou que o poder esportivo seria viável para ele, uma vez que o regime ditatorial espanhol foi derrotado. O presidente do COI é um exemplo perfeito para definirmos quem é ou não burguês.

Vindo de família renomada dentro da indústria, é claro que Samaranch teve acesso a todo o tipo de instrução necessária para que pudesse manter os negócios da família em boas condições. Ser um capitalista selvagem dentro da indústria não bastava para ele, recorreu ao regime ditatorial e depois ao Esporte, até conseguir o que realmente queria: Poder e reconhecimento.

Percebemos então uma ânsia ao Poder que o presidente do COI obteve durante a sua vida. Primeiramente gostaríamos de perguntar se realmente o Esporte não tem participação efetiva dentro da sociedade?

Uma vez que o seu principal dirigente é originário da política estatal e que teve sua proposta ideológica derrotada dentro do Estado, para obter um novo Poder, ele se dirigiu ao esporte.

Paremos um instante para refletir sobre qual era o Poder que Samaranch almejava. Inicialmente esse Poder tinha um caráter fascista, ao perder a

possibilidade de continuar o possuindo, Samaranch não pensou duas vezes para tentar o Poder dentro do Esporte.

Lembremos da frase “(...) o poder que eu possuo é contrapartida do fato de que alguém não o possui”, dita por LEBRUN (2001, p.18), talvez não importasse qual o tipo do Poder, mas sim o fato de tê-lo de alguma forma, em algum vertente da sociedade.

Mas é fato que foi o passado fascista de Samaranch que lhe proporcionou acesso ao movimento esportivo, tanto quanto a sua origem burguesa que foi o que financiou suas ganâncias.

A hereditariedade dentro das classes sociais aparece nesse momento. Uma vez que filhos de burgueses continuam a ser burgueses e filhos de proletários continuam a ser proletários, observamos que a distinção de classes pode proporcionar muito aos filhos da classe dominante.

Estamos diante de um fato que argumenta que o Esporte é dirigido em um determinado aspecto pela classe dominante, o Poder esportivo também esta nas mãos deles. Como o burguês utiliza o Poder para manter sua posição privilegiada socialmente, possuindo o Poder dentro do cenário esportivo isso não seria diferente. O Poder esportivo seria mais um dispositivo para manter a classe dominante com privilégios.

Mas para chegar à presidência do COI Samaranch teve a ajuda de pessoas como Horst Dassler para intensificar essa participação do esporte nos rumos da sociedade.

Foi preciso que os irmãos Rudolph e Adolf Dassler fundassem sua pequena empresa de calçados esportivos em uma grande mantenedora do Esporte olímpico.

Com a briga que originou as empresas Adidas e Puma, e a concorrência familiar para o esporte tornar-se o que ele é atualmente.

Com a supremacia da Adidas sobre a concorrente, o herdeiro de Adolf, Horst foi quem impulsionou a indústria de patrocínio esportivo. Podemos classificar Horst Dassler, como sendo um burguês também.

Como já relatamos a participação da Adidas foi essencial para o Esporte se tornar espetáculo, e chegar ao nível de comercialização que presenciamos hoje.

Poder-se-ia ver o esporte como algo inofensivo, mas ele não o é. Foi essa prática, dita até certo ponto “inofensiva” que proporcionou esses dois homens a posição de poder que eles representam ou no caso de Horst representaram dentro da indústria esportiva.

Mas para chegar a ter influência sobre o COI, e mais especificamente sobre a eleição de Samaranch para o COI, foi necessário que Dassler se envolvesse em uma modalidade específica: o futebol.

Como já apresentamos o brasileiro João Havelange foi o presidente da FIFA, que tornou a entidade o que ela é nos dias de hoje.

Enquanto Samaranch e Dassler estavam preocupados em financiar os eventos esportivos e os seus atletas, Havelange se preocupou em fazer Política e promessas para chegar a um cargo esportivo.

Iniciou na Federação de Natação Paulista e assim chegou ao Comitê Olímpico Brasileiro, mas vendo que o futebol era a modalidade central de seu país e era a modalidade que cumpria de forma mais eficiente o seu papel de distrair o povo, Havelange saiu fazendo campanha eleitoral por dois anos pelo mundo.

João Havelange iniciou sua carreira no mundo dos negócios, cuidou de importações e exportações de aço, mineração, produtos químicos e transporte.

O presidente da FIFA na época, quando se deparou com as promessas feitas por Havelange, recorreu a Horst Dassler para tentar se reeleger presidente da entidade.

Os esforços de Dassler para ajudar o inglês que presidia a entidade foram em vão, Havelange ganhou as eleições assim mesmo. Mas para Horst a tentativa trouxe alguns benefícios, pois ele viu em Havelange e na FIFA uma nova forma de divulgar a Adidas e aumentar o seu domínio sobre o movimento esportivo.

Dassler e Havelange uniram forças para colocar em prática às promessas feitas pelo então presidente eleito da FIFA. Para tornar suas promessas realidade Dassler recorreu a Patrick Nally, que permaneceu durante um ano atrás da empresa Coca – Cola e a convenceu de patrocinar somente o futebol.

Foi assim que Havelange conseguiu cumprir todas as promessas feitas, Dassler conseguiu divulgar a Adidas e torná-la a principal empresa fornecedora de artigos esportivos da modalidade, a Coca – Cola teve sua marca ainda mais divulgada internacionalmente e continuou a financiar a modalidade e a FIFA tornou-se essa potência no cenário das Federações Esportivas. Foi essa ascensão que despertou em Dassler o interesse de fazer com o COI o mesmo que havia feito com a FIFA.

Os preparativos para Moscou marcaram um momento de transição na relação da Adidas com o COI. Durante os anos anteriores, Horst Dassler havia obtido inestimáveis benefícios através da sua relação pessoal com João Havelange presidente da Fifa. Não se podia imaginar o que aconteceria se a Adidas conseguisse os mesmos privilégios no COI. A eleição para a presidência do órgão aconteceria logo ante das Olimpíadas de Moscou, e, dessa vez, Horst certificou-se de apoiar o lado vencedor desde o início. (SMIT, 2007, p.216)

Foi através de um dos funcionários da Adidas da França, Christian Jannette, que Horst e Samaranch se conheceram. Foi Jannette que marcou um encontro entre os dois em setembro de 1973.

Foi nesse encontro que os dois homens mais importantes do mundo dos esportes concordaram que poderiam chegar ao Poder juntos. Combinaram que se Samaranch chegasse à presidência do COI, ele abriria as portas para Horst, em troca ele teria o dinheiro levantado pela Adidas para ajudá-lo a reforçar sua posição.

Pouco depois da morte de Franco em 1975, Samaranch já começou a cumprir sua parte do acordo, ele convenceu o governo de mandá-lo para Moscou tendo em vista o fato da Espanha ainda não ter um embaixador na União Soviética, pois lá estariam todas as pessoas relevantes em relação às Olimpíadas.

Quando chegou a Moscou, Samaranch e sua esposa promoveram diversas festas para os dirigentes esportivos. Assim de forma semelhante à Havelange, Samaranch engajou uma campanha aberta pela presidência do COI, que foi baseada no princípio de *ethos* amadorístico.

No dia 16 de julho Juan Antonio Samaranch foi eleito presidente do COI, no mesmo dia à noite, Samaranch comemorava a vitória ao lado de Dassler.

Para cumprir seu lado do acordo Samaranch ajudou Dassler e Nally a conseguirem os direitos de vendas sobre o símbolo das Olimpíadas, os anéis olímpicos.

Mesmo tendo passado por algumas dificuldades para conseguir os direitos de vendas dos anéis olímpicos, devido ao fato de que o direito sobre a comercialização dos anéis estava dividido entre todas as Confederações Nacionais filiadas ao COI, com a ajuda de Samaranch, Dassler e Nally puderam fazer com o COI o mesmo que haviam feito com a FIFA.

Ao inserirem no cenário olímpico o seu método de patrocínio esportivo vendendo o direito de vinculação de imagem dos anéis olímpicos, Dassler, Nally e Samaranch fizeram as Olimpíadas de Los Angeles em 1984, serem as primeiras a dar lucros significativos à cidade que os sediava e as empresas que investiram nos jogos.

Foi assim que esses três homens mudaram os rumos do Esporte olímpico. As relações e os acordos que eles fizeram entre si foram essenciais para o Esporte se tornar esse espetáculo e esse produto que presenciamos hoje.

A Adidas e sua disputa com a Puma deram início ao patrocínio esportivo e investiram incansavelmente para uma empresa tentar superar a outra. Com a ascensão da Adidas e o Poder que Horst Dassler foi acumulando no decorrer dos anos, ele testou com a FIFA de Havelange a possibilidade de outras empresas investirem dentro do Esporte, para ele gerar mais lucros para todos e conseqüentemente ajudar a manutenção de domínio que esses homens almejavam ter através do Esporte.

A Adidas, o COI, a FIFA, a Coca – Cola entre as diversas empresas que investiam no Esporte são típicas empresas capitalistas. Elas visavam constituir um único objetivo: acumular cada vez mais dinheiro e, por conseguinte cada vez mais Poder.

Esses homens destinaram as suas vidas para conseguir o Poder, e eles o conseguiram através do Esporte. Eles impregnaram no Esporte a essência do capitalismo, que é o acúmulo de riquezas insaciavelmente e individualmente.

Foram essas relações impulsionaram o Esporte a sua passagem do amadorismo ao profissionalismo.

O Poder que Dassler e Havelange almejavam não se difere das intenções de Samaranch. Apesar deles não terem tido um passado interligado as políticas governamentais de seus países, ambos chegaram à posição que ocuparam por conta da posição social que suas famílias tinham.

Se a partir do materialismo – histórico - dialético compreendemos o cenário atual da sociedade a partir da divisão de classes sociais, como podemos nos referir ao esporte dizendo que ele é uma exceção a regra, uma vez que partimos da premissa que seus dirigentes são todos de origem burguesa?

Percebemos que os dirigentes esportivos manipulam suas posições de Poder, para estabelecer relações políticas com dirigentes de outros aspectos do mundo esportivo que também são essenciais para o seu sustento, no caso aqui com uma empresa de artigos esportivos e uma Federação desportiva de uma modalidade específica.

Estabeleceu-se então uma classe dirigente dentro do Esporte que lidera o movimento olímpico, e como toda classe dominante que se preze, não seria surpresa eles não desejarem deixar seus cargos de Poder dentro do Esporte.

Assim podemos defender que o Esporte foi transformado a partir das relações de três homens burgueses que chegaram à presidência de entidades esportivas (COI e a FIFA) e no caso de Dassler, por uma empresa de artigos esportivos herdada de seu pai que teve participação efetiva no governo nazista de seu país.

A diferença da Educação para o Esporte é que a sua classe dominante almejava o Poder dentro da sociedade, e mesmo tendo duas vertentes que seriam o Estado e Igreja que disputavam entre si, ambos continuavam e continuam com o Poder.

O Esporte teve três vertentes distintas, mas elas travavam relações entre si, para conquistar o poder em três cenários diferenciados: na indústria de artigos esportivos, no movimento olímpico e em uma Federação desportiva, no caso apresentado a FIFA.

O Esporte surgiu com seu caráter amador, tendo ele modificado a partir das disputas que ocorriam entre a família Dassler. Por conta desse fato, o Esporte foi transformado em duas categorias: os dirigentes (Federações, COI e etc.) e as empresas que desejavam investir no esporte, que compõem a classe dominante, pois são eles que ditam e modificam quando querem os caminhos que o Esporte deve seguir e os atletas e os fãs e ou consumidores do Esporte que compõem a classe dominada.

Pois são eles quem fazem o Esporte, dentro dos espaços de competições no caso dos atletas, e fora desses espaços no caso das pessoas que consomem essas competições, mas mesmo sendo os propulsores dos acontecimentos, eles agem da forma que mais beneficia os dirigentes esportivos, sendo a face mais expressiva, portanto do Poder nessa área.

Por conta disso, o lado Adidas da família Dassler traçou relações com uma só modalidade, o futebol comandado por João Havelange. Essa relação testou se era realmente possível direcionar a modalidade de forma cada vez mais eficaz para aumentar o Poder de Dassler e Havelange dentro do cenário esportivo.

Com os resultados do teste sendo os melhores possíveis, Dassler tratou de traçar relações com o COI para chegar ao ápice do Poder dentro do movimento olímpico como um todo.

Ou seja, o Esporte foi transformado de acordo com os interesses da classe dominante. Inicialmente pela astúcia de Dassler de tornar a Adidas a principal

fornecedora de artigos esportivos, e assim foi criando possibilidades para isso acontecer e nos dias de hoje ele é regido de acordo com os interesses dos novos dirigentes e entidades esportivas.

Na Educação os membros das classes superiores iam sendo substituídos pelos seus filhos, em um processo de pura hereditariedade, no Esporte não é diferente.

O acesso ao mundo dos dirigentes acontece por ordem hereditária ou muitas vezes não, mas quem assume os principais cargos dentro das entidades esportivas são os filhos dos que já estão no Poder ou políticos que provém da política estatal. Uma coisa é certa, sempre são membros da classe opressora que assumem o poder desportivo, fora dessa suposta “regra”, por assim dizer, podemos considerar uma “heresia esportiva”.

A implantação do sistema capitalista de produção, provindo da revolução burguesa influenciou o campo esportivo, que hoje representa um fenômeno que interfere consideravelmente, para não dizer “interfere e muito”, nos rumos que a sociedade segue.

É certo que esses homens não almejam o poder esportivo por nada, e o restante da classe dominante também não modifica essa situação por ela cumprir um papel mais importante dentro da sociedade, do que somente medalhas de ouro, prata ou bronze para os atletas e seus respectivos países.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Sem amor não há encontro, não há diferença, resta à escuridão do individualismo, do ser incapaz de relação.”

O presente estudo tinha como objetivo tentar traçar supostas analogias entre o desenvolvimento da educação com o desenvolvimento do esporte. Porém ao final da pesquisa nos deparamos com algumas “certezas”, onde conseguimos realmente identificar algumas relações que contrariam todo o discurso em torno do esporte.

Tentamos ao longo desses dois anos entender como a educação foi utilizada para fortalecer a classe dominante no poder. A partir disso, como consideramos o esporte uma ferramenta ideológica do mundo atual, tentamos identificar dentro do contexto esportivo as relações que comprovassem tal característica do esporte moderno.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o contexto esportivo a partir de um diferente panorama que não seja a técnica e a tática do desporto. Para isso, decidimos utilizar o método do materialismo dialético para estarmos entendendo a sociedade em que vivemos.

A partir das análises que realizamos pudemos perceber que as relações de poder são essenciais para que a classe dominante possa movimentar o cenário econômico e político. Percebemos que nos dois fenômenos destacados, Educação e Esporte identificamos as relações desejadas.

Vimos que no desenvolvimento da Educação a transformação dos modos de produção que se tornaram capitalistas foi essencial para estabelecer as relações econômicas. Pois foi partindo do lucro que o Estado e a Igreja conseguiram se manter dentro da classe dominante, lembremos que a Igreja cumpriu um papel de “agiota” para a população, ela emprestava dinheiro e depois cobrava custos altíssimos para enriquecer cada vez mais.

No Esporte a ascensão econômica da empresa de Horst Dassler, que impulsionou o patrocínio esportivo e no decorrer da história ajudou a FIFA e o COI a se tornarem entidades com um lucro considerável, transformando o cenário esportivo em um espetáculo.

Tanto na Educação quanto no esporte foi preciso que se estabelecessem relações políticas entre os dirigentes que gostariam permanecer na posição em que estavam.

O Estado e a Igreja disputavam pelo comando dos meios de ensino, mas se a população de dispersava e de alguma forma eles se sentiam ameaçados eles uniam forças para acalmá-la.

Foi a partir do movimento olímpico que os países capitalistas e socialistas do século XX fortaleceram relações, para que ambos os lados pudessem ser beneficiados de alguma maneira, mesmo os dois lados querendo se sobressair um sobre o outro.

Esses fatos ocorriam devido à posição de poder que cada membro dessa história obtinha. Na Educação o Estado e a Igreja tinham uma representação ativa, uma vez que um determinava os meios de trabalho dentro da sociedade e o outro fornecia a ela os preceitos religiosos para o proletariado compreender e aceitar a vida que levavam.

No Esporte, os países socialistas e capitalistas precisavam manter uma boa imagem internacionalmente e fazer isso através dos jogos era um ótimo passo.

Para mascarar todos esses acontecimentos e sustentar as maravilhas que as classes dominantes dizem que o Esporte é a Educação pode trazer para os indivíduos esta a Ideologia.

Dentro de a Educação fazer com que a população estudasse a partir dos ensinamentos religiosos propostos pela Igreja, era uma forma de mostrar para a população que eles estavam recebendo instrução, mas ao mesmo tempo estavam recebendo uma intensa aula sobre Deus que acalmavam os seus brios.

Se os dirigentes esportivos não tinham nenhum interesse em uma possibilidade de ascensão pessoal através do esporte, como explicaríamos as “jogadas” de Primo Nebiolo que usou sua posição dentro da IAAF para conseguir explorar os coreanos e ainda ameaçar tirar o Atletismo dos Jogos Olímpicos.

Poder-se-ia dizer que as relações ideológicas dentro do Esporte estão vinculadas às relações de trabalho, o que faz com que as práticas ilícitas citadas sejam “normais e necessárias” no ambiente que ele está inserido. Mas não podemos esquecer da religiosidade presente dentro do esporte.

A religião ainda é muito utilizada como explicação dos bons ou maus desempenhos que os atletas têm, pois eles fazem associações a deuses, santos e alguns rituais. As equipes de futebol, ainda rezam um pai nosso e uma ave Maria antes de entrar em campo.

Existem atletas que só entram para competir se derem seu primeiro passo com o pé direito, como por exemplo, a jogadora Érika que jogou na seleção brasileira de voleibol, ela entra em quadra com o pé direito, toca o solo, com a mão direita, leva a mão a face faz o sinal da cruz e termina beijando os seus dedos.

Os técnicos de futebol se apegam a várias correntes de santos para conquistar um título, um exemplo, foi na final da Libertadores da América do ano de 2005, entre São Paulo e Atlético – PR, que o técnico do time paranaense Antonio Lopes, durante o jogo inteiro não desgrudou das suas correntes de santos.

Enfim, as Ideologias em torno do esporte são o que fazem com que os dirigentes esportivos consigam realizar as manobras mais inadmissíveis para conseguir cada vez mais conquistar o poder dentro do esporte.

Muitos de nós somos vítimas de uma comercialização esportiva para gerar lucros para uma pequena classe, que coloca sem piedade essas ideologias dentro

de nossas casas através dos meios de comunicação e por conta disso, hoje muitos meninos sonham em ser um Ronaldinho Gaúcho, e muitas meninas sonham em se tornar uma Marta.

O que a mídia esquece de lhes dizer, é que nem todos conseguiram se tornar atletas de alto rendimento bem sucedidos. Ao contrário, eles continuam defendendo a idéia de que tudo é possível quando você supera os seus obstáculos, enquanto nós presenciamos as crianças e adolescentes enlouquecidos por um corpo mais bonito, que lhes traga fama e dinheiro. Que mundo é esse que estamos construindo, uma vez que muitos assistem isso de braços cruzados.

A idéia central era exatamente identificar dentro da história do esporte fatos que comprovassem que o ele foi transformado por conta do tipo de sociedade em que vivemos. E que é essa sociedade que o impulsiona e o mantém na posição que ele ocupa atual

Todo esse tempo quis defender a necessidade de mudança dentro da sociedade para que nós não continuemos a assistir esse mar de miséria que se aflora cada vez mais diante dos nossos olhos.

Sinto que estamos sentados apenas esperando alguma onde nos atingir, enquanto isso nos a única coisa que nos preocupamos é lutar pela nossa sobrevivência, mas a maioria de nós ainda não percebeu que é apenas questão de tempo para sermos atingidos e passarmos a fazer parte das estatísticas de miséria que assombram a população mundial.

Vivemos em um mundo que produz o dobro de alimentos para suprir à necessidade do globo terrestre, em contrapartida a fome aumenta a cada dia. Penso ser impossível não perceber isso.

Mas olhando para trás vejo quanto tempo vivi sem o perceber, e ainda observo as pessoas ao meu lado tocando suas vidas como se nada disso estivesse acontecendo a nossa volta.

A maioria das pessoas contribui para que a sociedade continue no caos que ela se apresenta, ou ajudando a classe burguesa a se manter com o poder ou apenas trabalhando em silêncio, fala-se obviamente dos que tem casa para pensar e agir assim.

Enquanto existem pessoas que esbanjam dinheiro, existem pessoas que ainda são analfabetos e não sabem escrever direito o próprio nome.

Essa desigualdade não esta muito distante de nós, alias ela esta mais próxima do que imaginamos. A maioria de nós esta cega, enquanto a classe burguesa esta cada vez mais certa do que precisa fazer para nos manter nessa cegueira social.

Agora como que eles conseguem manter os seus objetivo e concretizá-los diante de nós. Diria eu que por uma serie de instrumentos que eles desenvolveram ao longo de sua história e que aperfeiçoaram de acordo com a resposta que demos a eles.

Como estudante do ensino superior que em poucos meses se gradua e oficialmente esta apta para trabalhar dentro de uma escola, percebi ao longo desses quatro anos de curso que o esporte esta entre esses instrumentos.

O nosso problema dentro da pesquisa era como identificar essa participação do esporte como ferramenta da classe dominante. Não questionamos aqui a importância e os benefícios que a pratica esportiva trazem para o individuo que o pratica.

Me pergunto o porquê que essa prática tida como “inofensiva” movimentava tanto a sociedade em que vivemos. “Como que o esporte virou esse grande espetáculo que envolve cada vez mais dinheiro e pasmem são cada vez mais controvérsias as idéias que ele mesmo defende como, por exemplo, “Esporte é Saúde”, “Esporte é Educação” entre outras falácias.

Estando dentro da escola para ensinar crianças a serem cidadãs, não acredito e nem aceito a hipótese de dentro da aula de Educação Física propor a essas crianças uma prática somente para técnica.

Técnica essa que muitas vezes não conseguimos identificar através dos movimentos corporais realizados pelos alunos. Eles somente correm atrás da bola, já que as modalidades coletivas de quadra são as preferidas dos professores que atuam na escola atualmente.

Enquanto deixamos nossos alunos “jogarem bola” e entramos nas salas de aula sem nenhum compromisso político para com a sociedade, estamos contribuindo para essa agressão que a classe dominante faz com a grande massa.

Estamos ajudando o esporte a ser mais um meio de consumo para a população, que ao assistir as competições, comprar algum produto, apenas colabora para que esse movimento consumista e alienante se perpetue.

O estudo tentou identificar as relações econômicas, políticas, de poder e ideológicas dentro do desenvolvimento esportivo para poder então apontar que o esporte foi desenvolvido também pelos interesses da classe burguesa.

A partir da literatura sobre o desenvolvimento da Educação de Aníbal Ponce que já havia identificado essas relações dentro do desenvolvimento da Educação, traçando um paralelo comparamos os dois fenômenos.

Observamos que tais comparações são possíveis por conta de que às relações desenvolveram-se em alguns momentos de forma similar, pois ainda que tenham acontecido em diferentes períodos, com diferentes pessoas e mascaradas de diferentes formas o objetivo era o mesmo.

Os limites da pesquisa estão mais diretamente ligados na compreensão das literaturas utilizadas e na metodologia empregada.

Os limites são muitos, incontáveis eu diria. Os mais importantes a serem destacados nesse momento são a falta de utilizar diferentes literaturas dentro dos termos sociológicos para a compreensão do contexto.

Acredito que talvez se eu tivesse me curado mais cedo da minha “cegueira”³ e mergulhado intensamente nos caminhos a serem descobertos que a lucidez nos propõe, o estudo teria alguns avanços mais consideráveis.

Mas tenho certeza que esse estudo não termina aqui, alias não carrego comigo a certeza de que um dia ele terá fim. Mas sei que agora o momento é de ultrapassar os limites que ele apresenta.

É preciso que nesse momento nos aprofundemos mais em diferentes estudos para fundamentarmos com mais ênfase os resultados encontrados.

O próximo passo a meu ver seria então tornar a pesquisa “prática”. Tentar identificar dentro do contexto esportivo competitivo se é impossível dizermos que as classes dominantes têm uma determinada soberania dentro das competições. A idéia nesse momento seria buscar os resultados de determinadas competições.

Gostaria de ressaltar a importância da experiência dessa pesquisa em minha vida acadêmica. Ela foi essencial para eu descobrir o verdadeiro significado da profissão em minha vida.

³ Conferir José Saramago “Ensaio sobre a cegueira”.

Foi através dela que passei a ter contato com literaturas que jamais imaginei fazer e para poder aplicá-las na pesquisa, eu mudei completamente a minha compreensão da sociedade em vivo.

Para a profissão de educadora física que escolhi seguir, penso que esse estudo seja significativo e contribui para a profissão, pois somos uma área que critica a maneira que a sociedade nos denomina e boa parte de nós ainda insiste em erros grotescos como somente trabalhar a técnica esportiva dentro da escola.

Como profissionais que trabalham na formação de atletas e no esporte de alto rendimento também, devemos ter claro qual o projeto de sociedade que buscamos trabalhar, e com as contribuições feitas nesse estudo acredito fielmente que ele seja um documento que posso ajudar os profissionais a refletirem sobre o papel que desejam ter dentro da sociedade, e é claro que decidindo isso eles saberão de que lado estão: do lado de quem deseja somente explorar os outros e conseguir se manter com o poder, ou o outro lado que almeja a revolução desse processo de exploração revoltante que presenciamos.

Em todas as discussões que tive com meu orientador durante esses dois anos, ele sempre me instigava a pensar sobre qual seria o verdadeiro significado de pesquisa como essa para a área.

Inúmeras vezes me perguntei qual seria a contribuição de pesquisas que procuram identificar dados como esses. E se esses dados estão claros para os meus amigos e colegas de profissão.

Mas através das diversas conversas que tive e ouvi nos corredores com meus amigos ou conversas de desconhecidos mesmo, percebi que a maioria das pessoas não vêem a poderosa ferramenta que o esporte é dentro desse sistema capitalista em crise no qual vivemos.

Fazendo menção as ricas conversas que pude ter com meu orientador durante esses dois anos percebi que a importância de trabalhos como esse seria apontar, desmascarar, denunciar e acima de tudo propor e mostrar a importância de ações organizadas dentro desse contexto esportivo, para nós profissionais que participamos ativamente deles, essa eu acredito que seja a principal contribuição social que estudos como este podem oferecer as pessoas que desejam e lutam pela transformação radical da sociedade, para construirmos juntos um mundo mais justo e igual para todos.

5 REFERENCIAL

CERVO, A. L.; BREVIAN, P. A.; **Metodologia Científica**, São Paulo, Makron Books, 1996.

CORDI, SANTOS, BÓRIO, CORREA, VOLPE, LAPORTE, ARAÚJO, SCHLESENER, RIBEIRO, FLORIANI,JUSTINO, **Para Filosofar**, São Paulo, Scipicione,1999.

CHAUÍ, Marilena, **Convite à Filosofia**, São Paulo, Ática, 2002.

CHAUÍ, Marilena, **O que é Ideologia?**, São Paulo, Brasiliense, 1998.

FACHIN, Odília, **Fundamentos da Metodologia**, São Paulo, Saraiva, 2002.

LEBRUN, Gerard, **O Que é poder?**, São Paulo, Coleção Primeiros Passos, 1981.

MARX, Karl, ENGELS, Friederich, **O Manifesto Comunista**, Paz e Terra, 2006.

MIYAGIMA, Cláudio, **Produção do Conhecimento e a Relação com os Serviços na Saúde: (Des) Conexões entre Teoria e Prática**, 2005

OLIVEIRA, Silvio, **Tratado da Metodologia Científica**, São Paulo, Pioneira, 2000.

PONCE, Aníbal, **Educação e Luta de Classes**, São Paulo, Cortez, 2001.

POLITZER, Georges, **Princípios Elementares de Filosofia**, São Paulo, Moraes,1987.

SINGER, Paul, **O Que é Economia?**, São Paulo, Coleção Primeiros Passos, 1993.

SIMON, Vyv, JENNINGS, Andrew, **Os Senhores dos Anéis: Poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas**, São Paulo, Best Seller, 1992.

SMIT, Barbara, **Invasão de Campo**, Rio de Janeiro, Zahar, 2007.